



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ISANA CRISTINA DOS SANTOS LIMA**



**SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO MAL-ESTAR DOCENTE: O QUE  
PENSAM E SENTEM PROFESSORES EM INÍCIO DE CARREIRA**



Linha de pesquisa:

Ensino, Formação de Professores e  
Prática Pedagógica

**TERESINA  
2013**

ISANA CRISTINA DOS SANTOS LIMA

SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO MAL-ESTAR DOCENTE: O QUE PENSAM E  
SENTEM PROFESSORES EM INÍCIO DE CARREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na linha de pesquisa: Ensino, Formação de Professores e Prática Pedagógica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Vilani Cosme de Carvalho

TERESINA  
2013

## FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

L732s Lima, Isana Cristina dos Santos  
Significados e sentidos do mal-estar docente: o que pensam e sentem professores em início de carreira / Isana Cristina dos Santos Lima. – 2013.  
157f.: il

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.  
Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho

1. Psicologia Educacional. 2. Significados e Sentidos.  
3. Professores – Mal-estar. I. Título.

CDD 370.15

ISANA CRISTINA DOS SANTOS LIMA

SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO MAL-ESTAR DOCENTE: O QUE PENSAM E SENTEM PROFESSORES EM INÍCIO DE CARREIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd da Universidade Federal do Piauí – UFPI, na linha de pesquisa: Ensino, Formação de Professores e Prática Pedagógica, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Vilani Cosme de Carvalho (UFPI/PPGEEd)  
Orientadora

---

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares (UERN)  
Examinador Externo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina (UFPI/PPGEEd)  
Examinadora Interna

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Neide Cavalcante Guedes (UFPI/PPGEEd)  
Suplente

Aos professores que enfrentam os desafios da profissão dia após dia e lutam para nossa realidade melhorar.

## AGRADECIMENTOS

Para a realização desta Dissertação foi fundamental poder contar com o apoio e a contribuição de algumas pessoas e instituição. Portanto, gostaria de agradecer especialmente:

À minha orientadora, Maria Vilani Cosme de Carvalho, professora que passei a admirar quando a conheci e que desde então mora em meu coração. Busco aprender com ela o máximo possível, para que mesmo afastadas um dia, ela esteja perto de mim. Por me proporcionar uma visão ampla do que é a pesquisa, pelos seus ensinamentos, pelo apoio, pela confiança, pelos incentivos e pela amizade, que, espero, nunca acabem. Meus sinceros agradecimentos;

À professora Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina, por ter me mostrado um caminho novo; que não estou na academia para ser mais uma, mas para produzir e compartilhar novos conhecimentos por meio da pesquisa. À minha orientadora, que não tive no papel, mas que sempre esteve em meu coração, muito obrigada!

Ao professor Júlio Ribeiro Soares, pela disponibilidade em participar desse momento tão significativo em minha vida e pelas preciosas contribuições;

À professora Neide Cavalcante Guedes, que mesmo antes da seleção para ingresso no Mestrado, ao me encontrar nos corredores do CCE, incentivava-me demais para que eu investisse na pós-graduação. Agradeço também pelas contribuições no momento da Qualificação;

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPI por fazerem parte de minha formação;

Aos membros do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia da Educação (NEPPED), pelas aprendizagens e pela convivência gostosa a cada 15 dias, durante esses dois anos;

Às doutorandas Eliana de Sousa Alencar Marques e Cristiane de Sousa Moura Teixeira por contribuírem lendo, discutindo e sugerindo incessantemente sobre meu trabalho. Sem vocês este trabalho não seria o mesmo. Muito obrigada!

À professora participante de nossa pesquisa, pela disponibilidade e pela atenção durante esse processo.

À CAPES, pelo apoio financeiro, o que tornou viável a realização desta pesquisa.

À 19ª Turma, por cada momento que passamos, sejam eles difíceis ou divertidos. Em especial: Wanna, Rejane, Juliana, Josélia, Isolina, Ruth, Ana Maria, Lucienia, Genyvana, Ceíça, Rogéria, Rachymit e Wagnaldo;

À 20ª Turma, em particular à Fabrícia, à Joselina, à Suênia e à, “ixi” Léiaaaa!

Às turmas de Pedagogia do 1º período de 2012, manhã e, sobretudo, tarde, por terem me acolhido tão bem durante o estágio de docência da disciplina Psicologia da Educação II.

Às amigas da graduação, que sempre acreditaram na concretização deste sonho, que é chegar ao Mestrado e mais que isso, sair: Nádia, Eline, Blenda, Cleanne, Ana Paula, Adriana, Flávia, Kelly, Francisca, Ayla, Jamile, Rayane, Micaelhe, Mariana e Ana Rafaela;

À Carmesina, minha pequena notável, pelas palavras e pelas manifestações de incentivo. Sua amizade é muito importante para mim. Quando eu crescer, quero ser do seu tamanho, intelectualmente falando, se é que me entende.

Aos familiares, e aqui não posso deixar de citar minha madrinha Inês (*in memoriam*), que sempre apostou no meu sucesso e que se orgulharia deste momento. Onde quer que esteja muito obrigada!

Aos meus pais, Adalberto e Isabel, pelo apoio incondicional em todos os momentos que precisei. Amo vocês!

Obrigada, meu Deus, por colocar pessoas e instituição tão especiais em minha vida!

“Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro”.

Rubem Alves



## RESUMO

O presente trabalho é resultado da pesquisa que teve como objetivo geral investigar os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos por professores em início de carreira e suas relações com a identidade docente que está se constituindo. Os objetivos específicos foram: a) Identificar os sentimentos que os professores em início de carreira estão desenvolvendo em relação à profissão docente; b) Conhecer as expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente; c) Compreender como as vivências com professores que desenvolvem mal-estar docente constituem a identidade dos professores em início de carreira. A opção teórico-metodológica da pesquisa foi pela Psicologia Sócio-Histórica de Leontiev (1978), Luria (1991) e Vygotsky (1998). Como procedimentos metodológicos, foram utilizadas entrevistas estruturadas (TRIVIÑOS, 2009); entrevista narrativa (FLICK, 2009) e observação sistemática (GIL, 1999) para apreender os significados e os sentidos do mal-estar docente de uma professora em início de carreira. A análise dos dados foi feita seguindo a lógica do procedimento metodológico denominado Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006). Os resultados apontam que a professora inicialmente sentiu temor e medo, mas foi superando, e passou a se sentir satisfeita e realizada, embora a convivência com as professoras que proporcionaram mal-estar docente lhe cause insatisfação. As expectativas indicam sua identificação com a profissão docente, pois deseja que os alunos aprendam e se desenvolvam; que os pais se envolvam cada vez mais; aspira que os conflitos entre as professoras findem; e que haja valorização profissional do professor e de seu trabalho. Sobre sua convivência com as professoras com mal-estar docente, a professora declarou viver conflitos na escola, apesar de ter sido bem recebida nos primeiros meses, porém mostra-se resiliente. A análise das zonas de sentidos do mal-estar docente revela que ser professora dá continuidade à constituição da sua identidade docente.

**Palavras-chave:** Significados e sentidos. Mal-estar docente. Identidade do professor.

## ABSTRACT

This work is the result of the research aimed at investigating the meanings and the senses of the teaching malaise produced by teachers in the beginning of their careers and their relationships with the teacher identity that is being formed. The specific objectives were: a) To identify the feelings that teachers in the beginning of their careers are developing in relation to the teaching profession; b) To Know the expectations of teachers in the beginning of their career in relation to the teaching profession; c) To understand how experiences with teachers who develop teaching malaise constitute the identity of teachers in the beginning of their careers. The theoretical and methodological option was the Socio-Historical Psychology of Leontiev (1978), Luria (1991) and Vygotsky (1998). As a methodological procedure, were used structured interviews (TRIVIÑOS, 2009); narrative interview (FLICK, 2009) and systematic observation (GIL, 1999) to apprehend the meanings and senses of teaching malaise of a teacher in the beginning of her career. Data analysis was performed following the logic of methodological procedure called Nuclei of Meaning (AGUIAR; OZELLA, 2006). The survey results indicate that the teacher initially felt awe and fear, but overcame and began to feel satisfied and fulfilled, although the living with the teachers who developed teaching malaise causes her dissatisfaction. Expectations indicate her identification with the teaching profession because she wants students to learn and develop; that parents get more and more involved; wishes that conflicts among teachers finish and that there is professional appreciation of teachers and their work. About her experience with the teachers who developed teaching malaise, the teacher declared to live conflicts in school, in spite of having been well received in the first months, however proves resilient. The analysis of zone senses of teaching malaise reveals that being a teacher gives continuity to the constitution of her teaching identity.

**Keywords:** Meanings and senses. Teaching malaise. Teacher Identity.

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> – Pré-indicadores produzidos com base na entrevista narrativa .....	51
<b>QUADRO 2</b> – A construção dos indicadores .....	57
<b>QUADRO 3</b> – Dos indicadores aos Núcleos de Significação .....	66

## **LISTA DE SIGLAS**

CMEI – Centro Municipal de Ensino

E.M – Escola Municipal

EN – Entrevista Narrativa

HP – Horário Pedagógico

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação

PSH – Psicologia Sócio-Histórica

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

UFPI – Universidade Federal do Piauí

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E DE SENTIDOS DO PROFESSOR ARTICULADA AO SEU MODO DE SER</b> .....	20
2.1 Pressupostos teóricos sobre o homem e suas relações com o mundo objetivo .....	21
2.2 Constituição subjetiva do professor e o processo de significação .....	22
2.3 Tornar-se professor: a categoria identidade .....	29
<b>3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	38
3.1 Abordagem metodológica .....	39
3.2 Procedimentos metodológicos .....	40
3.2.1 Contexto da pesquisa e a participante .....	40
3.2.2 Processo de construção dos dados .....	43
3.2.3 Processo de análise dos dados e interpretação dos resultados .....	46
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS: DOS PRÉ-INDICADORES AOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO</b> .....	50
4.1 Os pré-indicadores oriundos da narrativa .....	51
4.2 Aglutinação dos pré-indicadores em indicadores .....	56
4.3 Organização dos Núcleos de Significação .....	66
<b>5 OS SIGNIFICADOS E OS SENTIDOS DO MAL-ESTAR DOCENTE NA VOZ DA PROFESSORA EM INÍCIO DE CARREIRA</b> .....	69
5.1 Sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação <i>versus</i> satisfação e realização profissional .....	70
5.2 Múltiplas expectativas em relação à profissão docente.....	79
5.3 Sobre o mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita .....	88
5.4 Desafios e possibilidades de ser professor .....	93
5.5 A relação da professora em início de carreira com o mal-estar docente e suas relações com a identidade docente que está sendo constituída .....	100
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	102
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	106
<b>APÊNDICES</b> .....	110

## 1 INTRODUÇÃO

Transformações que ocorrem no contexto político, econômico, social e cultural têm impactos na escola e, por extensão, na profissão docente. Os impactos na profissão docente acontecem, por exemplo, pelas transformações como surgimento de novas tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem, o desenvolvimento de novas fontes de informações alternativas às escolas, nova configuração familiar dos alunos e o aumento de exigências em relação ao professor. Pesquisas como as de Carlotto (2002), Estrela (2010) e Zaragoza (1999), dentre outras, mostram que o fato de o professor, por exemplo, não conseguir acompanhar as transformações relativas à sua profissão faz com que ele desenvolva sentimentos negativos a respeito de suas expectativas sobre a mesma, o que pode impactar negativamente na constituição da identidade docente.

Os estudos no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) sobre a profissão docente e minha<sup>1</sup> participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) possibilitaram-me compreender alguns aspectos em relação ao cenário educacional, como a formação do professor, seu trabalho e seu *status* social. Entendo, por exemplo, que ao professor são atribuídas diversas funções que apontam indefinição na sua atividade profissional na sociedade. Essa situação gera sentimentos que caracterizam mal-estar docente que, conseqüentemente, gera crise de identidade em que o professor apresenta diferentes reações. Entre as reações dessa crise são identificadas: a ansiedade, a irritação excessiva, o estresse e a perda do senso de humor (MARTINS, 2007).

No meu processo de formação inicial, na realização dos estágios extracurricular e curricular na educação infantil e ensino fundamental, respectivamente, convivi com professoras insatisfeitas com sua profissão. Essa convivência foi importante para que eu questionasse se minha escolha profissional era acertada. Em diversos momentos ficava me perguntando se essa era a carreira que queria seguir.

---

<sup>1</sup> Neste capítulo há o predomínio do uso da 1ª pessoa do singular por se tratar de uma narrativa de vida em que relato vivências pessoais de minha trajetória acadêmica.

Fiquei ansiosa para começar os estágios de docência, pois sentia a necessidade de ter experiência com a sala de aula na condição de professora, mas como o estágio curricular só acontecia no 9º período do Curso, no 3º período fiz o teste seletivo para estágio extracurricular na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Teresina (SEMEC). Após a aprovação no teste, assumi a vaga de professora auxiliar em um Centro Municipal de Ensino Infantil (CMEI) na zona norte de Teresina. Nessa escola, percebi que as professoras viviam em conflitos entre si, devido ao clima de competição criado por elas mesmas. Essa situação vai ao encontro da afirmação feita por Marchesi (2008, p. 55) de que “os conflitos habituais nas relações com os colegas ou o sentimento de isolamento profissional fazem aumentar a tensão e o desânimo”. Em alguns momentos presenciei comentários de professoras sobre seu desejo de evadir-se da escola.

No final do Curso, no estágio curricular, fui encaminhada para uma escola municipal de Teresina, também na zona norte da cidade. Nessa escola, fui bem acolhida pela maioria dos professores, pela equipe pedagógica e pela gestora que deu apoio e incentivos. Entretanto, houve uma professora que tentava me mostrar que eu poderia encontrar outra profissão “melhor”. O argumento dessa professora era que a empolgação dos professores que estão iniciando na carreira não permanece por muito tempo, pois os professores adoecem e envelhecem mais cedo que aqueles que exercem outras profissões.

Assim, foram as vivências na formação inicial, seja com os estudos sobre a profissão seja nos estágios, que me despertaram a preocupação e a necessidade de estudar a relação entre o mal-estar docente e o processo de identificação dos professores iniciantes com a profissão. Sobre os professores na fase de entrada na carreira, Huberman (2000) nos faz compreender que eles passam por uma fase caracterizada por contradições, isto é, sentem-se entusiasmados com a profissão e ao mesmo tempo apreensivos. De acordo com esse autor, a entrada na carreira é marcada pelo estágio de descoberta e de sobrevivência. A descoberta é o entusiasmo inicial e a sobrevivência é a confrontação com a complexidade da profissão. Portanto, entendo que a professora da escola do último estágio que fiz buscou me mostrar essa complexidade, porém ela sequer considerou meu entusiasmo.

No estágio curricular ao fazer relato de minhas experiências na escola em que estava ministrando aula me foi proposto que iniciasse a escrita do diário respondendo a seguinte pergunta: por que me tornei professora? Naquele momento tive que me lembrar da minha relação com a escola e com os meus professores. Constatei, ao fazer essa atividade, que na escola em que estudei na educação básica se fizeram presentes professoras insatisfeitas com seu trabalho, que externavam suas angústias em sala de aula e não se envolviam com as atividades da escola. Isso me fez pensar que o mal-estar docente independe da escola ser pública ou não, já que eu estudava em escola particular e as professoras apresentavam as mesmas características da professora da escola municipal em que estagiei.

Pesquisas como as de Martins (2007), Codo (1999) e Marchesi (2008), ao estudarem a relação entre mal-estar docente e crise de identidade, esclarecem que a falta de apoio social; as deficiências no funcionamento escolar; as difíceis relações entre os professores e os alunos; os questionamentos sobre seus saberes e suas competências; e as exigências constantes resultam no mal-estar docente, configurando crise de identidade.

Martins (2007) afirma que a crise de identidade é gerada pelo mal-estar docente. Isso está associado a não realização profissional, isto é, os professores por não conseguirem atingir seus objetivos desenvolvem sentimentos como incapacidade e impotência.

Codo (1999) relata, em pesquisas realizadas na década de 1990, que os professores de escolas públicas brasileiras já vivenciavam uma crise de identidade que é resultado, entre outros fatores, da insegurança a respeito do saber e do saber fazer. O autor ainda relaciona essa crise ao desprestígio social da profissão.

Marchesi (2008) esclarece que o mal-estar docente é uma estafa profissional que afeta o trabalho, as relações pessoais e o sentido de sua atividade. Para o autor, a origem desse fenômeno está situada na personalidade dos professores e na maneira como eles enfrentam seu trabalho diante das condições sociais e educacionais.

Embora essas pesquisas tratem da dimensão afetiva dos professores, em especial, do mal-estar docente e suas implicações na identidade profissional, as



discussões são sobre os professores de carreira<sup>2</sup>, não encontramos pesquisas sobre a relação do mal-estar com a constituição da identidade dos professores que estejam em início de carreira. Em face dessa realidade, a questão que pretendo responder nesta investigação é: **quais os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos pelos professores em início de carreira, e a relação com a identidade docente que está sendo constituída?**

Com base nessas reflexões busco com esta pesquisa responder aos seguintes questionamentos: 1) Quais sentimentos os professores em início de carreira estão desenvolvendo em relação à profissão docente? 2) Quais as expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente? 3) Como as vivências com professores que desenvolvem mal-estar docente constituem a identidade dos professores em início de carreira?

Diante dos questionamentos feitos, para a concretização desta investigação defini o seguinte objetivo geral: **investigar os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos por professores em início de carreira e suas relações com a identidade docente que está se constituindo**. Os objetivos específicos elaborados foram: 1) Identificar os sentimentos que os professores em início de carreira estão desenvolvendo em relação à profissão docente; 2) Conhecer as expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente; 3) Compreender como as vivências com professores que desenvolvem mal-estar docente constituem a identidade dos professores em início de carreira.

Diante desses objetivos, compreendo que a investigação realizada é relevante porque há carência de estudos sobre significados e sentidos do mal-estar docente de professores em início de carreira. Dessa forma, entendo que a pesquisa sobre esses significados e sentidos dos professores contribuirá na reflexão dos profissionais sobre suas vivências como aspecto que constitui a identidade profissional docente.

Para atender aos objetivos expostos, a investigação foi desenvolvida mediante estudos teóricos e pesquisa de campo. Nos estudos teóricos, utilizei os seguintes autores: Ciampa (2005, 1994), Carvalho (2006), Berger e Luckmann

---

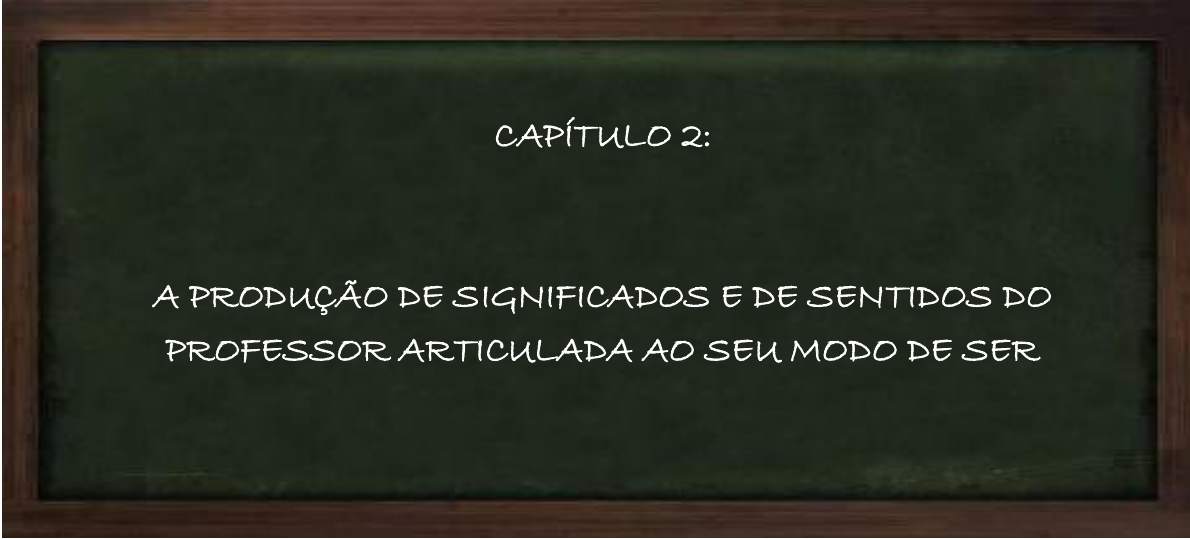
<sup>2</sup> Estou denominando professores de carreira aqueles que se encontram em fases posteriores a de entrada na carreira que corresponde ao período de um a três anos de exercício na profissão.

(2009), sobre a identidade; Huberman (2000), Gatti (1996), Schaffel (2000) sobre identidade do professor; Wallon (1968), Dantas (1992) e Bock (2001) sobre afetividade; Zaragoza (1999), Marchesi (2008), Codo (1999), Martins (2007), Carlotto (2002) e Estrela (2010) sobre questões referentes ao mal-estar docente; Leontiev (1978), Luria (1991) e Vygotsky (1998) para abordar a constituição psíquica do homem e Vygotsky (1998) sobre significados e sentidos.

A pesquisa de campo aconteceu em três momentos. No primeiro momento, visitei escolas de Teresina para identificar professores em início de carreira que tinham estabelecido relações interpessoais com professores que desenvolveram mal-estar docente. No segundo momento, ao encontrar professoras com as características que procurava, utilizei entrevistas estruturadas (TRIVIÑOS, 2009), inicialmente com a gestora e, finalmente, com uma das professoras que se prontificou a participar da investigação. No terceiro momento, realizei observações (GIL, 1999) e duas entrevistas narrativas (FLICK, 2009) em um espaço de tempo de seis meses entre uma entrevista e outra. Para a análise desses dados e para a interpretação dos resultados, utilizei o procedimento Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006).

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresento esta introdução que contempla minha relação com a temática, questões norteadoras, objetivos e relevância. No segundo capítulo, **A produção de significados e de sentidos do professor articulada ao seu modo de ser**, discuto a relação da Psicologia Sócio-Histórica, sobretudo, o processo de significação com o objeto de estudo, mal-estar docente. Início o capítulo discutindo a concepção de homem que apoia esta pesquisa, em seguida, ao discutir a subjetividade humana, e aqui me refiro ao professor, abordo as dimensões cognitiva e afetivo-volitiva. Defendo neste capítulo que é na relação homem-mundo, mediada pelos instrumentos, sobretudo os signos, que o homem transforma funções elementares em superiores e constitui o psiquismo humano que se expressa na subjetividade e na identidade. O modo de ser, isto é, de pensar, de sentir e de agir do professor pode ser explicado por categorias como historicidade, mediação, pensamento, palavra e identidade. No terceiro capítulo, **Metodologia da Pesquisa**, descrevo a abordagem metodológica e os procedimentos empregados: contexto da pesquisa e da professora participante, processo de produção dos dados, processo de análise dos dados e de interpretação dos resultados. No quarto, **Análise dos dados: dos pré-**

**indicadores aos Núcleos de Significação**, estão organizados os dados oriundos das entrevistas narrativas, seguindo a lógica do procedimento metodológico denominado Núcleos de Significação, fazendo o levantamento de pré-indicadores, a aglutinação dos pré-indicadores em indicadores e a organização dos núcleos. O quinto capítulo, **Os significados e os sentidos do mal-estar docente na voz da professora em início de carreira**, consiste na interpretação dos resultados sistematizados e apresentados no capítulo anterior.



CAPÍTULO 2:

A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E DE SENTIDOS DO  
PROFESSOR ARTICULADA AO SEU MODO DE SER

## **2 A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS E DE SENTIDOS DO PROFESSOR ARTICULADA AO SEU MODO DE SER**

O desenvolvimento psicológico  
dos homens é parte do  
desenvolvimento histórico geral  
de nossa espécie e assim  
deve ser entendida.  
(VYGOTSKY)

Para a realização de nossa investigação e para a construção de nosso texto, baseamo-nos na abordagem que considera o desenvolvimento humano como parte do desenvolvimento histórico da espécie. Isso significa que não nos desenvolvemos isoladamente, mas nas relações com o mundo objetivo, sobretudo com os outros. Parte disso se deve às pré-determinações biológicas, mas, também, ao contexto social, histórico e cultural que vivenciamos. Partindo desse entendimento, no presente capítulo, discutimos como ocorre a produção de significados e de sentidos do professor em início de carreira sobre o mal-estar docente na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica (PSH), o que implica buscar compreender sua dimensão subjetiva, seu modo de ser, isto é, pensar, agir e sentir inter-relacionadas com sua dimensão objetiva.

Com a finalidade de sistematizar este capítulo, consideramos importante iniciar o texto abordando nossa concepção de homem e sua relação com o mundo. Em seguida, discutimos a PSH e a constituição psíquica do homem, envolvendo as categorias teóricas, significado e sentido, articuladas com outras como: pensamento, linguagem (fala), historicidade, mediação e identidade.

Elegemos a identidade como categoria teórica na abordagem da Psicologia Social de Ciampa (1994, 2005) com o apoio da Sociologia do Conhecimento de Berger e Luckmann (2009) que se aproximam da PSH. Em relação a essa categoria, discutimos a afetividade de acordo com Wallon (1968) e alguns apropriadores, como Dantas (1992) e Mahoney e Almeida (2005), por que nos ajudam entender que as manifestações afetivas constituem a identidade humana e, por extensão, a do professor.

A fim de compreender o modo de ser professor, ou seja, sua identidade, também discutimos o ciclo de vida profissional dos professores de acordo com os estudos de Huberman (2000).

## **2.1 Pressupostos teóricos sobre o homem e suas relações com o mundo objetivo**

O processo de formação e transformação do ser humano ocorre por meio da atividade consciente que ele desenvolve. A atividade se caracteriza pelas ações conscientes que o homem desenvolve e garante a existência da vida individual e social. De acordo com o materialismo histórico dialético, o homem, ao contrário de outros animais, apropria-se do mundo objetivo por meio dessa atividade. Nesse sentido, afirmamos que o homem não é determinado apenas pelos aspectos biológicos, o mundo objetivo também constitui seu modo de ser, por constituir seu psiquismo e, portanto, sua subjetividade.

Sobre a diferenciação entre homem e animal, Engels (1979, p. 223) afirma que:

[...] o animal apenas utiliza a Natureza, nela produzindo modificações somente por sua presença; o homem a submete, pondo-a a serviço de seus fins determinados, imprimindo-lhe as modificações que julga necessárias, isto é, domina a Natureza. E esta é a diferença essencial e decisiva entre o homem e os demais animais; e, por outro lado, é o trabalho que determina essa diferença.

O ser humano pertence a uma espécie animal e, assim como os outros animais, ele possui uma estrutura biológica, mas apresenta particularidades e essas são produções de sua história evolutiva. Inicialmente, a evolução humana é determinada apenas pela dimensão biológica, o homem se modifica fisicamente para se adaptar ao mundo objetivo que, na citação, Engels (1979), em no momento histórico que vivenciou denominou de natureza, e satisfazer suas necessidades de modo que estejam voltadas à sua sobrevivência. Em seguida, o homem passa a desenvolver uma vida social, superando a dimensão mencionada anteriormente. O ser humano torna-se consciente e produz seus próprios instrumentos de trabalho e faz de sua atividade objeto de sua própria análise. Sobre o desenvolvimento da consciência humana, sobretudo do professor e suas relações com o processo de significação, discutiremos com base na Psicologia Sócio-Histórica.

## 2.2 Constituição subjetiva do professor e o processo de significação

Na Psicologia Soviética, mais especificamente nas teorias de Alex Leontiev, Alexander Romanovich Luria e Lev Semenovitch Vygotsky, que são representantes da Psicologia Sócio-Histórica, o objetivo é explicar a vida subjetiva do homem que é constituída na relação com o mundo objetivo. Essa abordagem psicológica tem como principal característica a unidade entre a consciência e a atividade, sendo que a consciência somada ao afeto e à volição consiste nas expressões de forma superior que compõem nossa dimensão subjetiva, são processos mentais do ser humano, isto é, constituídos pela totalidade dos processos psíquicos superiores e comportamento social, formando uma unidade que expressa o modo singular de ser cada homem, no caso, cada professor.

Leontiev (1978) afirma que atividade é manifestação em atos em que o ser humano participa da sociedade que é objetiva, transformando-a em realidade subjetiva. Sendo assim, nosso psiquismo é constituído pela relação estabelecida com o mundo objetivo. Segundo o autor:

Pela sua atividade, os homens não fazem senão adaptar-se à natureza. Eles modificam-na na função do desenvolvimento de suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer às suas necessidades e igualmente os meios de produção destes objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e os bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante deles mesmos enriquece-se, devolvem-se a ciência e a arte. (LEONTIEV, 1978, p. 283).

A capacidade do homem de modificar a natureza, ou melhor, o mundo objetivo, em função de suas necessidades o diferencia dos animais que, por sua vez, apenas se adaptam ao que lhes é imposto. Os animais são incapazes de produzir cultura e, por extensão, de produzir sua história. Com isso, entendemos que o desenvolvimento do psiquismo do professor, por exemplo, é resultado da relação dialética entre ele e o contexto sócio-histórico e cultural em que atua, pois ele tem a capacidade de transformar o contexto e se transformar ao mesmo tempo.

Luria (1991), em seus estudos sobre os processos psíquicos, sistematiza traços característicos da atividade consciente do homem. O primeiro traço é a

atividade consciente do homem que não está obrigatoriamente ligada aos motivos biológicos, o que vai ao encontro do que mencionamos anteriormente. Com essa afirmação compreendemos que as necessidades do professor que está iniciando na profissão são bem complexas e podem ser cognitivas, de comunicação, de ser útil à sociedade e, ainda, ocupar determinada posição. O segundo traço mostra que a atividade consciente do homem não é forçosamente determinada por impressões evidentes, seja recebida do meio, ou por vestígios da experiência individual imediata. O docente, na verdade, é capaz de interpretar as causas de um acontecimento em sala de aula e tomar como orientação para suas ações. O terceiro e último traço é a assimilação da experiência de toda a humanidade pela transmissão que é uma das maneiras de apropriação da história social.

Como já mencionamos, a afetividade faz parte do desenvolvimento do homem que se desenvolve ao ser afetado pelos outros, ou seja, nas relações afetivas que ocorrem desde o contato com a família até as relações de trabalho na sociedade. A afetividade é indissociável da cognição. Conforme Wallon (1968), a afetividade, juntamente com o conhecimento, o ato motor e a pessoa são núcleos funcionais que nos levam ao desenvolvimento. Para nós são aspectos constituintes da identidade humana, sobretudo a afetividade que iremos discutir a seguir.

A afetividade se expressa em emoções e sentimentos que são diferentes e denotam mal-estar e bem-estar. Estudamos a vida afetiva dos professores por considerar importante compreender de que maneira ela constitui os seus modos de ser, o que vai ao encontro de nosso objeto de estudo que é o mal-estar docente. Dessa forma, consideramos relevante conhecer as definições de afetividade, emoções e sentimentos e distingui-los.

Em relação à afetividade, afirmamos que, por um lado, pode ter origem no interior do ser humano e por outro, pode ser produzida a partir de estímulos externos. Dantas (1992, p. 85) esclarece que “na psicogenética de Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto ao conhecimento”. A autora, ainda contribui afirmando que até o primeiro ano de vida a afetividade se reduz às manifestações fisiológicas da emoção, constituindo, assim, o ponto de partida do psiquismo.

A afetividade, para Wallon (1968), é a disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo, seja ele interno ou externo, por sensações agradáveis ou não.



Dessa maneira, ser afetado se configura na reação às situações ligadas aos dois mundos mencionados anteriormente (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

Podemos afirmar, baseados em Bock (2001), que os afetos básicos que constituem a vida afetiva são o amor e o ódio e estão relacionados aos estados de bem-estar e de mal-estar do ser humano, sempre presentes na vida psíquica e, portanto, ligados à consciência.

A emoção, por sua vez, é a exteriorização da afetividade por meio da expressão corporal. Está presente no ser humano desde o início da vida e se apresenta como instrumento de sociabilidade que nos une com os outros (WALLON, 1968). Já os sentimentos são expressões representacionais da afetividade, por meio de gestos ou pela fala. Esses são mais duradouros que a emoção.

Sobre a presente discussão, Mahoney e Almeida (2005, p.12) nos esclarecem que “as emoções e os sentimentos podem variar de intensidade, em função dos contextos, mas estão presentes em todos os momentos da vida, interferindo de alguma maneira em nossas atividades”.

Compreendemos, assim, que a afetividade corresponde a uma dimensão ampla e que as emoções e sentimentos são estados afetivos presentes na subjetividade humana. Codo (1999, p. 51), ao estudar a Síndrome de *Burnout*, esclarece:

A palavra afeto vem do latim *affectu* (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade, conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

Entendemos com essa afirmação que a afetividade não se resume apenas aos sentimentos positivos, pois os sentimentos negativos também constituem a subjetividade. Entendemos que sentimentos como insatisfação, desagradado e tristeza podem gerar o estado de mal-estar no ser humano. Vale ressaltar que quando afirmamos que os sentimentos podem gerar mal-estar se justifica pelo fato de não afetarem os indivíduos da mesma forma. Por exemplo, a insatisfação pode afetar um determinado indivíduo e gerar mal-estar, o que pode não acontecer com o outro.

O medo, a alegria, a ansiedade, a tristeza, a preocupação e a frustração são sentimentos vivenciados pelos seres humanos no seu dia a dia seja com maior ou

menor intensidade, como acontece com os professores. As emoções positivas ou negativas estão relacionadas com as metas e projetos dos professores.

Por um lado, quando os professores percebem que seus alunos aprendem, sentem que seu esforço profissional foi recompensado. Por outro, quando os professores percebem que os alunos não aprendem, sentem desgosto e frustração. Vale ressaltar que nem todos os professores experimentam as mesmas emoções apesar de vivenciarem situações idênticas. Enquanto alguns professores encontram formas de lidar com os impasses que surgem no dia a dia escolar outros apresentam resistência.

De tal modo, a dialética entre as dimensões subjetiva e objetiva que constitui a identidade do professor é foco de pesquisas na área da educação. Consideramos importante por nos possibilitar conhecer a realidade escolar, sobretudo, da profissão docente, mais especificamente, conhecer quem são os professores que estão iniciando na carreira e como sua identidade se constitui nas inter-relações que mantêm com a realidade objetiva da escola, por exemplo, a instituição escolar, os alunos, os colegas professores e o cotidiano escolar.

De acordo com Vygotsky (1998), a dimensão objetiva possibilita o homem desenvolver sua dimensão subjetiva. Não podemos deixar de referir que nosso desenvolvimento depende dessas dimensões (objetiva e subjetiva), da filogênese e da ontogênese. A filogênese corresponde à evolução da espécie humana, e a ontogênese é o desenvolvimento do próprio homem. Esse estudioso considera o ser humano dotado de predisposições biológicas, mas, acima de tudo, ser social, cultural e histórico.

O contexto histórico não é um simples conjunto dos fatos acontecidos no passado, mas a maneira como significamos o mundo. Por isso, entendemos que não podemos, no caso do ser humano, restringi-lo apenas ao natural, pois não seria suficiente para compreendê-lo como o ser social, dotado de historicidade.

Não podemos confundir historicidade com historicismo e historismo. A historicidade caracteriza-se pela mobilidade da história ou tensões dialéticas. É quando estudamos dado fato ou fenômeno do presente com base no passado, perspectivando o futuro. Já no ponto de vista do historismo, o presente é a simples repetição do passado, e conseqüentemente, o futuro será repetição do presente, e no ponto de vista do historicismo, o passado é considerado simplesmente uma pré-história (DEMO, 1980).

Estudar a subjetividade, considerando sua historicidade significa estudá-la como instável, provisória e imperfeita, quer dizer, está em processo de (trans)formação.

Compreendemos que estudar as condições históricas do ser professor significa entender de que maneira ocorre o processo de significação da profissão e suas multideterminações. Portanto, historicidade é princípio teórico que busca compreender um fenômeno em um espaço temporal a partir das relações com o mundo e suas significações.

Estudar essas significações, ou seja, os significados e os sentidos, têm sido importante em nossa pesquisa por nos dar condições de compreender o desenvolvimento da capacidade de pensar e a organização do pensamento e, ainda, o desenvolvimento social do ser humano, mais especificamente, do professor, tendo em vista que buscamos investigar os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos por professores em início de carreira e suas relações com a identidade docente que está se constituindo.

Com o intuito de entendermos o processo de significação na perspectiva de Vygotsky (2000), precisamos primeiramente estabelecer relações com a atividade de pensar e a atividade de falar, pois são processos que constituem o desenvolvimento histórico de nossa consciência. Por isso, pensamento e linguagem, isto é, e fala não podem ser estudados separadamente. Na verdade, ambos constituem unidade indecomponível em que se revela o significado da palavra.

O pensamento e a fala também possuem origens diferentes, mas são estreitamente ligados. São processos que possibilitam a comunicação. Essa ligação é atribuída à necessidade de interação dos homens durante a realização do trabalho que exige planejamento, ação coletiva e, como já mencionamos, a transformação do mundo objetivo. Segundo Luria (1991, p. 77), “o surgimento da linguagem é a segunda condição que leva à formação da atividade consciente de estrutura complexa do homem”. Sendo que a primeira é o trabalho social e o emprego dos instrumentos de trabalho. Ressaltamos que o que Luria (1991) chama de linguagem, com base em Vygotsky (2000), nós chamamos de fala.

Convém ressaltar que o significado se difere do pensamento que expressamos em palavras, porque o pensamento e a fala não coincidem. Diante de uma imensidão de pensamentos, selecionamos o que falamos. Assim, Vygotsky (1996, p. 182) afirma que “o pensamento é uma nuvem, da qual a fala se desprende em gotas”. Para o autor, há estruturação diferente de modo que nosso pensamento não se expressa nas palavras, mas são nelas que ele se realiza. As palavras, por sua vez, têm a função de organizar e orientar nosso pensamento.

Entendemos que essa relação não é direta, mas mediada e o que faz a mediação entre a atividade de pensar e a atividade de falar é o significado. É ele que forma esse processo e é ele que permite os homens se comunicarem entre si e se desenvolverem. O significado é uma construção social, é uma generalização e sem o ele não há comunicação.

Para que haja comunicação é preciso o uso de signos que traduzem os sentimentos, as ideias, as vontades e os pensamentos. Essa é atividade tipicamente humana, pois os animais são incapazes de se utilizar de signos. Assim, nos primeiros anos de vida, o homem tem sua interação com o mundo caracterizada pela ausência da mediação da fala. A criança executa uma inteligência prática por meio de gestos e exploração do meio, em uma fase conhecida como pré-verbal no desenvolvimento do pensamento. Em seguida, ao interagir com os outros a criança desenvolve a fala. Sobre a fala, Vygotsky (1998, p. 36) esclarece que:

[...] além de facilitar a efetiva manipulação de objetos pela criança, controla também o comportamento da própria criança. Assim, com a ajuda da fala, as crianças, diferentemente dos macacos, adquirem a capacidade de ser tanto sujeito como objeto de seu próprio comportamento.

Com base nessa afirmação, inferimos que é pela fala que nosso pensamento se reestrutura, se modifica e, conseqüentemente, nossa consciência e nosso modo de agir passam por transformações. O processo de significação está sempre em desenvolvimento, por exemplo, o significado da profissão docente hoje é diferente do que foi produzido no século passado, porque ocorreram mudanças na escola, no modo de atuar do professor, sobretudo, no modo de pensar e exercer a profissão. Do mesmo modo acontece com o significado do mal-estar docente. O significado é a

unidade de mediação entre a atividade da fala e a atividade do pensamento que expressa uma generalização.

Para discutir os sentidos, Vygotsky (2000, p. 465) se apoia na discussão feita sobre sentido e significado pelo psicólogo Paulham, ao analisar a psicologia da linguagem:

[...] o sentido da palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta na consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.

O sentido faz parte, ou melhor, é produto do significado, porém é bem mais amplo que ele. Segundo a abordagem vygotskiana, os sentidos surgem das e nas relações sociais, na articulação entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo. É a compreensão da palavra para cada um de nós. No sentido, sendo ele inesgotável, estão às vivências pessoais, as relações informais e as relações afetivas. Nessa abordagem, compreendemos o sentido como significado da palavra que se transforma frequentemente, conforme as experiências pessoais.

Como já mencionamos, para o homem se desenvolver ele precisa estabelecer relações sociais e, de acordo com a abordagem em que nos apoiamos, entendemos que a relação com os outros e com o mundo deve ser mediada e não direta. A mediação significa dizer que nada e nem ninguém se forma e se transforma isoladamente, mas em relação dialética por meio de processo de intervenção.

Esse processo entre os homens, e entre homem e mundo, acontece com o auxílio de instrumentos que podem ser técnicos e simbólicos, bem como pelos afetos. Os instrumentos técnicos são ferramentas interpostas que ajudam o homem a modificar objetos, alcançando seus objetivos. Um exemplo é a nossa utilização do computador com o objetivo específico de produzir este texto. Já os instrumentos simbólicos ou signos são elos intermediários entre algo e alguém, que ajudam a lembrar, comparar, relatar entre outras. Segundo Vygotsky (1998, p. 53), essa ligação “não é simplesmente um método para aumentar a eficácia da operação pré-existente, tampouco representa meramente um elo adicional na cadeia S – R”. O uso de signos permite ao ser humano modificar-se qualitativamente, criando novas formas de processos psicológicos. Os afetos também medeiam a relação homem-

mundo, visto que na história afetiva do indivíduo que está a gênese dos sentidos que ele produz sobre o mundo.

A relação com os outros e com o mundo, isto é, a relação mediada não se resume em instrumento mediador, pois é um processo, e é pela mediação que o homem se apropria do mundo e se desenvolve. Dessa forma, compreendemos que mediação é processo de intervenção entre o homem e o mundo que promove a transformação qualitativa de ambas as partes.

De acordo com o que foi exposto, afirmamos que é na relação homem mundo, mediada pelos instrumentos, sobretudo os signos, que o homem transforma funções elementares em superiores e constitui o psiquismo humano que se expressa na subjetividade e na identidade. Discorreremos agora sobre a categoria identidade para compreendermos o processo de se tornar professor.

### **2.3 Tornar-se professor: a categoria identidade**

Por ser um processo multifacetado a identidade é alvo de estudos em diversas áreas como a Filosofia, Antropologia, Psicologia e Sociologia. Não identificamos a identidade do homem, o que conseguimos é captar aspectos de sua identidade, porque ela ao mesmo tempo que se forma, conserva-se e se transforma. Buscamos em nossa investigação trabalhá-la na perspectiva da Psicologia Social crítica. A identidade é aqui tratada como processo social, histórico, cultural e, ainda, como categoria teórica que permite compreender o tornar-se humano e, no caso, o tornar-se professor.

A PSH nos apresenta alguns aspectos que vão ao encontro da Psicologia Social crítica. De acordo com a relação entre as duas abordagens, Carvalho (2006) explicita que a construção do “eu” deve ser entendida como resultado de um movimento dialético e tudo que nos constitui seres humanos é de ordem social, histórica e cultural. Somos uma síntese do coletivo. Ou seja, identificamo-nos com os grupos que nos socializamos e, ao mesmo tempo, nos individualizamos. Desse modo, entendemos que nossa identidade é dinâmica e está sempre em processo de transformação. Ela é constituída conforme interiorizamos, por exemplo, valores, atributos e papéis sociais.

Para melhor compreender o processo de constituição da identidade, organizamos nossas ideias com base em algumas das questões teóricas da abordagem Psicossocial de Identidade de Ciampa (2005), são elas: articulação entre subjetividade e objetividade; igualdade e diferença em relação a si próprio e aos outros; pressuposição/atribuição e reposição/reconhecimento. Estas questões explicam a tese do autor de que identidade é metamorfose que tende à emancipação. Também recorremos a Dubar (1995) a fim de melhor compreender essas questões.

O processo de identificação do ser humano acontece quando ele interioriza valores, normas e papéis sociais nas relações com os outros e exterioriza essas características, ou seja, esse processo requer uma unidade entre a subjetividade e a objetividade para que se torne um ser único. Dessa maneira, o homem forma sua identidade pessoal e coletiva, tornando-se um ser socialmente identificável dentro de determinado grupo social. Sobre o assunto, Ciampa (1994, p. 72) afirma que:

[...] não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo do da sociedade. As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações de ordem social. [...] é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade.

Nesse processo de identificação, o homem se reconhece dentro de grupos sociais em que é capaz de identificar a si próprio. Dessa maneira, compreendemos que a identidade é constituída no processo em que o ser humano a um só tempo em que se iguala, diferencia-se. Há a identificação com vários grupos em que o ser humano interage e internaliza, por exemplo, valores que o leva a igualar-se, ou seja, desenvolve o sentimento de pertencimento aos grupos em que se insere. Porém, mesmo havendo identificação, cada ser humano se constitui como singular. Portanto, a identidade pessoal e coletiva dos professores que estão iniciando na carreira, assim como os demais professores, caracteriza-se pela igualdade e pela diferença ao se socializarem entre si.

Berger e Luckmann (2009) discutem dois tipos de socialização do ser humano que nos ajudam a compreender o tornar-se professor, são elas: socialização primária e socialização secundária. Na socialização primária, a família ou outros

grupos considerados significativos tem função importante, pois é o primeiro grupo com o qual nos relacionamos quando crianças, e as relações são carregadas de emoções. Na socialização secundária, somos introduzidos em outros setores da sociedade e os outros significativos são ampliados, o que significa que não é apenas a família, mas todos que nos servem de referências para a constituição da identidade. A escola, por exemplo, torna-se um novo mundo para as crianças na socialização secundária. A constituição de nossa identidade não ocorre de maneira isolada, mas nas nossas interações no mundo objetivo.

Nossa identidade vai sendo constituída na dialética pressuposição/atribuição e reposição/reconhecimento. A pressuposição/atribuição são modelos identitários, como os outros nos idealizam, é o que está posto socialmente. Nesse processo, a identidade é atribuída ao homem, mas vale destacar que nem sempre ele se reconhece de tal maneira e, conseqüentemente, há rompimento entre a identidade para si (como o homem se vê) e a identidade pressuposta/atribuída (como o homem deve ser reconhecido). A reposição/reconhecimento significa a incorporação da identidade pelo ser humano, quer dizer, quando ele interioriza uma identidade projetada pela sociedade e se reconhece como os outros o veem. Essa relação entre o que está pressuposto e o reconhecimento, ou não reconhecimento, revela a dinamicidade da identidade.

Dubar (1995) ratifica a dualidade da identidade. Ou seja, a identidade para si e a identidade para o outro, pode ser compreendida como subjetiva e objetiva, estável e provisória, individual e coletiva que fazem parte dos processos de socialização que constituem o humano e explicam o tornar-se professor.

Desse modo, a identidade é entendida como processo complexo e dinâmico que faz Ciampa (2005) defender a tese de que a identidade é um processo de metamorfose que tende à emancipação. Nessa concepção, a identidade é considerada o processo de construção e reconstrução do “eu” e/ou grupo social, que explica a busca do ser humano de se diferenciar de um grupo homogêneo, por exemplo, quando há uma reflexão crítica que o leva a autonomia. Metamorfose é transformação e essa ocorre quando o ser humano se torna ser consciente e se expressa pelo agir – atividade –, na procura de libertar-se da mesmice, da igualdade posta pelas políticas de identidade. Nesse contexto, o professor se emancipa, por exemplo, ao buscar se diferenciar e se igualar aos demais colegas de profissão,



tendo consciência da necessidade de desenvolver atividades inovadoras para não se acomodar sempre na mesma rotina, além disso, a consciência da necessidade de busca constante de novos saberes por meio da formação contínua.

Compreendemos que a formação do professor é um dos processos de socialização secundária responsável pela constituição da identidade docente. É mediante esse processo que ele aprende a ser professor, mas se torna um profissional quando entra em atividade. O processo de constituição da identidade do professor está relacionado à construção para si de seu projeto e suas aspirações. A legitimação dos saberes e das competências são inerentes ao reconhecimento de sua identidade. A respeito disso, Schaffel (2000), com base em Sainsaulieu (1985), esclarece que a identidade é, por um lado processo biográfico, isto é, construção do indivíduo no tempo, seja na família, na escola e em outros contextos de socialização; e, por outro lado, é relacional, visto que é o investimento do eu em busca de reconhecimento dos outros e, por extensão, busca a legitimação. Desse modo, a autora sinaliza que os processos que constituem a identidade, biográfica e relacional, devem estar articulados para que ocorra o reconhecimento da identidade coletiva e a atribuição do *status* profissional.

A identidade do professor se efetiva na relação do futuro profissional com seu grupo de trabalho e com as representações e significações da profissão. Assim, a identidade é entendida como o espaço em que nós, professores, na condição de seres humanos, desenvolvemo-nos nas interações estabelecidas nos processos de socialização, sobretudo na formação inicial e contínua. Portanto, a construção da identidade profissional é entendida como espaço de construção de maneiras de pensar, de sentir e de agir e se constitui no contexto histórico, social e cultural. Esse raciocínio é esclarecido por Gatti (1996, p. 86), quando afirma:

A identidade não é somente constructo de origem idiossincrática, mas fruto das interações sociais complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens, nas formas cognitivas, nas ações dos seres humanos. Ela define um modo de ser no mundo, num dado momento, numa dada cultura, numa história. Há, portanto, de ser levada em conta nos processos de formação e profissionalização dos docentes.

Entendemos que a constituição da identidade do professor ocorre na relação dialética entre as dimensões subjetiva e objetiva, sobretudo nas relações com seus

pares. A socialização profissional é imprescindível e sem o apoio dos outros professores, aqueles que estão iniciando na carreira terão dificuldades de constituir sua identidade profissional. Os professores em início de carreira muitas vezes encontram resistência por parte dos demais professores.

Sobre o processo de constituição da identidade docente recorremos aos estudos de Huberman (2000), que desenvolve pesquisa com o objetivo de verificar se os estudos considerados por ele “clássicos” do ciclo de vida se configuram na população de professores. Com essa pesquisa o autor buscou responder questões referentes à imagem que os professores têm de si, a satisfação na carreira, sobre crises e desgastes da profissão e, ainda, a relação da competência com a quantidade de anos na carreira. Conforme o autor, o desenvolvimento da carreira docente pode ser dividido em sete fases, são elas: 1) A entrada na carreira; 2) A fase de estabilização; 3) A fase de diversificação; 4) Pôr-se em questão; 5) Serenidade e distanciamento afetivo; 6) Conservantismo e lamentações; 7) O desinvestimento. Entendemos que, em cada fase, os professores significam e sentem a profissão de maneira diferente e isso reforça nosso pensamento sobre as relações entre a significação e a identidade.

A primeira fase “a entrada na carreira”, que compreende o período de um a três anos, é o contato inicial com a carreira docente. Nessa fase predomina a exploração das situações em sala de aula, nas relações professor-aluno e professor-professor. Há nesse momento da carreira um movimento dinâmico entre dois estágios: “sobrevivência” e “descoberta”. A sobrevivência é a superação de dificuldades com alunos, materiais, da distância entre o que idealizou e o real, entre outros e a descoberta consiste na experimentação vivida com o entusiasmo de quem está iniciando na profissão. A relação entre esses estágios, consoante Huberman (2000), ocorre de modo que possa haver equilíbrio entre a insegurança e o entusiasmo vivenciado nessa primeira fase da carreira docente. É sobre professores nessa fase que procuramos desenvolver nossa investigação. Professores que estão em início de carreira, que são normalmente marcados por sentimentos paradoxais de temor e de satisfação e que ao se relacionar com professores com mal-estar podem, também, desenvolver mal-estar docente ou não.

A segunda é “a fase de estabilização”, aquela em que os professores apresentam o sentimento de independência ou emancipação e de pertencimento ao grupo de professores. Em outros termos, é momento de consolidação no que se

refere à escolha profissional. Os docentes, entre quatro e seis anos de profissão, sentem-se mais competentes e mais confiantes, ou seja, há afirmação por parte dos professores na carreira.

A terceira é “a fase de diversificação” que se apresenta entre sete e 15 anos de carreira. Essa fase se caracteriza pelo momento em que os professores passam por novas experiências. Buscam utilizar, por exemplo, novos recursos didáticos, diversificar os recursos didáticos, novos modos de avaliar seus alunos. Os professores, nesse momento, permitem-se inovar, tornam-se mais conscientes sobre o que fazem e aceitam novos desafios a fim de evitarem que suas práticas se tornem rotineiras.

A quarta fase é “pôr-se em questão”. Nessa fase os professores que possuem entre 15 e 25 anos de profissão fazem questionamentos sobre suas próprias ações que pode ser gerados pela sensação de rotina. Para alguns pode ser indício de desencanto, para outros é momento de fazer um “balanço” da vida profissional em que examinam se seus objetivos e ideais foram ou não atingidos até o presente momento. Essa fase geralmente acontece durante a metade da carreira. Compreendemos que nessa fase alguns professores desenvolvem o mal-estar docente, considerando que o desencanto em relação à profissão é um de seus indicativos.

A quinta fase é a de “serenidade e distanciamento afetivo” que compreende o período de 25 a 35 anos de carreira e os professores tendem a desenvolverem suas atividades sem temer a avaliação negativa sobre seu trabalho. Nesse momento é perceptível que os investimentos são reduzidos, isto é, os professores não precisam mais provar que desenvolvem bem seu trabalho. Nesse sentido, a sensação de confiança aumenta e, ainda, de acordo com Huberman (2000), podemos notar distanciamento afetivo no que se refere à relação professor-aluno. Em alguns casos esse distanciamento afetivo do professor em relação aos alunos, ou como Carlotto (2002), refere-se, menos simpatia pelos alunos, é consequência do mal-estar docente.

A sexta fase, a de “conservantismo e lamentações”, corresponde ao surgimento de resistência às inovações que surgem na escola, predominando nos professores que se encontram nessa fase a nostalgia. Outras características que

marcam essa fase são as queixas sobre o sistema de ensino, os alunos que não demonstram interesse, são menos disciplinados e menos motivados, sobre a política educacional, e sobre os colegas de trabalho. Essa fase também ocorre entre 25 e 35 anos de profissão. Entendemos que os professores que têm maior possibilidade de desenvolver sentimentos negativos são aqueles que resistem às mudanças ocorridas no contexto escolar.


A sétima e última fase é a de “desinvestimento” que é compreendida por Huberman (2000) como recuo e interiorização e se encontra no período de 35 a 40 anos da carreira. Nesse momento, os professores se apresentam menos interessados em investir no trabalho, apresentando o desejo de se dedicarem mais a si mesmos. Professores nessa fase, que não conseguem mais atingir seus objetivos, metas ou suas ambições, passam por uma desilusão e desinvestem na profissão. Zaragoza (1999), em seus estudos sobre o mal-estar docente, afirma que os professores se defendem da tensão com a renúncia. Por um lado, essa é a fase em que o mal-estar docente está mais forte nos professores. Por outro, nem todos os professores que estão no final de carreira são afetados negativamente. Há aqueles que estão concluindo o ciclo e, ainda assim, apresentam sentimentos positivos, isto é, apresentam bem-estar.

As fases do ciclo de vida profissional dos professores, propostas pelo autor, não são lineares. Apesar de serem classificadas por anos de carreira, elas apresentam interconexões e a forma como os professores vivenciam essas fases dependem de seus contextos. Fica evidente que a identidade do professor não é constituída apenas pela formação, mas pela experiência e, sobretudo, pelo processo de socialização com a categoria de professores.

Diante da discussão feita no presente capítulo sobre a produção de significados e de sentidos do professor articulada ao seu modo de ser em que relacionamos processo de significação com nosso objeto de estudo, mal-estar docente, discutimos a concepção de homem que apoia nossa investigação e subjetividade humana, sobretudo do professor, abordando as dimensões cognitiva e afetivo-volitiva. Compreendemos que é na relação homem-mundo mediada pelos instrumentos e afetos, que o homem transforma funções elementares em superiores e constitui o psiquismo humano que se expressa na subjetividade e na identidade. Buscamos explicar o modo de ser, isto é, pensar, sentir e agir do professor pelas categorias: historicidade, mediação, pensamento, palavra e identidade. Ao discutir a

constituição da identidade docente, consideramos a dimensão afetiva, ou seja, afetividade e suas formas de manifestação e, ainda, recorreremos aos estudos dos ciclos de vida profissional dos professores.

Essa discussão nos ajuda compreender a relação entre a produção de significados e de sentidos do mal-estar e a constituição da identidade docente, pois entendemos que o professor se desenvolve nas interações que estabelece nos contextos nos quais está se socializado, isto é, a sociedade e a escola, sendo que a produção de significados, em especial a produção de sentidos, está interligada às vivências e às experiências pessoais, por isso nos serve de base para responder a seguinte questão: quais os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos pelos professores em início de carreira e a relação com a identidade que está sendo constituída? Para responder para tal indagação, investigamos, na pesquisa de campo, o contexto das relações entre professor iniciante e professor com mal-estar, que será descrito no capítulo seguinte.



CAPÍTULO 3:

METODOLOGIA DA PESQUISA

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A própria atividade pesquisadora tende a se expandir como uma forma de ensino-aprendizagem nas quais as novas gerações serão formadas e, com isso, a pesquisa, como uma prática social relevante, tenderá, cada vez mais, a trazer novas questões teórico-metodológicas nos anos viradouros.  
(CHIZZOTTI)

Ao realizar a presente pesquisa buscamos novos caminhos para nossa formação. Esta atividade foi uma forma de encontrarmos respostas para questões pertinentes sobre a temática que nos causou interesse durante nossa formação inicial. Desenvolver esta investigação, como outras que já desenvolvemos anteriormente, oportunizou novas aprendizagens sobre a realidade da profissão docente, sobre ser professor. Dessa forma, consideramos a pesquisa uma prática de ensino-aprendizagem que não se esgota e, por isso, é relevante socialmente. Com a finalidade de atingirmos os objetivos propostos em nossa investigação, consideramos necessário trilhar pelos caminhos que serão apresentados neste capítulo.

Apresentaremos o percurso metodológico que trilhamos, iniciando pela nossa abordagem metodológica que é qualitativa apoiada em Lüdke e André (1986) e Chizzotti (2003), logo após, os procedimentos metodológicos, considerando o contexto da pesquisa e a historicidade da professora participante, o processo de construção dos dados que aconteceu por meio de entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 2009) com a gestora da escola, observação direta (GIL, 1999) e entrevista narrativa (FLICK, 2009) com a professora em início de carreira e, finalizamos, com o procedimento de análise de dados e interpretação dos resultados feita seguindo a lógica do procedimento metodológico denominado Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006).

### 3.1 Abordagem metodológica

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986), por que entendemos que nessa abordagem há descrição do sujeito em determinado momento e determinada cultura em que é considerada a diversidade dos sujeitos ou dos fenômenos estudados. Conforme Chizzotti (2003, p. 79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que **há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito**, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, **um vínculo indissociável** entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (Grifos nossos).

Com base na afirmação do autor compreendemos aspectos da profissão docente a partir do estudo das vivências da professora que foi participante desta investigação, considerando a relação dinâmica e o vínculo de indissociabilidade com o mundo real que são para nós as condições objetivas da profissão. Nessa abordagem, ao propormos esta pesquisa, buscamos compreender a dimensão afetiva dos profissionais docentes de Teresina, porque geralmente essa abordagem possibilita maiores informações sobre um sujeito ou fenômeno, com maior relevância em relação ao simples levantamento de dados quantitativos.

A opção por essa abordagem se justifica também, porque não nos preocupamos apenas com o produto, pois consideramos relevante o processo, as transformações ocorridas. Portanto, o que a participante pensa, o modo como se sente, suas expectativas e práticas são importantes e foram consideradas. Lüdke e André (1986, p. 12) defendem que na pesquisa qualitativa, “o ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador”, porque nessa abordagem não importou apenas a quantificação de fenômenos sociais, mas compreendê-los em sua dimensão mais ampla, isto é, a partir das significações de nossa interlocutora. No caso de nossa pesquisa, os significados e os sentidos dos professores em início de carreira sobre o mal-estar docente nos causaram interesse e a partir desta pesquisa tivemos uma amostra da significação social dada a esse fenômeno.

Considerando a complexidade do fenômeno estudado nos fundamentamos também nos princípios do método de Vygotsky (1998), pois esses nos permitiram



desenvolver a investigação mostrando a complexidade e as contradições desse fenômeno em que intencionamos estudar o processo em vez do produto, promover explicações e não apenas descrições e considerar a gênese do processo. Em síntese, buscamos compreender o caráter histórico e social do nosso objeto de estudo.

### **3.2 Procedimentos metodológicos**

A pesquisa de campo aconteceu em três momentos. No primeiro momento visitamos CMEIs e escolas públicas de Teresina para identificar professores em início de carreira que tinham estabelecido relações interpessoais com professores que desenvolveram mal-estar docente. No segundo momento, ao encontrar professoras com as características que procurávamos em um CMEI, utilizamos entrevistas estruturadas (TRIVIÑOS, 2009) inicialmente com a gestora e finalmente com uma das professoras que se prontificou a participar da investigação. No terceiro momento, utilizamos observações (GIL, 1999) e entrevistas narrativas (FLICK, 2009) em um espaço de tempo de seis meses entre uma entrevista e outra. Para a análise desses dados e a interpretação dos resultados utilizamos o procedimento Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006).

#### **3.2.1 Contexto da pesquisa e a participante**

As escolas públicas municipais foram o contexto de nossa pesquisa por sua importância na sociedade. Essas escolas são de responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Teresina (SEMEC) que de acordo com a Lei nº 9.394/96 cabe ao município oferecer a Educação Infantil e prioritariamente o Ensino Fundamental. Essa lei se refere à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Dessa forma, cabe à essa Secretaria administrar as escolas, promover capacitação dos professores e inclusão social dos alunos. Atualmente, a SEMEC dispõe de 326 escolas, de acordo com informações retiradas em seu sítio eletrônico, para atender ambos os níveis de ensino, por meio dos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) e Escolas Municipais (EM) na zona urbana e rural de Teresina.

Ao visitarmos CMEIs e EMs de Teresina encontramos um CMEI localizado no bairro Alvorada, zona norte de Teresina, que tomamos conhecimento por meio de algumas professoras em início de carreira, no qual havia professoras de carreira com mal-estar docente. Esse CMEI<sup>3</sup> atende cerca de 260 alunos desse bairro e de bairros vizinhos. São desenvolvidos vários projetos para a integração dos pais na escola, e no ano de 2011 a equipe técnica e docente da escola recebeu o certificado de participação no “Prêmio Piauí de Inclusão Social” da TV Meio Norte por seu trabalho desenvolvido na comunidade em que está localizada. A escola possui cinco salas de aula e conta com 13 professoras, sendo oito estagiárias e cinco efetivas, entre elas a participante de nossa pesquisa.

Ao visitar a escola para realizar a entrevista semiestruturada com a gestora (ver apêndice A) fomos bem recebidas por ela que se propôs ajudar no que fosse preciso. Ela nos mostrou toda a escola, falou sobre seus projetos, sobre as professoras, mencionou o prêmio já relatado anteriormente e criou condições para que pudéssemos desenvolver nossa pesquisa. Na entrevista, a diretora confirma ter três professoras em início de carreira e quando perguntada sobre a insatisfação das professoras de carreira da escola em relação ao trabalho, a gestora afirma que isso tem relação com o cumprimento de horários, baixo salário, falta de estrutura da escola e quantidade de alunos na sala de aula. Perguntamos também para a gestora se ela percebia algum indício de mal-estar docente nas professoras da escola e ela responde que aparentemente não, mas mostrou-se preocupada por achar em alguns momentos que algumas professoras não se identificam com a profissão. Compreendemos que a não identificação com a profissão, as queixas constantes em relação ao cumprimento de horários, aos baixos salários, a falta de estrutura e a quantidade de alunos na sala de aula sinalizam o mal-estar docente, por isso resolvemos realizar nossa investigação nesse CMEI.

Após a realização da entrevista com a gestora, durante o horário do intervalo fomos conhecer as professoras em início de carreira, explicamos como seria a pesquisa e uma delas se prontificou a participar. Ressaltamos que esta professora escolheu ser identificada, no presente trabalho escrito, pelo seu próprio nome, assim apresentaremos.

---

<sup>3</sup> Os dados que seguem foram obtidos a partir das anotações de campo.

A professora Julienny tem 27 anos, natural de São Luís do Maranhão, reside em Timon, cidade maranhense que fica ao lado de Teresina no Piauí. Recém-casada, evangélica, sempre trabalhou em sua igreja com crianças, o que a fez gostar e pensar em se formar para ser professora. Fez o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade Federal do Piauí (UFPI) entre o período de 2006 a 2010. Durante o mesmo período iniciou o curso de Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), mas não concluiu. Resolveu sair e se dedicar apenas à Pedagogia. No mesmo ano em que concluiu sua formação inicial, fez o concurso público para o cargo de professora da Prefeitura Municipal de Teresina e foi lotada nesse CMEI no mesmo ano. Julienny é professora da Educação Infantil e está lecionando nas turmas de 1º Período, 40 horas semanais.

Ao conversarmos sobre a realização da pesquisa, combinamos de começarmos pela entrevista semiestruturada. Na entrevista a professora Julienny nos confirma trabalhar com professoras com mal-estar docente, pois estas vivem mal humoradas, desanimadas e insatisfeitas com a profissão. Nos conta, ainda, que em alguns momentos já até a aconselharam a procurar outra profissão. Após a entrevista, observamos duas aulas da professora Julienny em dias não sequenciais. A primeira aconteceu em uma segunda-feira. Ao entrar na sala de aula ela nos explica que está acontecendo reformas na estrutura física da escola e por isso ela está dividindo uma sala com a professora do 2º Período.

Realizamos dois dias de observações e, considerando as questões que direcionaram nossa observação (ver apêndices E e F), constatamos no primeiro dia que a relação entre a professora Julienny e os alunos é de respeito, ou seja, os alunos tratam essa professora com respeito, escutam o que ela tem a dizer, mostram-se dispostos a aprender, demonstram sentimentos positivos. Em relação a esses sentimentos há reciprocidade por parte da professora abraçando todos seus alunos, ajeitando os cabelos das meninas e as sandálias dos meninos.

Ao trabalhar os conteúdos de ensino que foram selecionados para a aula observada, ficou evidente que a professora considera os saberes dos alunos, suas vivências e suas experiências. Também demonstrou cuidado com a alimentação e com a higiene deles.

Sobre a relação com as demais professoras observamos que sua interação com uma das professoras de carreira que divide a sala é muito boa no momento da

aula e fora da sala de aula também, pois há respeito mútuo. No entanto, constatamos que sua interação com as demais professoras não acontece da mesma forma. No momento da acolhida no pátio, no recreio e saída se falam apenas o necessário. Na reunião de professores que aconteceu no primeiro dia de observação, a professora Julieny foi a única que não se manifestou, ficou calada o tempo todo. Após esse momento, ela externou que prefere ficar calada para que as outras professoras não falem que ela sempre se posiciona do lado da diretora nas discussões.

No segundo dia de observação, uma quinta-feira, confirmamos a boa relação entre a professora Julieny e seus alunos, assim como na primeira observação, porém, sua relação com a professora do Horário Pedagógico (HP), isto é, a professora que assume a turma no dia de planejamento da professora titular, é de distanciamento. A professora do HP estava nesse dia no lugar da professora de carreira que divide a sala com Julieny. Trocaram poucas palavras, estavam no mesmo espaço, mas em atividades diferentes.

Nesse dia, parecia ter uma parede na sala separando as duas professoras, pois procuravam não interferir uma na aula da outra intencionalmente, mas acabava acontecendo, pois a professora do HP falava muito alto, quase gritando, atrapalhando a aula da professora Julieny, e seus alunos não sabiam em quem prestar atenção.

Entendemos, diante dos fatos observados que há relação de distanciamento entre professora em início de carreira com as demais professoras, com exceção de uma delas. Isso poderia contribuir para o desenvolvimento de sentimentos que caracteriza mal-estar em Julieny.

### 3.2.2 O processo de construção dos dados

Para a construção dos dados de nossa investigação, iniciamos com a pesquisa exploratória em que visitamos CMEIs e EMs para identificarmos professores em início de carreira que tinham estabelecido relações interpessoais com professores que desenvolveram mal-estar docente. Utilizamos como procedimento a entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 2009) com gestores e professoras. Ressaltamos que na escolha da professora participante foi levado em

consideração o interesse e a disponibilidade para participar da pesquisa. Posteriormente, dando continuidade à pesquisa, empregamos como instrumentos a observação sistemática e a entrevista narrativa.

Iniciamos pela observação sistemática (GIL, 1999). Esse instrumento permitiu apreendermos o modo como nossa participante significa a realidade e, em especial, a profissão docente, pois por meio da observação acompanhamos as experiências cotidianas da professora. Registramos as situações nas quais os sentidos e os significados sobre o mal-estar docente são produzidos.

Fizemos duas observações das aulas em dias não sequenciais da professora Julienny seguindo o roteiro em que os aspectos a serem observados foram: 1) As relações interpessoais entre as professoras; 2) As relações interpessoais entre professora e alunos; e 3) O modo de agir da professora em início de carreira (ver apêndice E). No primeiro dia de observação, fomos convidadas a observar a reunião das professoras na diretoria da escola no horário após o intervalo para o lanche, o qual nos permitiu compreender melhor o primeiro aspecto do roteiro. Esse foi um instrumento importante, pois, os dados produzidos por meio dele nos aproximaram da realidade social que é a profissão docente. Gil (1999, p. 110) afirma que “a observação nada mais é que o uso dos sentidos com vista a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”. Nesse caso, buscamos de modo sistemático chegar mais perto da perspectiva da professora em início de carreira e que tenha estabelecido relações interpessoais com professores que desenvolveram mal-estar docente. A fim de registrar a observação, utilizamos anotações de campo de natureza descritiva, conforme orienta Triviños (2009).

O uso das observações nos proporcionou momento de inter-relações com a participante de nossa investigação, porque estivemos por determinado período inseridos no espaço de trabalho dela a fim de acompanhar suas rotinas para, com isso, investigar os significados e os sentidos que produz do mal-estar docente. Os registros foram utilizados para a contextualização da pesquisa e professora participante de nossa pesquisa.

A opção pela entrevista narrativa como um de nossos instrumentos para a produção dos dados se justifica porque essa é uma forma de entrevista não estruturada que estimula os entrevistados a refletir e a narrar acontecimentos importantes de sua vida, seja pessoal ou profissional. Geralmente, na educação o

emprego das narrativas possibilita aos participantes como, por exemplo, professor ou aluno passar por um processo de formação, já que oportuniza reflexões que podem se constituir em novas aprendizagens.

A narrativa é bastante difundida nas ciências sociais que tem como objetivo estudar as diferentes maneiras como os seres humanos vivenciam o mundo, estimulando sua capacidade crítica e reflexiva, por meio da utilização de sua memória. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 92):

[...] a narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, mas uma tentativa de ligá-los, tanto no tempo, como no sentido. Se nós considerarmos os acontecimentos isolados, eles se nos apresentam como simples proposições que descrevem acontecimentos independentes. Mas se eles são contados permitem a operação de produção de sentido do enredo.

A forma de registrar a narrativa pode ser por meio de diários reflexivos, memoriais, cartas pedagógicas, história de vida, narrativa oral e entrevista narrativa. Nesta investigação, optamos por trabalhar com a entrevista narrativa, porque com ela é possível estabelecermos contato direto com os sujeitos no momento da produção da narrativa. Isso nos possibilitou redirecionar a fala da professora entrevistada quando parte da questão gerativa da narrativa não foi contemplada na narração.

Em nossa investigação, ao entrevistar a professora em início de carreira, buscamos captar fatos, acontecimentos e situações reveladores dos: a) sentimentos que os professores em início de carreira desenvolveram em relação à profissão docente; b) das expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente e; c) das vivências entre professores em início de carreira e professores de carreira que desenvolvem mal-estar docente e a relação com a constituição da identidade.

Questionamentos como estes podem remeter os professores a pensarem sobre suas expectativas, sua forma de atuação, sua relação com os demais colegas de trabalho e com os alunos. Além disso, significa que os professores por meio de pesquisas como esta refletem e analisam aspectos vinculados a suas identidades, aos saberes e aos repertórios de conhecimentos no exercício da profissão (SOUZA, 2008).

Realizamos a entrevista narrativa partindo de uma questão gerativa que, segundo Flick (2009), “se refere ao tópico de estudo e que tem por finalidade estimular a narrativa principal do entrevistado”. Nossa questão foi: “Gostaríamos que você nos contasse como está se sentindo sendo professora. Você pode iniciar nos contando suas vivências como professora, sobretudo as experiências com professores que desenvolveram mal-estar docente e suas expectativas em relação à profissão”. Nesse momento, não houve interrupções por parte da entrevistadora. Posteriormente, partimos para questionamentos, que são perguntas feitas pela pesquisadora quando percebeu que a entrevistada deixou de explorar algum aspecto importante ou explorou pouco. Com isso, intencionamos compreender as ideias desenvolvidas pela participante entrevistada que não tenham ficado claras (ver apêndices C e D).

Para considerar a historicidade da nossa interlocutora, executamos a entrevista narrativa em duas ocasiões. A primeira aconteceu quando a professora estava completando um ano e quatro meses na profissão, após as observações sistemáticas de seu cotidiano escolar. Terminada a entrevista que durou cerca de 20 minutos, transcrevemos e fizemos a devolutiva, para que a professora Julieny pudesse refletir sobre a fala narrada, de modo que pudesse reiterar ou alterar informações. A segunda entrevista aconteceu seis meses depois para apreender novos significados e sentidos, pois entendemos que a professora tinha novas vivências para ser narradas. Na segunda entrevista narrativa, que durou 40 minutos, a professora reiterou fatos narrados na primeira entrevista e narrou novos fatos e mais detalhes. Também fizemos a devolutiva dos fatos narrados, para reiterações ou alterações das informações manifestas por ela.

### 3.2.3 O processo de análise de dados e interpretação dos resultados

Nesta investigação, analisamos os dados produzidos de acordo com a proposta de Aguiar e Ozella (2006) denominada Núcleos de Significação, para melhor compreendermos os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos pela professora iniciante.

Os Núcleos de Significação consistem em procedimento metodológico de interpretação de dados de pesquisas qualitativas em que os pesquisadores que

empregam devem ir além da descrição das informações. Ao analisar, devem adentrar nas zonas de significados e de sentidos. Aguiar (2006, p. 18) esclarece que os instrumentos, além da entrevista, que podem ser utilizados para o acesso aos processos psíquicos estudados e aprimoramento e refinamento analítico dos dados produzidos são:

[...] observação, utilização de relatos escritos, narrativas, histórias de vida, frases incompletas, autoconfrontação ou videoscopia, videogravação e, inclusive, questionários ou desenhos, desde que complementados e aprofundados por meio de entrevistas.

Na presente pesquisa, os dados analisados foram produzidos durante a entrevista narrativa (FLICK, 2009) realizada com a professora em início de carreira, pois as entrevistas estruturadas e as observações foram empregadas na contextualização da pesquisa e da professora pesquisada.

Ao nos dispormos a realizar esta investigação compartilhamos das mesmas ideias de Aguiar e Ozella (2006, p. 226):

[...] na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas do sentido.

Nesse sentido, depois de transcrever as entrevistas narrativas, fizemos várias leituras do seu conteúdo com a finalidade de organizar os materiais, isto é, o corpus empírico oriundo da pesquisa de campo. Após essas etapas, destacamos na organização dos materiais transcritos 60 pré-indicadores – palavras, frases e expressões –, os quais, devido ao grande número de possibilidades, foram filtrados de acordo com nossos objetivos específicos: a) Identificar os sentimentos que os professores em início de carreira estão desenvolvendo em relação à profissão docente; b) Conhecer as expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente; c) Compreender como as vivências com professores que desenvolvem mal-estar docente constituem a identidade dos professores em início de carreira.

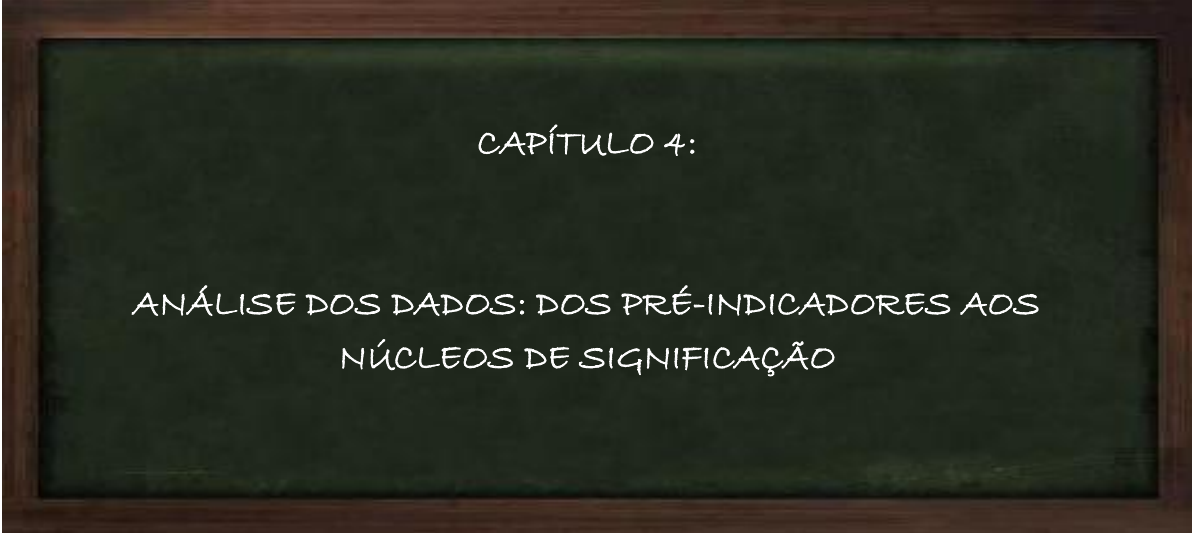
Em seguida, com a releitura do material, aglutinamos pré-indicadores em indicadores, por similaridade, complementaridade e contraposição das informações e, os indicadores em núcleos de significação.



Os núcleos de significação que são organizados com base na articulação dos indicadores, de acordo com Aguiar (2006, p. 20), “devem expressar os pontos centrais e fundamentais que trazem implicações para o sujeito, que o envolvam emocionalmente, que revelem as determinações constitutivas do sujeito”. Portanto, na análise e na interpretação dos resultados consideramos o movimento, a historicidade e as contradições vivenciadas pela professora participante. Os núcleos organizados foram: **1) Sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação versus satisfação e realização profissional; 2) Múltiplas expectativas em relação à profissão docente; 3) Sobre o mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita; 4) Desafios e possibilidades de ser professor.**

Em síntese, a abordagem metodológica apresentada neste capítulo nos possibilitou compreender a professora Julieny além da aparência, pois consideramos os processos constitutivos de sua identidade como suas relações com o mundo objetivo, isto é, o contexto social, histórico e cultural e, suas relações com os outros. Estudamos a professora em início de carreira em movimento, considerando a gênese dos seus pensamentos e seus sentimentos em relação ao mal-estar docente. Os procedimentos que utilizamos nos ajudaram a chegar a essa professora e apreender os significados e os sentidos do mal-estar docente, nosso objeto de estudo.

Apresentaremos no próximo capítulo a análise dos dados desde os pré-indicadores oriundos das narrativas, até os indicadores resultantes da aglutinação dos pré-indicadores e, ainda, os núcleos de significação produzidos com base na articulação dos indicadores. A interpretação destes núcleos revelam os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos pela professora Julieny e está sistematizada no capítulo cinco.



CAPÍTULO 4:

ANÁLISE DOS DADOS: DOS PRÉ-INDICADORES AOS  
NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

#### **4 ANÁLISE DOS DADOS: DOS PRÉ-INDICADORES AOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO**

Não buscamos, portanto, o dado puro, não nos orientamos pelo verificacionismo, não entendemos que as falas dos sujeitos são simples respostas.  
(AGUIAR)

Em nossa investigação, as falas narradas pela professora em início de carreira são mais que respostas dadas à questão gerativa das entrevistas. São, na verdade, falas permeadas de significações, resultado das sensações, dos sentimentos, das interações que revelam seu modo de ser professora. Concordamos com Aguiar (2011), quando afirma que não são dados puros que devemos procurar. Compreendemos que os trechos das narrativas que seguem neste capítulo sinalizam seus sentimentos de satisfação ou não; suas expectativas; o que pensa da profissão e do mal-estar docente presente no contexto escolar baseada nas vivências sendo professora, sobretudo, com as colegas de trabalho.

O presente capítulo consiste na apresentação da organização dos dados, conforme o procedimento de análise Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006), que consiste em três etapas. A primeira etapa foi o levantamento dos pré-indicadores que dessem indícios do ser professora em início de carreira, mas considerando, em especial, os objetivos desta investigação que envolve os sentimentos, as expectativas e as vivências como aspectos constitutivos da identidade docente. A segunda etapa foi a aglutinação dos pré-indicadores em indicadores, momento em que a diversidade dos dados produzidos nas narrativas é reduzida de acordo com os critérios para aglutiná-los que são: similaridade, complementaridade e contraposição. A terceira etapa foi a articulação dos indicadores para a organização dos núcleos de significação, que revelam algumas das determinações constitutivas do ser professora em início de carreira.

A organização textual do capítulo consiste em três tópicos. São eles: 4.1) Os pré-indicadores oriundos das narrativas; 4.2) Os indicadores que resultaram da

aglutinação dos pré-indicadores; e 4.3) Os Núcleos de Significação nomeados com base na articulação dos indicadores. Vejamos a seguir.

#### 4.1 Os pré-indicadores oriundos das narrativas

Para o levantamento dos pré-indicadores produzidos com base nas entrevistas narrativas, fizemos várias leituras extraindo trechos que pudessem revelar zonas de sentidos da professora em início de carreira em relação à profissão, mais especificamente, sobre o mal-estar docente. As palavras ou os trechos em negrito foram destacados porque revelam o principal conteúdo dos pré-indicadores e, portanto, do pensamento da professora e que serão explorados na interpretação de cada Núcleo no capítulo seguinte.

As várias leituras que realizamos do conteúdo das narrativas nos permitiram chegar aos seguintes pré-indicadores:

#### Quadro 1 – Pré-indicadores produzidos com base nas entrevistas narrativas

PRÉ-INDICADORES
Então, estou muito <b>satisfeita com a minha profissão</b> , com os meus alunos, com os pais dos meus alunos, com tudo. Não tenho nada a reclamar. (EN 01) <sup>4</sup>
Às vezes eu venho para cá e posso estar triste, com problemas pessoais, mas quando eu chego o sorriso deles (alunos) me anima, me dá força para continuar e <b>eu realmente estou realizada na profissão</b> . (EN 01)
[...] no momento estou me sentindo <b>satisfeita com a profissão</b> , com a série que eu escolhi. (EN01)
<b>Para mim... eu estou satisfeita. Está valendo apenas, no momento.</b> Não posso te afirmar [nome da pesquisadora] que daqui a cinco anos vou estar com esse mesmo pensamento, porque a gente não sabe o dia de amanhã. Então, a gente tem que viver o presente, fazer o que pode fazer agora, porque se deixar para depois... o amanhã é incerto. (EN 01)
<b>Com relação à profissão docente eu estou me sentindo muito bem, muito realizada</b> como eu já havia falado antes e... como a gente chegou no final do ano, você pode perceber que quando você veio estávamos com outra estrutura, com a dificuldade da construção da escola. Agora é cada um na sua sala, já estamos com os ventiladores e <b>tudo isso contribui ainda mais para que eu esteja me identificando com a profissão</b> , porque a escola já tem agora estrutura, mais espaço, aqui as crianças podem ter outros tipos de vivência, outros tipos de expectativas. (EN 02)
Estamos agora no final de novembro e o projeto que eu disse que eu estava realizando sobre a alimentação saudável, já fizemos a culminância que teve piquenique e aí <b>esses dois anos que estou com a mesma turma estou me sentindo muito realizada, muito feliz. Estou terminando o ano de 2012 muito feliz, porque está havendo aquela conquista dos pais</b> . Os pais estão mais presentes na escola, aqueles que eu via que

<sup>4</sup> Essa sigla, EN 01, após cada pré-indicador indica trecho retirado da Entrevista Narrativa 01, já a sigla EN 02 indica trecho retirado da Entrevista Narrativa 2.

não dava tanta importância à educação infantil, já estão dando, já estão acompanhando. Tudo isso faz com que eu esteja me sentindo realizada. (EN 02)
[...] no momento estou me sentindo satisfeita com a profissão, com a série que eu escolhi. <b>Eu escolhi a Educação infantil porque sempre gostei de criança, sempre trabalhei na minha igreja com crianças pequenas. É o que eu gosto de fazer, trabalhar com crianças pequenas, é o que eu me identifico e eu estou gostando, graças a Deus.</b> (EN 01)
<b>Estou no momento realizada, acho muito bom... meus alunos, gosto deles.</b> Às vezes eu venho para cá e posso estar triste, com problemas pessoais, mas quando eu chego <b>o sorriso deles (alunos) me anima, me dá força para continuar</b> e eu realmente estou realizada na profissão. (EN 01)
Mas em relação aos meus alunos, eu nunca... <b>eu sempre gostei de crianças, nunca senti insatisfação e vontade de deixar a profissão docente por causa dos alunos não</b> , mas por causa da convivência com as outras pessoas da escola. (EN 02)
<b>A satisfação é em relação aos meus alunos</b> e a insatisfação é com as outras professoras... não todas. (EN 02)
Assim, os primeiros momentos, os primeiros seis meses foram assim... <b>os três primeiros meses foi um choque</b> , aquele monte de criança, escola sem estrutura, sem material, professor novo, toda gestão nova, quadro de funcionários novos. <b>Foi difícil a adaptação não só para mim</b> , mas para toda a equipe de funcionários na escola e também os pais dos meninos do maternal. (EN 02)
No começo as cobranças são maiores, os meninos começam com mordidas, os meninos caem e o pai não entende. Tem que conquistar o pai, trazer o pai para o seu lado, para o pai ser companheiro, entender que são crianças que estão nesse momento de adaptação, de fase de desenvolvimento. <b>Esses pequenos problemas trouxeram um pouco de, não frustração, mas de temor</b> , porque você tem que aprender a lidar com esses problemas do cotidiano, tem que aprender a superar cada dia um problema e ter paciência. (EN 02)
[...] <b>choque devido à estrutura da escola</b> , devido às próprias crianças também, ao público que não... como eu não sabia... eu sabia que era uma região bem pobre, bem carente. <b>É difícil. O jeito que eles vivem, o palavreado deles, a postura deles é diferente do que estou acostumada, então, essa postura, esse palavreado me chocou um pouco</b> , mas aos poucos a gente foi conversando, foi sabendo conviver com as diferenças. <b>O primeiro sentimento foi assim de temor, de medo, mas de frustração não, porque eu já sabia que não iria ser fácil.</b> (EN 02)
<b>No começo foi tudo bem</b> , era muito bom acordar de manhã e vir para a escola, <b>num ambiente de amizade, descontração, de parceria</b> [...] (EN 02)
Insatisfação... os momentos que senti <b>insatisfação foi em relação a minha convivência com as outras pessoas da escola, com as outras professoras.</b> Minha insatisfação não foi com meus alunos. <b>Todo mundo sabe aqui nessa escola que eu prefiro estar mil vezes na sala de aula do que estar trabalhando com gente na coordenação, na direção</b> , porque eu sinto que o ser humano é um ser muito difícil, já as crianças não, elas estão ali cometem um errozinho e você adverte, fica com cara de zangada... Você vê que elas têm um coração bom, não guardam rancor, mas já o ser humano, <b>o adulto já formado é muito difícil aceitar o outro</b> , aceitar os defeitos do outro, aceitar as opiniões do outro, aceitar o trabalho do outro. (EN 02)
<b>A relação professor-professor é a que é mais difícil</b> [risos]. Como eu sempre falei: <b>meu Deus eu prefiro mil vezes lidar com crianças porque ela é ingênua.</b> Você está ali, reclama um pouquinho e depois ela vem abraçar. Já o ser humano [adulto] não, você não entende. Eu não entendo. (EN 01)
<b>A gente mal vira as costas e já estão falando da gente, por coisa pequena querem prejudicar a gente.</b> Como eu não era acostumada a viver com esse tipo de gente e de ambiente... <b>a minha insatisfação é relacionada somente a isso.</b> (EN 02)

A satisfação é em relação aos meus alunos e <b>a insatisfação é com as outras professoras... não todas.</b> (EN 02)
Continuando, minhas expectativas são as melhores possíveis, <b>é poder cada vez mais contribuir para meus alunos, contribuir para o desenvolvimento deles.</b> No próximo ano vou continuar com a mesma turma no 2º Período. <b>A minha meta é que todos saiam alfabetizados, se não todos, mas pelo menos 80% da turma eu quero que saia alfabetizada.</b> (EN 02)
Minha expectativa é que os <b>pais estejam mais envolvidos no desenvolvimento do seu filho</b> , a questão mesmo de acompanhamento escolar, acompanhamento da aprendizagem deles. (EN 01)
Outra expectativa é que <b>acabe realmente essas intrigas, que eu já falei, entre nós que estamos entrando agora e as que já são mais veteranas</b> aqui na escola [...] (EN 01)
[...] a questão mesmo da própria <b>Secretaria de Educação, que ela saiba valorizar mais o professor</b> , dar estrutura, dar recurso, capacitar cada vez mais os professores. (EN 01)
Da minha profissão eu espero <b>que o professor seja mais valorizado, tanto em relação ao salário, como em relação à sociedade</b> de ver a importância do professor, porque sem... isso já é até um clichê. Sem o professor não existe as outras profissões. [...] <b>em relação aos problemas de baixo salário, às vezes os salários atrasados.</b> Graças a Deus isso não acontece aqui na prefeitura, mas em muitos lugares acontece do salário atrasar e falta de estrutura nas escolas. (EN 02)
A minha expectativa é que a profissão docente, ser professor e a educação seja valorizada por toda a sociedade. <b>Não ver o professor ser um coitado não.</b> (EN 02)
[...] seria bom mesmo é <b>que os professores fossem valorizados</b> realmente nesse país que com certeza o país iria para frente. (EN 02)
A questão dos salários também, que os aumentos sejam justos, a questão do professor se capacitar cada vez mais, <b>que a própria Secretaria esteja a cada dia proporcionando esse momento para a ampliação do conhecimento do professor e novas experiências.</b> (EN 02)
Seria muito bom que a sociedade, os governantes, o próprio Ministro de educação, procurassem metas, objetivos para o professor, como você falou, <b>pudesse amenizar esse mal-estar docente</b> [...]. (EN 02)
Então, como eu vejo a questão das minhas amigas de profissão? Essa questão, logo porque já estão com muito tempo na profissão e <b>muitas já estão calejadas</b> , tem a questão de <b>muitos pais agredirem a gente.</b> Não compreendem... Então, <b>tudo isso vai contribuindo para que as pessoas criem esse mal-estar com relação a profissão. São crianças problemáticas, são crianças com necessidades especiais, a questão do salário, a questão da estrutura, a questão dos pais.</b> Então, tudo isso. (EN 01)
Mesmo assim quando você coloca em sua cabeça: não, não é fácil, mas vou fazer o melhor, vou dar o meu melhor. Acho que você falando essas coisas positivas, você acaba adquirindo sentimentos positivos, <b>agora quando você sai da sua casa pensando: ah, aqueles meninos, ah, aqueles pais, aquela escola. Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico.</b> A gente percebe muito, não só aqui na escola, mas como outras colegas do meu Curso. (EN 01)
É um clima que... eu não gosto de viver assim nesse clima, porque eu sou uma pessoa muito flexível, gosto de ajudar minhas companheiras, gosto de bater aquele papo. <b>A profissão já é tão difícil e você ainda chegar a uma escola e ter esse clima de rivalidade, de fingir que é seu amigo, mas por trás fica falando é um pouco chato, mas eu e a outra professora, a gente se fortaleceu muito.</b> (EN 02)
<b>Nossa relação agora é como eu já te falei, é só se respeitar, dar bom dia, boa tarde e boa noite, tchau e quando tem que se juntar para fazer algum serviço a gente se reuni, mas questão assim de amizade, de companheirismo não.</b> Só mesmo o que

não é dispensável. É tipo assim: — Só fale comigo o que é indispensável. (EN 02)
Ensinando coisas assim tão do nosso cotidiano do que a criança precisa é se expressar artisticamente, coisas que elas adoram fazer no dia a dia, se você deixar, é todo dia, toda hora. <b>Foi tão difícil.</b> A [nome da diretora] já me cobrou isso, que eu estou até com vontade de fazer, <b>mas já fico pensando como vai ser a dificuldade de realizar tal projeto que isso acaba de certa forma me contagiando, sabe?</b> Não vou fazer não, porque se eu inventar isso aqui vão dizer que sou babona, que eu só quero me aparecer. <b>Então isso acaba me chocando um pouco, me afetando um pouco,</b> mas só que a gente tem que parar um pouco e pensar que não é assim, eu tenho que fazer a minha parte, procurar fazer o meu melhor e dar o melhor para os meus alunos. (EN 02)
Se você for pegar só o lado ruim, realmente tem muito motivo para você ter esse mal-estar docente. Adquirir esse lado negativo. Com certeza as experiências delas (professoras de carreira) trazem esse mal-estar. Às vezes eu até chego animada na escola para fazer o meu trabalho, mas vejo <b>aquele desânimo, aquela falta de querer, aquela falta de vontade, aquela falta de perseverança</b> e acaba me incomodando. (EN 01)
É essa <b>falta de querer e indisposição.</b> Você pode dar o seu melhor, você tem capacidade, estudou, se especializou, mas só guardou o diploma ali, guardou os textos ali e pronto, acabou. <b>Estagnou no tempo, sabe?</b> É só receber o salário, receber suas férias e pronto. Os alunos que aprendam com outra professora. <b>Sempre jogam a bola para frente.</b> (EN 02)
Depois daquele dia fiquei refletindo, porque a gente pensa que é só a gente que fica sentindo esse clima, porque como a gente tem mais tempo né? O pai só vem deixar, vem buscar ou para alguma reunião ou evento, mas já é tão notável que até os pais no momento da acolhida eles já percebem. É um momento que a criança está acordando, sonolenta, dá trabalho chorando e o professor em vez de ser aquela pessoa amável, afável, uma pessoa acolhedora né? O pai já vê a cara do professor, <b>a cara maior do mundo, parece que estão aqui, mas que queria mesmo é está em outro lugar. O pai sente aquele peso, aquele peso.</b> (EN 02)
Então é aquela coisa, tudo é forçado demais, <b>só querem bônus, mas não querem ônus</b> entendeu? <b>O que eu vejo também do mal-estar docente é muitas vezes o egoísmo das pessoas</b> né? Você já ser formado e saber o que as crianças necessitam e você <b>colocar uma venda nos olhos e fingir que elas não precisam de nada, que as migalhas que você joga já é o suficiente.</b> (EN 02)
Tem aquela frase que já é bem conhecida, mas eu concordo quando diz que a cara da turma é a cara do professor, a cara do professor é a cara da turma. Se você não vê aquele querer no professor ou aquela ação, aquele movimento, os alunos são do mesmo jeito. Se você vê que o professor já fica ali na dele, tipo deixa a vida me levar, os alunos são do mesmo jeito. Então o mal-estar docente que eu sinto nelas [professoras de carreira] é aquela questão de <b>vir se arrastando, vir contando os dias,</b> quando tem feriado acha é bom, se não tem água querem liberar os meninos, mas isso a diretora nunca faz, ela sempre dá um jeito. Se é para enforcar um dia por causa do feriado é uma dificuldade para repor depois. (EN 02)
Então, eu acho que a Secretaria ela deveria <b>estar mais atenta em relação à formação dessas professoras que já estão há mais tempo na Rede,</b> que podem estar sofrendo esse mal-estar com acompanhamento mais específico com elas, até quem sabe o acompanhamento com psicólogo [...] (EN 01)
<b>Se você for pegar só o lado ruim, realmente tem muito motivo para você ter esse mal-estar docente. Adquirir esse lado negativo.</b> Com certeza as experiências delas [professoras de carreira] trazem esse mal-estar. Às vezes eu até chego animada na escola para fazer o meu trabalho, mas vejo aquele desânimo, aquela falta de querer, aquela falta de vontade, aquela falta de perseverança e acaba me incomodando. (EN 01)
<b>Mesmo assim quando você coloca em sua cabeça: “não, não é fácil, mas vou fazer o melhor, vou dar o meu melhor”. Acho que você falando essas coisas positivas,</b>

<p><b> você acaba adquirindo sentimentos positivos</b>, agora quando você sai da sua casa pensando: ah, aqueles meninos, ah, aqueles pais, aquela escola. Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico. A gente percebe muito, não só aqui na escola, mas como outras colegas do meu Curso. (EN 01)</p>
<p>É um clima que... <b> eu não gosto de viver assim nesse clima, porque eu sou uma pessoa muito flexível, gosto de ajudar minhas companheiras, gosto de bater aquele papo</b>. A profissão já é tão difícil e você ainda chegar a uma escola e ter esse clima de rivalidade, de fingir que é seu amigo, mas por trás fica falando é um pouco chato, mas eu e a outra professora, a gente se fortaleceu muito. (EN 02)</p>
<p>Acho que o que seria necessário é <b> a pessoa querer e estar disposta a atuar nessa profissão [...]. Para ser professor tem que realmente querer, tem que ser algo que vem de dentro</b>, algo interno.(EN 02)</p>
<p>O ideal seria mesmo que cada Universidade tivesse uma escola dentro da universidade como tem na UNICAMP, que tem a própria escola dentro da universidade. <b> Seria bom que cada universidade tivesse uma escola funcionando mesmo ali, para que o aluno da graduação tenha aquela vivência mesmo</b>. [...] Então, eu acho que se os alunos vivenciassem mesmo o que realmente é a escola, o que é realmente a educação, o que é realmente esse cotidiano, acho que sairiam menos frustrados da universidade e com certeza acho que só estaria aqui quem realmente quisesse encarar a profissão e quisesse fazer o melhor e se aposentar aqui. (EN 02)</p>
<p>Minha relação com o mal-estar... se não tiver cuidado <b> ele contagia [...].</b>Minha relação com o mal-estar é procurar não ser atingida, <b> não deixar me contaminar</b>. (EN 02)</p>
<p>Então, todo mundo aqui na escola tem que ser profissional, trabalhar com o único objetivo que é de termos uma educação de qualidade. (EN 02)</p>
<p>Aqui na escola a minha principal função é <b> fazer com que meus alunos aprendam</b>, é fazer com que eles tenham oportunidade igual a um aluno da escola privada, que ele não seja menosprezado, que ele não seja alguém do aluno da escola privada. Minha função é essa, é proporcionar aos meus alunos as mesmas experiências que eles poderiam ter na escola particular ou até melhor que uma escola particular. <b> A minha função é essa, é fazer com que eles cresçam, que se desenvolvam, que eles aprendam</b> e não assim, porque sou de escola pública eu sonho menos. (EN 02)</p>
<p>Espero que aonde eles cheguem sejam reconhecidos como alunos de escola pública, mas como alunos que tiveram todos os tipos de vivências e experiências proporcionados pelo ambiente escolar [...] (EN 02)</p>
<p>Procuro levar eles para conhecer outros lugares, faço muitos passeios, muitas experiências novas para que eles não fiquem alguém de outros alunos, que eles possam chegar em uma roda de crianças do mesmo nível, de escolas particulares e estejam na mesma altura dos outros alunos. <b> Minha função é essa, é fazer com que eles aprendam da mesma forma do que um aluno da escola particular, que eles não sejam rejeitados e menosprezados pelo sistema não</b>. Espero que eles sejam <b> competidores do mesmo jeito</b>. (EN 02)</p>
<p><b> A criança é em primeiro lugar. Sempre estar fazendo o melhor possível para que ela se desenvolva</b> e que mais na frente eu possa ver elas desenvolvidas, futuros profissionais qualificados, seja qual for a profissão que for escolher, mas que eu possa olhar para trás e ver que valeu a pena, valeu a pena todo o esforço que tive. O que fica mesmo para o ser humano é a educação, é o nosso saber mesmo. (EN 01)</p>
<p>[...] eu e a diretora temos o mesmo foco e praticamente as mesmas ideias, os mesmos objetivos, <b> da criança se desenvolver, da criança ter esse ambiente aconchegante, ambiente acolhedor</b> e é aí que nós nos identificamos muito. (EN 01)</p>
<p>Eu fui formada, estudei para estar aqui, então... O nosso público são pessoas que não tiveram acesso à educação, não tiveram acesso ao conhecimento, são pessoas de outro tipo de cultura e ensino. Então, a gente não pode se rebaixar ao nível deles e sim trazer eles para seu nível né? <b> O papel da escola é esse, é mostrar para os pais que a</b></p>



<b>educação pode mudar a realidade, pode te levar à rumos diferentes.</b> (EN 02)
A educação só não vai mais para frente porque <b>nós mesmos professores, dentro do nosso ambiente de serviço, nós não somos unidos.</b> Se nós fossemos unidos, todas com suas propostas, com seus objetivos... talvez a gente não consiga mudar toda a situação, mas que a gente mudasse a realidade dos nossos alunos na nossa região, já seria um bom avanço para nós. (EN 01)
A educação só não vai mais para frente porque nós mesmos professores, dentro do nosso ambiente de serviço, nós não somos unidos. <b>Se nós fossemos unidos, todas com suas propostas, com seus objetivos... talvez a gente não consiga mudar toda a situação, mas que a gente mudasse a realidade dos nossos alunos na nossa região,</b> já seria um bom avanço para nós. (EN 01)
<b>O ideal para exercer [a profissão] de forma satisfatória é uma estrutura boa na escola, recursos suficientes,</b> você está sempre ali e nunca faltar recursos e materiais, tanto na parte da tecnologia quanto mesmo do concreto, do dia a dia, salas reduzidas também com menos alunos. (EN 02)
No começo quase que eu me desesperei e claro que eu também pensei em desistir realmente no mês de maio, por aí. A gente entrou em fevereiro, <b>eu nunca tinha entrado numa sala realmente minha, eu já tinha sido estagiária, mas é diferente quando você assume uma turma.</b> (EN 01)
Desde o ano passado, a minha turma é muito boa, eu tive muita dificuldade no começo, na questão de poder controlar a indisciplina, na questão do acompanhamento dos pais, mas depois com o tempo <b>fui sabendo como lidar com cada pai e com cada criança, os problemas que eles passam em casa.</b> (EN 01)
[...] <b>eu cheguei e como eu já falei tive problemas, mas consegui superar esses problemas e por conseguir superar esses problemas que eu tive em sala de aula eu passei confiança para ela [diretora], consegui cativar os pais.</b> Então, se falava: “ah, a Julienny é nova, mas ela tem capacidade para assumir a direção, para ficar no teu lugar”. (EN 01)
[...] houve uns problemas com a questão de pai, de aluno e aí realmente pensei em desistir, mas pensei que se eu desistisse seria covarde, os vencedores vão à luta. <b>Não é fácil, a gente tem que aprender a superar os obstáculos. Então eu fui tentando ter mais calma, ter mais cautela com as palavras, ter paciência,</b> porque nós fomos formados... (EN 01)
Então, eu tive que mostrar para eles que eu era nova ali... logo por eu ser nova já tem aquele preconceito. Muitas mães chegaram para a diretora e falaram: “ah, ela não vai dar conta. É muito nova, é tão pequenininha, tão fraquinha para esse monte de menino”. [...] <b>Tentei conhecer os pais, tentei ser mais amigável, mostrar e passar confiança.</b> (EN 01)
[...] a gente tem que <b>procurar se especializar, se formar, estudar cada vez mais, ler os livros, atualidades,</b> mas que a Secretaria (SEMEC) também tenha essa preocupação de sempre está influenciando a gente, de está propondo cursos novos para haver essa reciclagem. (EN 01)

Fonte: Dados das Entrevistas Narrativas.

## 4.2 Aglutinação dos pré-indicadores em indicadores

Após o levantamento dos pré-indicadores oriundos das narrativas, partimos para a etapa seguinte, que é a construção dos indicadores. Lembramos que organizamos os dados seguindo os critérios básicos para a aglutinação dos pré-indicadores em indicadores que, de acordo com Aguiar e Ozella (2006) são: a

similaridade, complementaridade e contraposição, pois esses nos permitiram perceber o movimento dialético do pensamento da professora expressando as zonas de significados e de sentidos do mal-estar docente da professora em início de carreira. Dessa forma, para chegar aos indicadores consideramos não apenas os objetivos estabelecidos nesta investigação para ver esse movimento, mas também o ser professora em início de carreira como totalidade. Para nominar os indicadores, nossa compreensão dos pressupostos teóricos e da revisão de literatura foi fundamental.

### Quadro 2 – A construção dos indicadores

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
Então, estou muito <b>satisfeita com a minha profissão</b> , com os meus alunos, com os pais dos meus alunos, com tudo. Não tenho nada a reclamar. (EN 01)	<b>Realização e satisfação com a profissão</b>
Às vezes eu venho para cá e posso estar triste, com problemas pessoais, mas quando eu chego o sorriso deles (alunos) me anima, me dá força para continuar e <b>eu realmente estou realizada na profissão</b> . (EN 01)	
[...] no momento estou me sentindo <b>satisfeita com a profissão</b> , com a série que eu escolhi. (EN 01)	
<b>Para mim... eu estou satisfeita. Está valendo apenas, no momento.</b> Não posso te afirmar [nome da pesquisadora] que daqui a cinco anos vou estar com esse mesmo pensamento, porque a gente não sabe o dia de amanhã. Então, a gente tem que viver o presente, fazer o que pode fazer agora, porque se deixar para depois... o amanhã é incerto. (EN 01)	
<b>Com relação à profissão docente eu estou me sentindo muito bem, muito realizada</b> como eu já havia falado antes e... como a gente chegou no final do ano, você pode perceber que quando você veio estávamos com outra estrutura, com a dificuldade da construção da escola. Agora é cada um na sua sala, já estamos com os ventiladores e <b>tudo isso contribui ainda mais para que eu esteja me identificando com a profissão</b> , porque a escola já tem agora estrutura, mais espaço, aqui as crianças podem ter outros tipos de vivência, outros tipos de expectativas. (EN 02)	

<p>Estamos agora no final de novembro e o projeto que eu disse que eu estava realizando sobre a alimentação saudável, já fizemos a culminância que teve piquenique e aí <b>esses dois anos que estou com a mesma turma estou me sentindo muito realizada, muito feliz. Estou terminando o ano de 2012 muito feliz, porque está havendo aquela conquista dos pais.</b> Os pais estão mais presentes na escola, aqueles que eu via que não dava tanta importância à Educação infantil, já estão dando, já estão acompanhando. Tudo isso faz com que eu esteja me sentindo realizada. (EN 02)</p>	
<p>[...] no momento estou me sentindo satisfeita com a profissão, com a série que eu escolhi. <b>Eu escolhi a Educação infantil porque sempre gostei de criança, sempre trabalhei na minha igreja com crianças pequenas. É o que eu gosto de fazer, trabalhar com crianças pequenas, é o que eu me identifico e eu estou gostando, graças a Deus.</b> (EN 01)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Realização e satisfação em trabalhar com alunos de educação infantil</b></p>
<p><b>Estou no momento realizada, acho muito bom... meus alunos, gosto deles.</b> Às vezes eu venho para cá e posso estar triste, com problemas pessoais, mas quando eu chego <b>o sorriso deles (alunos) me anima, me dá força para continuar</b> e eu realmente estou realizada na profissão. (EN 01)</p>	
<p>Mas em relação aos meus alunos, eu nunca... <b>eu sempre gostei de crianças, nunca senti insatisfação e vontade de deixar a profissão docente por causa dos alunos não,</b> mas por causa da convivência com as outras pessoas da escola. (EN 02)</p>	
<p><b>A satisfação é em relação aos meus alunos</b> e a insatisfação é com as outras professoras... não todas. (EN 02)</p>	
<p>Assim, os primeiros momentos, os primeiros seis meses foram assim... <b>os três primeiros meses foi um choque,</b> aquele monte de criança, escola sem estrutura, sem material, professor novo, toda gestão nova, quadro de funcionários novos. <b>Foi difícil a adaptação não só para mim,</b> mas para toda a equipe de funcionários na escola e também os pais dos meninos do maternal. (EN 02)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Um choque com a realidade</b></p>
<p>No começo as cobranças são maiores, os meninos começam com mordidas, os meninos caem e o pai não entende. Tem que conquistar o pai, trazer o pai para o seu lado, para o pai ser companheiro, entender que são crianças que estão nesse momento de adaptação, de fase de desenvolvimento. <b>Esses pequenos problemas trouxeram um pouco de, não frustração, mas de temor,</b> porque você tem que aprender a lidar com esses problemas do cotidiano, tem que</p>	

<p>aprender a superar cada dia um problema e ter paciência. (EN 02)</p>	
<p>[...] <b>choque devido à estrutura da escola</b>, devido às próprias crianças também, ao público que não... como eu não sabia... eu sabia que era uma região bem pobre, bem carente. <b>É difícil. O jeito que eles vivem, o palavreado deles, a postura deles é diferente do que estou acostumada, então, essa postura, esse palavreado me chocou um pouco</b>, mas aos poucos a gente foi conversando, foi sabendo conviver com as diferenças. <b>O primeiro sentimento foi assim de temor, de medo, mas de frustração não, porque eu já sabia que não iria ser fácil.</b> (EN 02)</p>	
<p><b>No começo foi tudo bem</b>, era muito bom acordar de manhã e vir para a escola, <b>num ambiente de amizade</b>, descontração, de parceria [...] (EN 02)</p>	<p>(In)satisfação pela convivência com as professoras de carreira.</p>
<p>Insatisfação... os momentos que senti <b>insatisfação foi em relação a minha convivência com as outras pessoas da escola, com as outras professoras</b>. Minha insatisfação não foi com meus alunos. <b>Todo mundo sabe aqui nessa escola que eu prefiro estar mil vezes na sala de aula do que estar trabalhando com gente na coordenação, na direção</b>, porque eu sinto que o ser humano é um ser muito difícil, já as crianças não, elas estão ali cometem um errozinho e você adverte, fica com cara de zangada... Você vê que elas têm um coração bom, não guardam rancor, mas já o ser humano, <b>o adulto já formado é muito difícil aceitar o outro</b>, aceitar os defeitos do outro, aceitar as opiniões do outro, aceitar o trabalho do outro. (EN 02)</p>	
<p><b>A relação professor-professor é a que é mais difícil</b> [risos]. Como eu sempre falei: <b>meu Deus eu prefiro mil vezes lidar com crianças porque ela é ingênua</b>. Você está ali, reclama um pouquinho e depois ela vem abraçar. Já o ser humano [adulto] não, você não entende. Eu não entendo. (EN 01)</p>	
<p><b>A gente mal vira as costas e já estão falando da gente, por coisa pequena querem prejudicar a gente</b>. Como eu não era acostumada a viver com esse tipo de gente e de ambiente... <b>a minha insatisfação é relacionada somente a isso.</b> (EN 02)</p>	
<p>A satisfação é em relação aos meus alunos e <b>a insatisfação é com as outras professoras... não todas.</b> (EN 02)</p>	
<p>Continuando, minhas expectativas são as melhores possíveis, <b>é poder cada vez mais contribuir para meus alunos, contribuir para o</b></p>	

<p><b>desenvolvimento deles.</b> No próximo ano vou continuar com a mesma turma no 2º Período. <b>A minha meta é que todos saiam alfabetizados, se não todos, mas pelo menos 80% da turma eu quero que saia alfabetizada.</b> (EN 02)</p>	<p><b>Que os alunos aprendam e se desenvolvam</b></p>
<p>Minha expectativa é que os <b>pais estejam mais envolvidos no desenvolvimento do seu filho</b>, a questão mesmo de acompanhamento escolar, acompanhamento da aprendizagem deles. (EN 01)</p>	<p><b>Envolvimento dos pais dos alunos</b></p>
<p>Outra expectativa é que <b>acabe realmente essas intrigas, que eu já falei, entre nós que estamos entrando agora e as que já são mais veteranas aqui na escola [...]</b> (EN 01)</p>	<p><b>Que acabe o clima de desavença entre as professoras iniciantes e professoras de carreira</b></p>
<p>[...] <b>a questão mesmo da própria Secretaria de Educação, que ela saiba valorizar mais o professor</b>, dar estrutura, dar recurso, capacitar cada vez mais os professores. (EN 01)</p>	<p><b>Valorização do professor</b></p>
<p>Da minha profissão eu espero <b>que o professor seja mais valorizado, tanto em relação ao salário, como em relação à sociedade</b> de ver a importância do professor, porque sem... isso já é até um clichê. Sem o professor não existe as outras profissões. [...] <b>em relação aos problemas de baixo salário, às vezes os salários atrasados.</b> Graças a Deus isso não acontece aqui na prefeitura, mas em muitos lugares acontece do salário atrasar e falta de estrutura nas escolas. (EN 02)</p>	
<p>A minha expectativa é que a profissão docente, ser professor e a educação seja valorizada por toda a sociedade. <b>Não ver o professor ser um coitado não.</b> (EN 02)</p>	
<p>[...] seria bom mesmo é <b>que os professores fossem valorizados</b> realmente nesse país que com certeza o país iria para frente. (EN 02)</p>	
<p>A questão dos salários também, que os aumentos sejam justos, a questão do professor se capacitar cada vez mais, <b>que a própria Secretaria esteja a cada dia proporcionando esse momento para a ampliação do conhecimento do professor e novas experiências.</b> (EN 02)</p>	
<p>Seria muito bom que a sociedade, os governantes, o próprio Ministro de educação, procurassem metas, objetivos para o professor, como você falou, <b>pudesse amenizar esse mal-estar docente [...]</b>. (EN 02)</p>	
<p>Então, como eu vejo a questão das minhas amigas de profissão? Essa questão, logo porque já estão com muito tempo na profissão e <b>muitas já estão calejadas</b>, tem a questão de <b>muitos pais agredirem a gente.</b> Não compreendem... Então, <b>tudo isso vai contribuindo para que as pessoas criem esse mal-estar com relação a</b></p>	<p><b>Situações que originam mal-estar docente</b></p>

<p><b>profissão. São crianças problemáticas, são crianças com necessidades especiais, a questão do salário, a questão da estrutura, a questão dos pais. Então, tudo isso. (EN 01)</b></p>	
<p>Mesmo assim quando você coloca em sua cabeça: não, não é fácil, mas vou fazer o melhor, vou dar o meu melhor. Acho que você falando essas coisas positivas, você acaba adquirindo sentimentos positivos, <b>agora quando você sai da sua casa pensando: ah, aqueles meninos, ah, aqueles pais, aquela escola. Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico.</b> A gente percebe muito, não só aqui na escola, mas como outras colegas do meu Curso. (EN 01)</p>	
<p>É um clima que... eu não gosto de viver assim nesse clima, porque eu sou uma pessoa muito flexível, gosto de ajudar minhas companheiras, gosto de bater aquele papo. <b>A profissão já é tão difícil e você ainda chegar a uma escola e ter esse clima de rivalidade, de fingir que é seu amigo, mas por trás fica falando é um pouco chato, mas eu e a outra professora, a gente se fortaleceu muito.</b> (EN 02)</p>	
<p><b>Nossa relação agora é como eu já te falei, é só se respeitar, dar bom dia, boa tarde e boa noite, tchau e quando tem que se juntar para fazer algum serviço a gente se reuni, mas questão assim de amizade, de companheirismo não.</b> Só mesmo o que não é dispensável. É tipo assim: "só fale comigo o que é indispensável". (EN 02)</p>	
<p>Ensinando coisas assim tão do nosso cotidiano do que a criança precisa é se expressar artisticamente, coisas que elas adoram fazer no dia a dia, se você deixar, é todo dia, toda hora. <b>Foi tão difícil.</b> A [nome da diretora] já me cobrou isso, que eu estou até com vontade de fazer, <b>mas já fico pensando como vai ser a dificuldade de realizar tal projeto que isso acaba de certa forma me contagiando, sabe?</b> Não vou fazer não, porque se eu inventar isso aqui vão dizer que sou babona, que eu só quero me aparecer. <b>Então isso acaba me chocando um pouco, me afetando um pouco,</b> mas só que a gente tem que parar um pouco e pensar que não é assim, eu tenho que fazer a minha parte, procurar fazer o meu melhor e dar o melhor para os meus alunos. (EN 02)</p>	
<p>Se você for pegar só o lado ruim, realmente tem muito motivo para você ter esse mal-estar docente. Adquirir esse lado negativo. Com certeza as experiências delas (professoras de carreira) trazem esse mal-estar. Às vezes eu até chego</p>	<p><b>Situações que revelam mal-estar docente</b></p>

<p>animada na escola para fazer o meu trabalho, mas vejo <b>aquele desânimo, aquela falta de querer, aquela falta de vontade, aquela falta de perseverança</b> e acaba me incomodando. (EN 01)</p>	
<p>É essa <b>falta de querer e indisposição</b>. Você pode dar o seu melhor, você tem capacidade, estudou, se especializou, mas só guardou o diploma ali, guardou os textos ali e pronto, acabou. <b>Estagnou no tempo</b>, sabe? É só receber o salário, receber suas férias e pronto. Os alunos que aprendam com outra professora. <b>Sempre jogam a bola para frente</b>. (EN 02)</p>	
<p>Depois daquele dia fiquei refletindo, porque a gente pensa que é só a gente que fica sentindo esse clima, porque como a gente tem mais tempo né? O pai só vem deixar, vem buscar ou para alguma reunião ou evento, mas já é tão notável que até os pais no momento da acolhida eles já percebem. É um momento que a criança está acordando, sonolenta, dá trabalho chorando e o professor em vez de ser aquela pessoa amável, afável, uma pessoa acolhedora né? O pai já vê a cara do professor, <b>a cara maior do mundo, parece que estão aqui, mas que queria mesmo é está em outro lugar. O pai sente aquele peso, aquele peso</b>. (EN 02)</p>	
<p>Então é aquela coisa, tudo é forçado demais, <b>só querem bônus, mas não querem ônus</b> entendeu? <b>O que eu vejo também do mal-estar docente é muitas vezes o egoísmo das pessoas</b>, né? Você já ser formado e saber o que as crianças necessitam e você <b>colocar uma venda nos olhos e fingir que elas não precisam de nada, que as migalhas que você joga já é o suficiente</b>. (EN 02)</p>	
<p>Tem aquela frase que já é bem conhecida, mas eu concordo quando diz que a cara da turma é a cara do professor, a cara do professor é a cara da turma. Se você não vê aquele querer no professor ou aquela ação, aquele movimento, os alunos são do mesmo jeito. Se você vê que o professor já fica ali na dele, tipo deixa a vida me levar, os alunos são do mesmo jeito. Então o mal-estar docente que eu sinto nelas [professoras de carreira] é aquela questão de <b>vir se arrastando, vir contando os dias</b>, quando tem feriado acha é bom, se não tem água querem liberar os meninos, mas isso a diretora nunca faz, ela sempre dá um jeito. Se é para enforçar um dia por causa do feriado é uma dificuldade para repor depois. (EN 02)</p>	
<p>Então, eu acho que a Secretaria ela deveria <b>estar mais atenta em relação à formação dessas professoras que já estão há mais tempo na Rede</b>, que podem estar sofrendo esse mal-estar</p>	<p><b>Situações que podem evitar mal-estar docente</b></p>

<p>com acompanhamento mais específico com elas, até quem sabe o acompanhamento com psicólogo [...] (EN 01)</p>	
<p><b>Se você for pegar só o lado ruim, realmente tem muito motivo para você ter esse mal-estar docente. Adquirir esse lado negativo.</b> Com certeza as experiências delas [professoras de carreira] trazem esse mal-estar. Às vezes eu até chego animada na escola para fazer o meu trabalho, mas vejo aquele desânimo, aquela falta de querer, aquela falta de vontade, aquela falta de perseverança e acaba me incomodando. (EN 01)</p>	
<p><b>Mesmo assim quando você coloca em sua cabeça: “não, não é fácil, mas vou fazer o melhor, vou dar o meu melhor”. Acho que você falando essas coisas positivas, você acaba adquirindo sentimentos positivos,</b> agora quando você sai da sua casa pensando: ah, aqueles meninos, ah, aqueles pais, aquela escola. Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico. A gente percebe muito, não só aqui na escola, mas como outras colegas do meu Curso. (EN 01)</p>	
<p>É um clima que... <b>eu não gosto de viver assim nesse clima, porque eu sou uma pessoa muito flexível, gosto de ajudar minhas companheiras, gosto de bater aquele papo.</b> A profissão já é tão difícil e você ainda chegar a uma escola e ter esse clima de rivalidade, de fingir que é seu amigo, mas por trás fica falando é um pouco chato, mas eu e a outra professora, a gente se fortaleceu muito. (EN 02)</p>	
<p>Acho que o que seria necessário é <b>a pessoa querer e estar disposta a atuar nessa profissão [...]. Para ser professor tem que realmente querer, tem que ser algo que vem de dentro,</b> algo interno.(EN 02)</p>	
<p>O ideal seria mesmo que cada universidade tivesse uma escola dentro da universidade como tem na UNICAMP, que tem a própria escola dentro da universidade. <b>Seria bom que cada universidade tivesse uma escola funcionando mesmo ali, para que o aluno da graduação tenha aquela vivência mesmo.</b> [...] Então, eu acho que se os alunos vivenciassem mesmo o que realmente é a escola, o que é realmente a educação, o que é realmente esse cotidiano, acho que sairiam menos frustrados da universidade e com certeza acho que só estaria aqui quem realmente quisesse encarar a profissão e quisesse fazer o melhor e se aposentar aqui. (EN 02)</p>	
<p>Minha relação com o mal-estar... se não tiver cuidado <b>ele contagia</b> [...].Minha relação com o</p>	



<p>mal-estar é procurar não ser atingida, <b>não deixar me contaminar.</b> (EN 02)</p>	
<p>Então, todo mundo aqui na escola tem que ser profissional, trabalhar com o único objetivo que é de termos uma educação de qualidade. (EN 02)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Ser professor é possibilitar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno</b></p>
<p>Aqui na escola a minha principal função é <b>fazer com que meus alunos aprendam</b>, é fazer com que eles tenham oportunidade igual a um aluno da escola privada, que ele não seja menosprezado, que ele não seja aquém do aluno da escola privada. Minha função é essa, é proporcionar aos meus alunos as mesmas experiências que eles poderiam ter na escola particular ou até melhor que uma escola particular. <b>A minha função é essa, é fazer com que eles cresçam, que se desenvolvam, que eles aprendam</b> e não assim, porque sou de escola pública eu sonho menos. (EN 02)</p>	
<p>Espero que aonde eles cheguem sejam reconhecidos como alunos de escola pública, mas como alunos que tiveram todos os tipos de vivências e experiências proporcionados pelo ambiente escolar [...] (EN 02)</p>	
<p>Procuro levar eles para conhecer outros lugares, faço muitos passeios, muitas experiências novas para que eles não fiquem aquém de outros alunos, que eles possam chegar em uma roda de crianças do mesmo nível, de escolas particulares e estejam na mesma altura dos outros alunos. <b>Minha função é essa, é fazer com que eles aprendam da mesma forma do que um aluno da escola particular, que eles não sejam rejeitados e menosprezados pelo sistema não. Espero que eles sejam competidores do mesmo jeito.</b> (EN 02)</p>	
<p><b>A criança é em primeiro lugar. Sempre estar fazendo o melhor possível para que ela se desenvolva</b> e que mais na frente eu possa ver elas desenvolvidas, futuros profissionais qualificados, seja qual for a profissão que for escolher, mas que eu possa olhar para trás e ver que valeu a pena, valeu a pena todo o esforço que tive. O que fica mesmo para o ser humano é a educação, é o nosso saber mesmo. (EN 01)</p>	
<p>[...] eu e a diretora temos o mesmo foco e praticamente as mesmas ideias, os mesmos objetivos, <b>da criança se desenvolver, da criança ter esse ambiente aconchegante, ambiente acolhedor</b> e é aí que nós nos identificamos muito. (EN 01)</p>	
<p>Eu fui formada, estudei para estar aqui, então... O nosso público são pessoas que não tiveram acesso à educação, não tiveram acesso ao conhecimento, são pessoas de outro tipo de</p>	<p style="text-align: center;"><b>Ser professor: entre o real e ideal</b></p>

<p>cultura e ensino. Então, a gente não pode se rebaixar ao nível deles e sim trazer eles para seu nível né? <b>O papel da escola é esse, é mostrar para os pais que a educação pode mudar a realidade, pode te levar à rumos diferentes.</b> (EN 02)</p>	
<p>A educação só não vai mais para frente porque <b>nós mesmos professores, dentro do nosso ambiente de serviço, nós não somos unidos.</b> Se nós fossemos unidos, todas com suas propostas, com seus objetivos... talvez a gente não consiga mudar toda a situação, mas que a gente mudasse a realidade dos nossos alunos na nossa região, já seria um bom avanço para nós. (EN 01)</p>	
<p>A educação só não vai mais para frente porque nós mesmos professores, dentro do nosso ambiente de serviço, nós não somos unidos. <b>Se nós fossemos unidos, todas com suas propostas, com seus objetivos... talvez a gente não consiga mudar toda a situação, mas que a gente mudasse a realidade dos nossos alunos na nossa região,</b> já seria um bom avanço para nós. (EN 01)</p>	
<p><b>O ideal para exercer [a profissão] de forma satisfatória é uma estrutura boa na escola, recursos suficientes,</b> você está sempre ali e nunca faltar recursos e materiais, tanto na parte da tecnologia quanto mesmo do concreto, do dia a dia, salas reduzidas também com menos alunos. (EN 02)</p>	
<p>No começo quase que eu me desesperei e claro que eu também pensei em desistir realmente no mês de maio, por aí. A gente entrou em fevereiro, <b>eu nunca tinha entrado numa sala realmente minha, eu já tinha sido estagiária, mas é diferente quando você assume uma turma.</b> (EN 01)</p>	
<p>Desde o ano passado, a minha turma é muito boa, eu tive muita dificuldade no começo, na questão de poder controlar a indisciplina, na questão do acompanhamento dos pais, mas depois com o tempo <b>fui sabendo como lidar com cada pai e com cada criança, os problemas que eles passam em casa.</b> (EN 01)</p>	<p style="text-align: center;"><b>Ser professor: dificuldades e desafios</b></p>
<p>[...] eu cheguei e como eu já falei tive problemas, mas consegui superar esses problemas e por conseguir superar esses problemas que eu tive em sala de aula eu passei confiança para ela [diretora], consegui cativar os pais. Então, se falava: “ah, a Julieny é nova, mas ela tem capacidade para assumir a direção, para ficar no teu lugar”. (EN 01)</p>	
<p>[...] houve uns problemas com a questão de pai,</p>	

de aluno e aí realmente pensei em desistir, mas pensei que se eu desistisse seria covarde, os vencedores vão à luta. <b>Não é fácil, a gente tem que aprender a superar os obstáculos. Então eu fui tentando ter mais calma, ter mais cautela com as palavras, ter paciência</b> , porque nós fomos formados... (EN 01)	
Então, eu tive que mostrar para eles que eu era nova ali... logo por eu ser nova já tem aquele preconceito. Muitas mães chegaram para a diretora e falaram: “ah, ela não vai dar conta. É muito nova, é tão pequenininha, tão fraquinha para esse monte de menino”. [...] <b>Tentei conhecer os pais, tentei ser mais amigável, mostrar e passar confiança.</b> (EN 01)	
[...] a gente tem que <b>procurar se especializar, se formar, estudar cada vez mais, ler os livros, atualidades</b> , mas que a Secretaria (SEMEC) também tenha essa preocupação de sempre está influenciando a gente, de está propondo cursos novos para haver essa reciclagem. (EN 01)	

Fonte: Dados das narrativas e da autora

### 4.3 Organização dos Núcleos de Significação

Após a aglutinação dos pré-indicadores em indicadores, articulamos os indicadores, de acordo com o que orientam Aguiar e Ozella (2006), e chegamos a quatro núcleos de significação, os quais serão interpretados no capítulo seguinte.

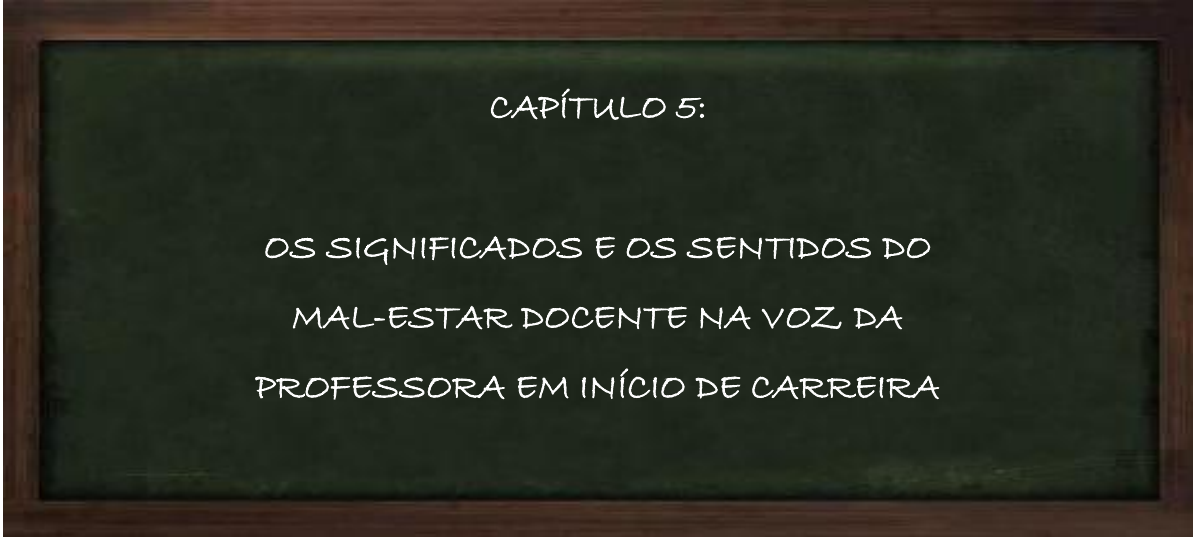
**Quadro 3 – Dos indicadores aos Núcleos de Significação**

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
Realização e satisfação profissional com a profissão	<b>Sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação versus satisfação e realização profissional.</b>
Realização e satisfação em trabalhar com alunos de educação infantil	
Um choque com a realidade	
(In)satisfação pela convivência com as professoras de carreira	
Que os alunos aprendam e se desenvolvam	<b>Múltiplas expectativas em relação à profissão docente</b>
Envolvimento dos pais dos alunos	
Que acabe o clima de desavenças entre as professoras	
Valorização do professor	
Situações que originam mal-estar docente	<b>Sobre o mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita</b>
Situações que revelam mal-estar docente	

Situações que podem evitar mal-estar docente	
Ser professor é possibilitar a aprendizagem e desenvolvimento do aluno	<b>Desafios e possibilidades de ser professor</b>
Ser professor: entre o real e ideal	
Ser professor: dificuldades e desafios	

Fonte: Dados da autora

Convém ressaltarmos que, para Aguiar e Ozella (2006), o momento de organização do dado empírico em pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação se caracteriza predominantemente por um processo de análise. Já o momento de apreender os conteúdos de cada núcleo de significação consiste nas interpretações que realizamos com base na fundamentação teórica e na revisão de literatura e estão sistematizadas no capítulo que segue.



CAPÍTULO 5:

OS SIGNIFICADOS E OS SENTIDOS DO  
MAL-ESTAR DOCENTE NA VOZ DA  
PROFESSORA EM INÍCIO DE CARREIRA

## 5 OS SIGNIFICADOS E OS SENTIDOS DO MAL-ESTAR DOCENTE NA VOZ DA PROFESSORA EM INÍCIO DE CARREIRA

A palavra desprovida de significado  
não é palavra, é um som vazio.  
(VYGOTSKY)

Por compreender que toda palavra tem significado, interpretaremos a seguir as falas da professora Julieny, extraídas das entrevistas narrativas, e que indicam determinados pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação, para conhecer seus significados e sentidos do mal-estar docente e sua relação com a identidade docente que está se constituindo.

Neste capítulo, apresentamos as interpretações nos núcleos de significação: 5.1) Sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação *versus* satisfação e realização profissional; 5.2) Múltiplas expectativas em relação à profissão docente; 5.3) Sobre o mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita; 5.4) Desafios e possibilidades de ser professor.

No primeiro Núcleo, Julieny revela sentimentos antagônicos ao exercer sua profissão, como medo e insatisfação, satisfação e realização, mas a zona de sentido satisfação é a que prevalece. No segundo Núcleo, a professora apresenta múltiplas expectativas que indicam sua identificação com a profissão docente, são elas: que os alunos aprendam e se desenvolvam; envolvimento dos pais; que acabe o clima de desavenças entre as professoras; e valorização do professor. No terceiro Núcleo, nossa interlocutora evidencia como sente o mal-estar que está presente nas colegas de trabalho. Julieny demonstra ser capaz de superar os conflitos, sobretudo envolvendo sua relação com as professoras que proporcionaram mal-estar docente. No quarto e último Núcleo, possibilitar a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e o trabalho em equipe e troca de experiências entre as professoras são alguns desafios e possibilidades de ser professor. Vejamos a seguir como cada um destes núcleos constituem zonas de sentido do ser a professora Julieny.

### **5.1 Sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação versus satisfação e realização profissional**

O núcleo **“Sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação versus satisfação e realização profissional”** foi constituído a partir da articulação entre os indicadores que expressam diferentes maneiras do sentir-se na profissão. Esses indicadores expressam os sentimentos vivenciados pela professora em início de carreira em relação à profissão docente, que constituem sua identidade profissional, e são: a) Realização e satisfação com a profissão; b) Realização e satisfação em trabalhar com crianças; c) Um choque com a realidade; d) (In)satisfação pela convivência com as professoras de carreira.

Neste Núcleo, a professora em início de carreira revela sentimentos antagônicos. Está satisfeita e realizada com a profissão docente, embora nos primeiros meses de atuação tenha vivenciado um choque com a realidade, pois desenvolveu medo ao se deparar com a complexidade da profissão, e insatisfação em relação à convivência com as demais professoras da escola.

A constituição desse Núcleo revela os significados e, sobretudo, os sentidos da professora iniciante em relação à docência. Considerando que o pensamento é emocionado, o modo de pensar e, por extensão, de sentir a profissão, parte de suas vivências, o que nos possibilita perceber a constituição de sua identidade profissional. Compreendemos que os sentidos são produzidos por Julieny na articulação entre subjetividade e objetividade, de modo que, de acordo com Vygotsky (2000, p. 465), “o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido”, pois o sentido é complexo e é apreendido com base nas vivências pessoais, nas relações informais e nas relações afetivas – sendo inesgotável –, e o significado é apenas uma de suas zonas de estabilidade.

Nas vivências são produzidos sentimentos, sejam eles de satisfação ou de insatisfação, que revelam bem-estar ou mal-estar e, por extensão, relevam os sentidos. Os sentimentos que aqui iremos discutir, de acordo com Wallon (1968), são manifestações afetivas, representadas por meio de gestos e da fala que podem denotar bem-estar ou mal-estar. As origens dos sentimentos são de ordem interna e de ordem externa. Por isso, consideramos relevante articular a fala da nossa interlocutora ao contexto sócio-histórico e cultural.

Ao trazermos as manifestações que se caracterizam por bem-estar e mal-estar docente para discussão, afirmamos que são manifestações resultantes das relações sociais como as de trabalho no contexto escolar. O mal-estar docente ou exaustão dos professores, para Zaragoza (1999), tem origem, por exemplo, na violência na escola, na falta de recursos materiais e condições de trabalho, nas modificações de papéis e na acumulação de exigências sobre o professor. Já o bem-estar, para Marchesi (2008), é sentir-se bem para educar, ou seja, é a satisfação do professor que está relacionada à valorização e apoio social, colaboração da família dos alunos e recursos disponíveis, entre outros fatores.

Para discutir os sentimentos da professora em início de carreira, organizamos nossas interpretações em torno de indicadores. O primeiro Indicador aponta a “Realização e a satisfação com a profissão”, denotando bem-estar e sinalizando identificação com a docência. Julieny se sente realizada e satisfeita, dezesseis meses após ingressar na carreira:

*Então, estou muito **satisfeita com a minha profissão**, com os meus alunos, com os pais dos meus alunos, com tudo. Não tenho nada a reclamar.*

A narrativa de Julieny evidencia que o sentimento de satisfação que contribui para sua identificação profissional está relacionado a vários fatores, dentre eles as vivências com os alunos e os seus pais. Esse modo de sentir é presente nos professores na fase de entrada na carreira, o que Huberman (2000) denomina de estágio da descoberta, que consiste na experimentação vivida com o entusiasmo de quem está iniciando na profissão.

Inferimos que as relações afetivas com os alunos constituem fator importante para que o professor desenvolva seu trabalho com satisfação e, ainda, as relações de proximidade que estabelecem com os pais, uma realidade a cada dia mais presente, são determinantes no desenvolvimento dessa sensação do professor.

Marchesi (2008), em seus estudos sobre as condições que contribuem para a melhoria da qualidade da educação, destaca que, entre 13 condições, o envolvimento dos pais na educação dos filhos, isto é, a presença dos pais na escola em colaboração com os professores para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos, foi a condição selecionada por 65,2% dos professores. Entendemos que a



professora Julieny não pensa diferente, sendo que um dos motivos de sua satisfação profissional é o envolvimento dos pais.

Vinte e dois meses após iniciar na docência, ao responder a segunda entrevista narrativa, a professora reitera:

***Com relação à profissão docente eu estou me sentindo muito bem, muito realizada, como eu já havia falado antes e... como a gente chegou no final do ano, você pode perceber que, quando você veio, estávamos com outra estrutura, com a dificuldade da construção da escola. Agora é cada um na sua sala, já estamos com os ventiladores e tudo isso contribui ainda mais para que eu esteja me identificando com a profissão, porque a escola já tem agora estrutura, mais espaço, aqui as crianças podem ter outros tipos de vivência, outros tipos de expectativas.***

Compreendemos, com base no trecho, que além de evidenciar sua relação com alunos e pais como aspecto que constitui sentimento de satisfação, a estrutura da escola também é importante para exercer sua profissão e desenvolver bem-estar.

Entendemos que condições favoráveis, assim como as relações interpessoais, contribuem para que os professores se sintam bem ao exercer sua profissão. As condições estruturais normalmente são queixas constantes dos professores (ZARAGOZA, 1999), mas no caso de Julieny, esse não poderia ser motivo para desenvolver sentimentos negativos, pelas boas condições da escola, por isso se sente realizada.

Quando afirma “**estou me sentindo bem, muito realizada**”, Julieny reforça o que havia respondido na primeira entrevista narrativa. No espaço de tempo de seis meses ainda desenvolve os mesmos sentimentos. Esses constituem sua identidade, pois ela está interligada, por exemplo, ao seu modo de sentir. Quando nos referimos que o modo de sentir constitui sua identidade, não estamos negando o modo de pensar e de agir, apenas ressaltamos um dos aspectos.

Ainda em relação à sua realização e à sua satisfação, Julieny, ao narrar seus sentimentos, expõe:

***Para mim... eu estou satisfeita. Está valendo apenas no momento. Não posso te afirmar [nome da pesquisadora] que daqui a cinco anos vou estar com esse mesmo pensamento, porque a gente não sabe o dia de amanhã. Então, a gente tem que viver o presente, fazer o que pode fazer agora, porque se deixar para depois... o amanhã é incerto.***

É importante registrar que esse trecho é resposta ao questionamento feito no final da primeira entrevista narrativa, quando perguntamos se estava valendo a pena ser professora. Essa resposta nos ajuda a apreender a satisfação ou não em relação à profissão. Ao dizer que “**está valendo apenas, no momento**” ela indica que seus sentimentos podem mudar. Há a possibilidade de ser afetada por sentimentos negativos no futuro, por isso investe no presente. No atual período, a satisfação prevalece e contribui para sua identificação, mas com o passar do tempo essa situação pode ser revertida. Com base nesse pensamento, consideramos importante voltar à escola após seis meses e fazer uma nova entrevista para saber o que mudou.

O segundo indicador que analisamos é “Realização e satisfação em trabalhar com crianças”. Nesse indicador, a professora Julieny reforça seu sentimento de realização e satisfação com a profissão ao direcioná-lo para as crianças, público alvo de seu trabalho. A professora em início de carreira narra:

*[...] No momento estou me sentindo satisfeita com a profissão, com a série que escolhi. **Eu escolhi a educação infantil porque sempre gostei de criança, sempre trabalhei na minha igreja com crianças pequenas. É o que eu gosto de fazer, trabalhar com crianças pequenas, é o que eu me identifico e eu estou gostando, graças a Deus.***

Julieny expressa que o que contribuiu para sua satisfação e para sua identificação com a profissão, sobretudo, em atuar na educação infantil, foi o fato de gostar de crianças. A relação com seus alunos de educação infantil contribui para a constituição de sua identidade de maneira positiva. Sobre essa questão, Marchesi (2008, p.109) afirma:

A influência das relações afetivas com os alunos na satisfação profissional dos docentes modifica-se conforme a idade dos alunos. Assim, na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental, elas têm importância determinante, enquanto nas séries finais do ensino fundamental têm um valor similar ao de outras vivências relacionadas com as competências dos alunos.

Compreendemos que o trabalho que Julieny realiza com crianças de ensino infantil tem sido importante para sua satisfação e bem-estar na profissão por ser um público com o qual a professora gosta de se relacionar. Entendemos também que

alunos dessa faixa etária se tornam mais próximos dos professores por serem ainda dependentes. O bem-estar de Julieny é notável em sua primeira narrativa:

***Estou, no momento, realizada, acho muito bom... meus alunos, gosto deles. Às vezes eu venho para cá e posso estar triste, com problemas pessoais, mas quando eu chego, o sorriso deles (alunos) me anima, me dá força para continuar e eu realmente estou realizada na profissão.***

A professora revela que encontra nos alunos motivação para desenvolver sua atividade. Entendemos que Julieny gosta de ensinar, realiza-se na sua atividade quando se envolve com a alegria de seus alunos, outros significativos. A constituição da sua identidade de maneira positiva é resultado, dentre outros aspectos, dessa relação.

Para Freire (2011), a escola é lugar de descobertas e de alegria. O professor não deve ficar indiferente, pois ensinar exige alegria e esperança. Nesse contexto, a professora, ao se relacionar com os alunos, sente-se motivada e se deixa envolver pelo sorriso deles. As relações estabelecidas com seus alunos lhe dão forças para continuar exercendo a profissão. Julieny enfatiza na segunda narrativa:

***A satisfação é em relação aos meus alunos e a insatisfação é com as outras professoras... não todas.***

Esta afirmação reitera o que já havia exposto, os alunos são os principais sujeitos que colaboram para seu bem-estar e para a constituição de sua identidade e para a profissão.

Como já mencionamos anteriormente, Julieny, nos primeiros meses, apesar de se demonstrar satisfeita, também sentiu temor e insatisfação com a relação estabelecida entre ela e as professoras de carreira da escola. Vejamos os indicadores a seguir.

O terceiro indicador é “Um choque com a realidade”, no qual nossa interlocutora, ao narrar o conflito inicial, dá indícios de que nem tudo na docência é satisfação:

***Assim, os primeiros momentos, os primeiros seis meses foram assim... os três primeiros meses foi um choque, aquele monte de criança, escola sem estrutura, sem material, professor novo, toda gestão nova, quadro de***

*funcionários novos. Foi difícil a adaptação não só para mim, mas para toda a equipe de funcionários na escola e também os pais dos meninos do maternal.*

Diferente do exposto até o momento, a professora apresenta a sensação de choque com a realidade. Até então, havia se referido apenas à satisfação e à realização profissional. Esse “choque” é causado pela dificuldade de adaptação nos três primeiros meses de ingresso na profissão.

Cavaco (1995, p. 162) esclarece que “o início da atividade profissional, é para todos os indivíduos, um período contraditório”. Portanto, sentimentos paradoxais no início da carreira são normais, pela pouca experiência da professora.

Nossa interlocutora aponta situações que lhe causaram impacto pelas dificuldades encontradas:

*[...] choque devido à estrutura da escola, devido às próprias crianças também, ao público que não... como eu não sabia... eu sabia que era uma região bem pobre, bem carente. É difícil. O jeito que eles vivem, o palavreado deles, a postura deles é diferente do que estou acostumada, então, essa postura, esse palavreado me chocou um pouco, mas aos poucos a gente foi conversando, foi sabendo conviver com as diferenças. O primeiro sentimento foi assim de temor, de medo, mas de frustração não, porque eu já sabia que não iria ser fácil.*

A professora resgata lembranças dos seus primeiros momentos na profissão. Para ela, assim como para outros professores que estão iniciando a profissão docente, houve temor de não conseguir desenvolver seu trabalho conforme planejado, por não estar familiarizada com a realidade que lhe foi apresentada.

O choque com a realidade, instalado com o temor, é característico da fase de entrada na carreira, na qual a professora Julieny se encontra. Huberman (2000, p. 39) denomina essa fase de estágio de sobrevivência, que é “a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional”. Em outras palavras, a sobrevivência buscada pela superação de dificuldades.

Ao ler esse trecho, relacionamos com os estudos de Estrela (2010), que descreve essa fase como período sensível na vida dos professores, porque deixa marcas profundas nas suas biografias. Então, a experiência, bem ou mal sucedida no início da carreira, marcará seu ciclo de vida. Julieny aos poucos foi sabendo lidar

com essa realidade, até então desconhecida por ela. Não se deixou afetar negativamente.

O quarto e último indicador desse núcleo é “(In)satisfação pela convivência com as outras pessoas, sobretudo as professoras de carreira”. Nesse, a professora iniciante retrata suas satisfações e insatisfações pela convivência com as outras pessoas, mais especialmente com as professoras de carreira da escola em que trabalha. Julieny expressa:

*No começo foi tudo bem, era muito bom acordar de manhã e vir para a escola, num ambiente de amizade, descontração, de parceria [...]*

Sua interação com as pessoas que fazem parte da escola era muito boa, o que contribuiu para gostar da profissão, pois havia clima de amizade e parceria. Esse relato nos chama atenção, pois faz parte da segunda entrevista narrativa, e não havia sido mencionado na primeira.

Ao estudar o bem-estar dos professores, Paula (2009) afirma que “a colaboração de umas em favor de outras e a união no trabalho em equipe são fatores de bem-estar que ajudam a quebrar as barreiras do isolamento”. Entendemos que, nesse momento, Julieny se sentiu parte do grupo, pois estava sendo bem acolhida. Em seguida, percebeu que a relação com as professoras, sobretudo as de carreira, foram se modificando, o que lhe causou insatisfação:

*[...] os momentos que senti **insatisfação** foi em relação à **minha convivência com as outras pessoas da escola, com as outras professoras**. Minha insatisfação não foi com meus alunos. **Todo mundo sabe aqui nessa escola que eu prefiro estar mil vezes na sala de aula do que estar trabalhando com gente na coordenação, na direção**, porque eu sinto que o ser humano é um ser muito difícil, já as crianças não, elas estão ali, cometem um errozinho e você adverte, fica com cara de zangada... Você vê que elas têm um coração bom, não guardam rancor, mas já o ser humano, **o adulto já formado é muito difícil aceitar o outro**, aceitar os defeitos do outro, aceitar as opiniões do outro, aceitar o trabalho do outro.*

As relações entre as professoras de carreira e Julieny ficam estremecidas, os sentimentos mudaram. A insatisfação da nossa interlocutora com as demais professoras fica bastante evidente nesse comentário. Julieny busca refúgio na sala de aula, com seus alunos, afinal de contas a convivência com eles lhe satisfaz.

Por que não há mais parceria entre as professoras dessa escola? Onde está o clima de amizade? Por que houve esse distanciamento? São questionamentos que surgiram nesse momento de análise e que são respondidas com base na própria narrativa da professora.

Compreendemos que nos momentos iniciais ainda estão se conhecendo, por isso as relações são boas, mas com o passar do tempo vão ocorrendo divergências de opiniões, a não aceitação de que alguém se destaque, sobretudo, quem está iniciando. O clima de amizade se torna de inimizade. Confirmam:

***A gente mal vira as costas e já estão falando da gente, por coisa pequena querem prejudicar a gente. Como eu não era acostumada a viver com esse tipo de gente e de ambiente... a minha insatisfação é relacionada somente a isso.***

Entendemos, de acordo com o que foi exposto, que o apoio necessário a quem está iniciando na profissão não foi dado à professora Julieny. Para Schaffel (2000), a socialização profissional é imprescindível e sem o apoio dos outros professores, aqueles que estão iniciando na carreira terão dificuldades de constituir sua identidade profissional. Os professores em início de carreira muitas vezes encontram resistência por parte dos veteranos.

Ressaltamos, nesse último indicador, que a insatisfação da professora Julieny não é em relação ao seu trabalho ou à sua profissão, mas à sua convivência com as professoras que tentam lhe prejudicar.

Na discussão sobre os sentimentos da professora Julieny em relação à profissão docente, compreendemos que esses foram desenvolvidos na articulação entre subjetividade e objetividade. Ou seja, as condições objetivas, as interações mediadas pelos outros constituem seu modo de ser, especialmente, seu modo de sentir em relação à profissão que escolheu. Esses sentimentos implicam na constituição da sua identidade profissional.

Os sentimentos da professora Julieny, de realização e de satisfação com a profissão, podem ser entendidos como zonas de sentidos que revelam bem-estar devido as condições de trabalho e suas vivências com as crianças, pois sempre quis ser professora de educação infantil. O envolvimento dos pais também contribuíram para que esteja se sentindo bem, mas são os alunos, os outros significativos, que contribuem para seu processo de identificação com a docência. São eles que fazem a mediação afetiva entre a professora e a profissão de maneira positiva. Embora em

seus primeiros contatos com a profissão tenha sido de choque pelas dificuldades encontradas, pela complexidade da realidade, a professora sente-se bem, pois foi um momento de adaptação difícil, mas que aos poucos foi sabendo conviver com as situações. Ao analisar sua convivência com as professoras de carreira, vimos que a professora em início de carreira inicialmente se sentiu bem, pois havia boa convivência, mas isso foi mudando e pela não aceitação por parte das professoras, passou a sentir-se insatisfeita, o que retrata contradição de sentimentos, induzida pelas professoras de carreira da escola. Essa relação pode originar o mal-estar docente, mas podemos constatar que ele não está presente na professora Julieny, pois apesar da dificuldade na relação professor-professor ela afirma identificar-se com a profissão e o que vai contribuir para isso é sua relação com as crianças, os alunos da educação infantil, nível de ensino que se dispôs a trabalhar, em outras palavras, os afetos que têm mediado sua história com a profissão docente.

Em síntese, compreendemos que a zona de sentido apreendida no presente Núcleo é a satisfação, mas mediada pela tensão entre o agradável e o aversivo que constituem o trabalho docente, pois a professora em início de carreira vivenciou momentos em que sentiu temor de exercer a docência. Em outras palavras, a professora sentiu insatisfação pela convivência conflituosa com as demais professoras da escola, mas foi superando, sabendo lidar com essas situações, e por isso, o sentimento que prevalece atualmente é o de satisfação com a profissão.

As categorias sentido, mediação e historicidade nos possibilitaram entender os sentimentos como um dos processos de identificação com a profissão. Os sentidos nos possibilitaram compreender os sentimentos de satisfação, de temor e de insatisfação a partir das suas vivências, na articulação entre o mundo subjetivo e o mundo objetivo. A importância da categoria mediação nessa análise foi de nos mostrar que a professora Julieny não está se desenvolvendo isoladamente, mas nas relações interpessoais com os outros, no caso, os alunos, os pais de alunos e, até mesmo as professoras de carreira que em certo momento colaboraram para que a professora Julieny apresente bem-estar em relação à sua profissão. Para finalizar, estudar os sentimentos desenvolvidos pela nossa interlocutora no exercício da docência tendo como base a categoria historicidade significou estudá-la considerando seu passado, presente e perspectivando seu futuro.

## 5.2 Múltiplas expectativas em relação à profissão docente

O Núcleo **“Múltiplas expectativas em relação à profissão docente”** expressa, por meio de seus indicadores, as várias expectativas da professora em início de carreira em relação à profissão docente que estão mediando sua identificação com a profissão. Para a análise do presente núcleo, consideramos a articulação dos indicadores que revelam as diferentes expectativas: a) Que os alunos aprendam e se desenvolvam; b) Envolvimento dos pais dos alunos; c) Que acabe o clima de desavenças entre as professoras; d) Valorização do professor.

No presente Núcleo, a professora Julieny revela diversas expectativas que indicam sua identificação com a profissão, pois deseja que seus alunos aprendam e se desenvolvam e que exista maior envolvimento dos pais; aspira que os conflitos entre ela e as demais professoras se encerrem; e que haja a valorização do professor e de seu trabalho. Ao revelar seus desejos e suas aspirações, sempre voltadas para a melhoria da profissão, remete-nos à compreensão de que pretende continuar sendo professora.

Expectativa, de acordo com Ferreira (2000, p. 321), significa “esperança; confiança no futuro” ou “ânsia de experimentar alguma coisa”. Entendemos, a partir dessas definições, a expectativa como parte da dimensão subjetiva do ser humano que se forma nas vivências de cada sujeito e se mostra na forma de aspirações, desejos, sentimentos dentre outros aspectos.

Entendemos que as expectativas da nossa interlocutora estão articuladas aos significados e aos sentidos, ao seu bem-estar e à constituição de sua identidade profissional. Sobre a relação entre expectativas e identidade, Gatti (1996, p. 86) afirma que “associadas à identidade estão as motivações, os interesses, as expectativas, as atitudes, todos elementos multideterminantes dos modos de ser profissionais”. Seguindo o raciocínio da autora, entendemos que as expectativas fazem parte do modo de pensar, de sentir e de sentir da professora e, portanto, constituem seu modo de ser professora, que, neste trabalho, estamos denominamos de identidade.

Ao aglutinar os indicadores correspondentes a esse Núcleo, chegamos a diferentes expectativas, mas que se resumem na melhoria e na valorização da profissão docente. Diz respeito à vontade de continuar se sentindo bem exercendo a profissão que escolheu.



O primeiro indicador é “Que os alunos aprendam e se desenvolvam”, que sinaliza suas expectativas voltadas para a aprendizagem e o desenvolvimento dos seus alunos de maneira eficaz. Como afirma Julieny:

*[...] minhas expectativas são as melhores possíveis, é poder cada vez mais contribuir para meus alunos, contribuir para o desenvolvimento deles. No próximo ano vou continuar com a mesma turma no 2º Período. A minha meta é que todos saiam alfabetizados, se não todos, mas pelo menos 80% da turma eu quero que saia alfabetizada.*

Julieny diz ter uma meta, que é proporcionar a aprendizagem aos seus alunos, que ao terminarem o 2º Período, no próximo ano, estejam alfabetizados e assim possam se desenvolver. É interessante esclarecermos que as professoras da escola e, portanto, Julieny, não ficam sempre com as mesmas séries de ensino. Na verdade, elas acompanham seus alunos do início da escolarização no maternal até o 2º Período, isto é, os alunos do Maternal ao 2º Período permanecem com a mesma professora. Esse outro motivo que explica por que Julieny traçou essa meta para seus alunos.

Na narrativa da professora, percebemos seu comprometimento com a educação dos discentes. Sobre isso, Freire (2011) coloca que não podemos passar despercebidos pelos alunos e que o modo como eles nos percebem nos ajudam ou não no cumprimento de nossas tarefas. Compreendemos que nossa interlocutora busca cumprir suas tarefas de professora de modo que seus alunos percebam seu esforço em lhes oferecer educação de qualidade.

Entendemos que o significado e o sentido aqui revelados pela professora estão de acordo com a teoria de Vygotsky (1998) sobre a relação entre os processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Para ele, a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento e mantém com esse relação de interdependência gerada pelas interações com a cultura e com o outro. No caso, a professora Julieny é colaboradora da aprendizagem e do desenvolvimento desses alunos. Essas primeiras expectativas nos fazem entender que nossa interlocutora deseja permanecer na profissão e continuar colaborando para a mediação da aprendizagem de seus alunos, o que mostra estar se identificando com a profissão docente.

Marchesi (2008), ao esclarecer que os professores se sentem satisfeitos e recompensados ao perceberem que seus alunos estão aprendendo, reforça nossa

compreensão de que está ocorrendo identificação profissional da professora Julieny com a docência.

No indicador seguinte, “Envolvimento dos pais dos alunos”, a professora Julieny compreende que para que seus alunos aprendam e se desenvolvam, não depende somente dela, visto que é apenas uma das pessoas que contribuem para a construção do conhecimento. Sua expectativa é que os pais estejam mais envolvidos nesse processo:

*Minha expectativa é que os **pais estejam mais envolvidos no desenvolvimento do seu filho**, a questão mesmo de acompanhamento escolar, acompanhamento da aprendizagem deles.*

Ao falar de suas expectativas, a professora explicita o desejo de ter como parceiros os pais dos alunos. Vimos que um dos sentimentos revelados no Núcleo “Sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação *versus* satisfação e realização profissional”, ao se referir à satisfação de ser professora, é o contentamento com a participação dos pais no processo de ensino e de aprendizagem das crianças. Por considerar importante o trabalho em equipe entre escola e família, Julieny deseja que os pais se envolvam cada vez mais no acompanhamento escolar dos filhos.

Cubero e Moreno (2004) esclarecem que a família é o primeiro contexto socializador da criança, responsável pelas aprendizagens básicas para o desenvolvimento da autonomia na vida social. A escola sendo o segundo contexto de socialização, é encarregada pela preparação das crianças e jovens para sua incorporação à sociedade, pela transmissão de valores da cultura e conhecimento. Portanto, ambos os contextos são importantes e interdependentes.

Ao analisar esse trecho, entendemos que a escola é ambiente que tem como uma das funções promover o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo do aluno; e o contexto familiar também tem essa responsabilidade. Portanto, compartilham da responsabilidade de socialização. Para Berger e Luckmann (2009), na socialização primária, por exemplo, a família é o primeiro grupo com o qual nos relacionamos quando crianças. Já na socialização secundária, somos introduzidos na sociedade e os outros significativos são ampliados, por exemplo, quando a criança é inserida na escola.

Entendemos que a expectativa da professora vai ao encontro do que Dessen e Polonia (2007) defendem ao estudar família e escola como contextos de desenvolvimento humano. Para elas, esses espaços emergem como instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, ou seja, dos alunos.

Compreendemos com esse Indicador, que a professora Julieny perspectiva o apoio dos pais para que o resultado do seu trabalho seja mais significativo. Entendemos, com base no exposto, que a professora pretende continuar exercendo sua profissão, o que indica identificação com o trabalho que está realizando.

O terceiro indicador, “Que acabe o clima de desavenças entre as professoras”, diz respeito aos conflitos vivenciados pelas professoras que estão iniciando e as de carreira, na escola em que atuam. Julieny declara:

*Outra expectativa é que **acabe realmente essas intrigas, que eu já falei, entre nós que estamos entrando agora e as que já são mais veteranas aqui na escola [...].***

Seu desejo é que o clima de rivalidade estabelecido entre as professoras acabe. Analisamos que os conflitos a que se refere ocorrem pela não aceitação, por parte das professoras de carreira, de quem está ingressando na profissão, como já foi discutido no primeiro Núcleo.

Sobre a relação professor-professor, Schaffel (2000) esclarece que os professores que estão iniciando na carreira muitas vezes encontram resistência por parte dos demais professores. Essa resistência e esse clima de rivalidade (conflitos) podem interferir negativamente na constituição da sua identidade e nos seus sentimentos, pois Marchesi (2008) afirma que o reconhecimento e o apreço dos colegas é uma das principais fontes de satisfação profissional dos professores.

Entendemos que sua expectativa, na verdade, seja o reconhecimento de seu trabalho perante as demais professoras. Ao desejar que os conflitos acabem, a professora sinaliza sua permanência na profissão e que o mal-estar promovido pelas professoras de carreira da escola em que atua não afetou a constituição de sua identidade de maneira negativa.

No quarto indicador, “Valorização do professor”, nossa interlocutora apresenta várias expectativas voltadas para a valorização do profissional docente. Dentre elas, estão questões relacionadas ao reconhecimento perante a Secretaria de Educação

e a sociedade; aos recursos; à formação e à criação de estratégias para amenizar o mal-estar vivido pelos professores. No primeiro trecho sobre a valorização, nossa interlocutora narra sua expectativa:

*[...] a questão mesmo da própria Secretaria de Educação, que ela saiba valorizar mais o professor, dar estrutura, dar recurso, capacitar cada vez mais os professores.*

Uma das aspirações de Julieny é que haja investimentos na profissão, na estrutura da escola, na melhoria de recursos e na formação contínua dos professores. Nossa interlocutora acredita que com investimentos os docentes sejam valorizados e, conseqüentemente, ocorra desenvolvimento profissional dos professores. De acordo com a compreensão de Imbernón (2002, p. 44):

A melhoria da formação ajudará esse desenvolvimento, mas a melhoria de outros fatores (salário, estruturas, níveis de decisões, níveis de participação, carreira, clima de trabalho, legislação trabalhista etc.) tem papel decisivo nesse desenvolvimento.

Entendemos que não basta formar o professor, mas investir nas condições mínimas necessárias para que seu trabalho seja realizado dignamente. Sem a valorização da Secretaria de Educação, através do investimento na estrutura física, nos materiais de apoio, e na formação dos professores, o trabalho, não só da nossa interlocutora, mas dos docentes de modo geral, fica comprometido.

Nesse contexto, Julieny espera que o reconhecimento social do professor passe por transformações que visam sua valorização:

*A minha expectativa é que a profissão docente, ser professor e a educação seja valorizada por toda a sociedade. Não ver o professor ser um coitado, não.*

O desejo da nossa interlocutora é de que a educação, sobretudo, o professor seja mais valorizado pela sociedade. O professor não é reconhecido como deveria, isto é, como profissional, mas, segundo a professora, como coitado e essa visão tem que ser mudada.

Segundo Machesi (2008, p. 120), “grande parte da identidade profissional depende da valorização social percebida”. Dessa forma, inferimos que a constituição da identidade da professora Julieny não ocorre somente na relação com a escola e na convivência com as professoras de carreira, mas o reconhecimento social também constitui seu modo de ser.

Uma das múltiplas expectativas da professora Julieny é que:

*[...] os governantes, o próprio ministro de educação, procurassem metas, objetivos para o professor, como você falou, **pudesse amenizar esse mal-estar docente.***

Julieny tem a preocupação de amenizar o mal-estar docente que está presente, não nela, mas nos professores de modo geral. Sabemos que a nossa interlocutora interage com professoras que apresentam características desse mal-estar. Ela acredita que para amenizar os sentimentos que caracterizam mal-estar, ocasionados pelos professores deve haver a participação do poder público por meio de um trabalho com metas e objetivos específicos para valorizar esses profissionais.

Zaragoza (1999), em um de seus trabalhos sobre mal-estar docente, propõe estratégias não apenas para amenizar, mas evitar o mal-estar docente. Entre elas, a adequação dos conteúdos da formação inicial à realidade prática do magistério. Assim, fica evidente que as possíveis soluções para esse problema, que afeta boa parte dos professores no Brasil e em outros países, está no processo de formação.

Vimos nesse núcleo que, embora a professora aponte a necessidade de algumas melhorias, o que pensa e sente em relação à profissão denotam o bem-estar vivenciado por ela. Segundo Paula (2009, p.42), “o bem-estar está presente nas ocasiões em que os professores se realizam, no reconhecimento e valorização de seu trabalho e na ousadia de sentirem-se bem, sendo professores”. Esse estado de bem-estar indica que a professora Julieny esteja se identificando com a profissão.

Assim, as expectativas de querer que os alunos aprendam e se desenvolvam; de fazer um trabalho em equipe junto aos pais; de desejar que acabem as desavenças na escola entre as professoras; e de almejar uma valorização profissional, demonstram que a professora Julieny está se identificando com a profissão docente.

Ao discutir o presente Núcleo, entendemos, apoiados na PSH, que as expectativas são formadas e transformadas em sintonia com as interações dos

sujeitos, no contexto social, histórico e cultural. Por exemplo, as expectativas da professora Julieny foram formadas na interação com as outras professoras, com os alunos e com os pais dos alunos.

As categorias mediação, significado e sentido nos ajudaram na compreensão desse núcleo. A mediação foi importante por nos permitir, primeiramente, compreender que as expectativas não são apenas construções subjetivas, mas, também, objetivas. A professora Julieny, ao manifestar suas expectativas, sinaliza zonas de sentidos, que nos fazem reconhecê-la como profissional que contribui para o processo de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos. As categorias significado e sentido foram importantes por revelarem o modo de pensar e de sentir a profissão docente e nos possibilitaram apreender as múltiplas expectativas da nossa interlocutora que tem relação direta com a constituição da identidade da professora Julieny.

### **5.3 Sobre o mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita**

O núcleo **“Sobre o mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita”** é resultado da articulação entre os indicadores sobre a convivência da professora em início de carreira com professoras com mal-estar docente, e sinaliza sua identificação com a docência. O que a professora pensa do mal-estar docente e como o sente estão representados nos seguintes indicadores: a) Situações que originam mal-estar docente; b) Situações que revelam mal-estar docente; e c) Situações que podem evitar mal-estar docente.

Antes de iniciarmos as interpretações sobre o presente Núcleo, convém recorrermos a Zaragoza (1999, p.12) para situarmos o significado da expressão mal-estar docente:

A expressão “mal-estar docente” é intencionalmente ambígua. O termo “mal-estar” refere-se, segundo o Dicionário da Academia Real da Língua, a um “deslocamento ou incômodo indefinível”. A dor é algo determinado e que podemos localizar. A doença tem sintomas manifestos. Quando usamos o termo “mal-estar” sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por quê.

O incômodo presente no professor ao desempenhar sua função ocorre por vários fatores, por isso as indefinições são presentes. Há de se pensar também que enquanto alguns professores se sentem incomodados com determinadas situações outros são indiferentes. Nem todos os professores desenvolvem mal-estar pelo mesmo motivo.

Segundo Marchesi (2008), a origem do mal-estar docente está situada na personalidade dos professores e na maneira como enfrentam seu trabalho diante das condições sociais e educacionais. Essa posição do autor nos remete a pensar que a maneira como o mal-estar docente afeta os professores está interligado ao modo de pensar, de sentir e de agir de cada um. O mal-estar, para Marchesi (2008, p. 53), é evidenciado quando “interfere na motivação, nos projetos e nas ações dos professores e faz com que eles percam, ou pelo menos reduzam seriamente a capacidade de se relacionar e de se interessar pela situação educacional de seus alunos”. No entanto, esse estado afetivo, para ser evitado, depende do jeito como é conduzida a formação e como são estabelecidas as relações entre a administração educacional e os professores.

Ao responder a questão gerativa sobre suas experiências com professoras que proporcionaram mal-estar docente, Julieny fala sobre como pensa, sente e age em relação ao mal-estar docente, partindo das vivências com as docentes de sua escola e nos dando mais elementos para compreender como se origina, se revela e se evita esse estado afetivo.

O primeiro indicador é “Situações que originam mal-estar docente” e essas estão relacionadas às vivências na profissão docente. Julieny relata:

*Então, como eu vejo a questão das minhas amigas de profissão? Essa questão, logo porque já estão com muito tempo na profissão e **muitas já estão calejadas**, tem a questão de **muitos pais agredirem a gente**. Não compreendem... Então, **tudo isso vai contribuindo para que as pessoas criem esse mal-estar com relação a profissão. São crianças problemáticas, são crianças com necessidades especiais, a questão do salário, a questão da estrutura, a questão dos pais. Então, tudo isso.***

Para a professora, o que contribui para a origem do mal-estar é a agressão dos pais, no caso a agressão verbal; as crianças com necessidades especiais, pois

os professores não estão preparados para atendê-los; o salário, que precisa ser melhorado; e a estrutura da escola.

O que é exposto pela professora Julieny condiz com os estudos realizados sobre o mal-estar docente, ou seja, as mesmas situações mencionadas por ela foram diagnosticadas por autores como Marchesi (2008), Zaragoza (1999), Carlotto (2002), Codo (1999), Gasparini, Barreto e Assunção (2005). Essa relação nos permite compreender que os sentidos produzidos por Julieny se aproximam dos significados que foram construídos socialmente.

A pesquisa realizada por Gasparini, Barreto e Assunção (2005), sobre as condições de trabalho e os efeitos sobre a saúde do professor, revelam que a principal fonte geradora de estresse nos professores é a falta de preparo para o processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Sabemos que as escolas ainda precisam ser melhoradas fisicamente e pedagogicamente para receber esse público. Os professores precisam de formação que contemple essa necessidade, pois sem o devido preparo e as condições necessárias, os professores acabam sofrendo e sentindo-se impotentes diante dessa realidade. Os resultados dessa pesquisa apontam outras situações que contribuem para o estresse dos professores e, portanto para o mal-estar, e que também foram mencionadas por Julieny:

O elevado número de alunos por turmas; a infra-estrutura física inadequada; a falta de trabalhos pedagógicos em equipe; o desinteresse da família em acompanhar a trajetória escolar de seus filhos; a indisciplina cada vez maior; a desvalorização profissional e os baixos salários, situações que fogem de seu controle e preparo.(GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p. 194).

Ainda sobre as situações que originam o mal-estar docente nos professores, Julieny narra:

*Mesmo assim, quando você coloca em sua cabeça: não, não é fácil, mas vou fazer o melhor, vou dar o meu melhor, acho que você falando essas coisas positivas, você acaba adquirindo sentimentos positivos. **Agora, quando você sai da sua casa pensando: ah, aqueles meninos, ah, aqueles pais, aquela escola. Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico.** A gente percebe muito, não só aqui na escola, mas como outras colegas do meu Curso.*



A professora se refere ao esgotamento das professoras em relação ao trabalho docente. Ressaltamos que não é dela, mas das colegas de trabalho. Essa indisposição de sair de casa para o trabalho é evidenciada pela frustração que afeta tanto o estado físico, quanto o psicológico.

Como apresenta Carlotto (2002, p. 24), o professor “pode também sentir-se facilmente frustrado pelos problemas ocorridos em sala de aula ou pela falta de progresso de seus alunos, desenvolvendo um grande distanciamento com relação a estes”. E complementa afirmando que “sentimentos de hostilidade em relação a administradores e familiares de alunos também são frequentes”.

Deduzimos que o professor se sente frustrado e esgotado pela acumulação de exigências sobre ele. Em alguns casos, são movidos ao abandono da profissão.

Quando Julieny afirma “**Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico**”, entendemos que o mal-estar se constitui por condições objetivas e subjetivas. Em outras palavras, além de intervir no modo de ser, isto é, pensar, sentir e agir do professor – dimensão psicológica –, também afeta sua saúde – dimensão biológica.

Julieny, agora em sua segunda entrevista narrativa, relata:

***Nossa relação agora é como eu já te falei, é só se respeitar, dar bom dia, boa tarde e boa noite, tchau e quando tem que se juntar para fazer algum serviço a gente se reúne, mas questão assim de amizade, de companheirismo não. Só mesmo o que não é dispensável. É tipo assim: “só fale comigo o que é indispensável”.***

Vimos que nossa interlocutora e as demais professoras da escola têm uma relação marcada pelo distanciamento, de falar apenas o indispensável, sem o companheirismo. Segundo a professora, elas se reúnem para fazer as atividades da escola, mas depois desse momento voltam a se distanciar. Lembramos que no Núcleo sobre os sentimentos, Julieny declara viver em clima de inimizade, de desavenças.

Para Marchesi (2008, p. 107), “os professores, sobretudo aqueles que se incorporam pela primeira vez na escola, desejam sentir-se acolhidos e manter relações sociais positivas com a maioria dos colegas”. Segundo Julieny, as professoras da escola onde trabalha não estabelecem relações sociais positivas com quem está iniciando na carreira, situação que, em nosso entender, denota mal-estar.

Julieny, nesse Indicador, identifica como as situações originam o mal-estar docente, pelas dificuldades que fazem parte do trabalho do professor. Entendemos que essas situações podem constituir sua identidade de modo que apresente mal-estar.

O segundo indicador é “Situações que revelam mal-estar docente”. Nesse, a professora Julieny narra como ela pensa e sente o mal-estar docente de acordo com o que vê nas relações com as professoras de carreira da escola em que trabalha. A professora narra na primeira entrevista:

*Se você for pegar só o lado ruim, realmente tem muito motivo para você ter esse mal-estar docente. Adquirir esse lado negativo. Com certeza as experiências delas [professoras de carreira] trazem esse mal-estar. Às vezes eu até chego animada na escola para fazer o meu trabalho, mas vejo **aquele desânimo, aquela falta de querer, aquela falta de vontade, aquela falta de perseverança** e acaba me incomodando.*

O mal-estar docente se caracteriza pelo desânimo, falta de querer, falta de vontade e falta de perseverança. Essas características constituem o modo de ser das professoras de carreira que convivem com a professora Julieny.

Na segunda entrevista, ela reforça seu entendimento sobre esse mal-estar:

*Então é aquela coisa, tudo é forçado demais, **só querem bônus, mas não querem ônus, entendeu? O que eu vejo também do mal-estar docente é muitas vezes o egoísmo das pessoas, né? Você já ser formado e saber o que as crianças necessitam e você **colocar uma venda nos olhos e fingir que elas não precisam de nada, que as migalhas que você joga já é o suficiente.*****

Nas duas falas, nossa interlocutora evidencia comportamentos das professoras que são conseqüências da insatisfação no trabalho. Chegam até a mostrar descompromisso em relação à sua função social, que é ensinar.

Zaragoza (1999, p.78) cita outros exemplos de como são relevados, na prática dos professores, o mal-estar docente:

1. Sentimentos de desconcerto e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar.
2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal no trabalho realizado.

3. Pedidos de transferências como forma de fugir de situações conflitivas.
4. Desejo manifesto de abandonar a docência (realizado ou não).
5. Absentismo trabalhista como mecanismo para contar a tensão acumulada.
6. Esgotamento. Cansaço físico permanente.
7. Ansiedade como traço ou ansiedade como expectativa.
8. Estresse
9. Depreciação do ego. Autoculpabilização ante a incapacidade para melhorar o ensino.
10. Ansiedade como estado permanente, associada como causa-efeito a diversos diagnósticos de doença mental.
11. Neuroses reativas.
12. Depressões.

Compreendemos que as situações que revelam o mal-estar desenvolvido pelas professoras de carreira e que foram expressas pela professora iniciante não são as mesmas situações constatadas pelo autor em sua pesquisa, mas estão se encaminhando para essa configuração.

Inferimos que o conhecimento da nossa interlocutora, de como se revela o mal-estar docente, contribui no desenvolvimento de estratégias que podem evitar esse estado afetivo e para que constitua sua identidade de maneira positiva.

No terceiro indicador, “Situações que podem evitar mal-estar docente”, a professora dá sugestões de como evitar a insatisfação em relação à profissão docente. Julieny comenta:

***Mesmo assim quando você coloca em sua cabeça: “não, não é fácil, mas vou fazer o melhor, vou dar o meu melhor”. Acho que você falando essas coisas positivas, você acaba adquirindo sentimentos positivos, agora quando você sai da sua casa pensando: ah, aqueles meninos, ah, aqueles pais, aquela escola. Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico. A gente percebe muito, não só aqui na escola, mas como outras colegas do meu Curso.***

Para a professora, o modo de pensar a profissão implica no modo de enfrentar as insatisfações e os desânimos que surgem no dia a dia. Julieny acredita que pensar positivo em relação ao trabalho contribui para desenvolver sentimentos que vão caracterizar o bem-estar, embora saiba que a realidade escolar não é fácil, que é repleta de dificuldades.

Esse sentido que Julieny está produzindo, do mal-estar docente, pode ser interpretado como uma forma de resiliência, visto que é a capacidade do sujeito de superar crises, saindo fortalecido de situações conflituosas. Paula (2009, p. 50), em pesquisa sobre o estresse e o bem-estar de professores, afirma:

O sujeito demonstra sua resiliência quando atribui sentido à crise, quando um olhar positivo demonstra atitudes de perseverança, coragem, esperança e otimismo, quando confia na superação da adversidade, usando suas crenças, espiritualidade e fé, na visão de novas possibilidades, buscando transformar e aprender com os problemas que o atingem.

Compreendemos que a professora Julieny se utiliza desse “olhar” positivo para evitar ser afetada pelo mal-estar presente nas professoras da escola em que atua. Também deixa evidente que esse problema se constitui em nossa subjetividade. Dependendo do modo com pensamos essas situações, que fazem parte do seu contexto de trabalho, os professores podem ou não desenvolver sentimentos de insatisfação.

Ainda sobre as estratégias para evitar o mal-estar, Julieny abre uma discussão sobre as escolas de aplicação na formação inicial como aspecto que pode evitar a frustração dos professores:

*O ideal seria mesmo que cada universidade tivesse uma escola dentro da universidade como tem na UNICAMP, que tem a própria escola dentro da universidade. **Seria bom que cada universidade tivesse uma escola funcionando mesmo ali, para que o aluno da graduação tenha aquela vivência mesmo.** [...] Então, eu acho que se os alunos vivenciassem mesmo o que realmente é a escola, o que é realmente a educação, o que é realmente esse cotidiano, acho que sairiam menos frustrados da universidade e com certeza acho que só estaria aqui quem realmente quisesse encarar a profissão e quisesse fazer o melhor e se aposentar aqui.*

Segundo nossa interlocutora, os professores estão se tornando profissionais frustrados devido à deficiência na formação inicial. A realidade trabalhada nos cursos de graduação, mais especificamente, nos cursos de licenciaturas, é diferente da realidade escolar. O ideal, de acordo com Julieny, é que as universidades tenham escolas para que os futuros professores vivenciem o que ela vive hoje.

Ressaltamos que no *campus* de Teresina da UFPI, local em que a professora foi graduada, não dispõe de escola de aplicação, mas em outras universidades já

existe. Ao se referir à formação como estratégia para evitar o mal-estar docente, Zaragoza (1999, p.118) aponta:

[...] a busca de maior adequação dos conteúdos dessa formação inicial à realidade prática do magistério, permitindo ao futuro professor tanto a compreensão e o domínio técnico dos principais elementos que modificam a dinâmica de seus grupos de alunos, quanto dos elementos sociais cuja ação contextual acaba influenciando a relação educativa.

Portanto, uma situação que pode evitar o mal-estar nos professores é a reformulação do ensino no sentido de adequar os conteúdos da formação inicial à realidade da prática docente. Vale destacar que a preocupação não deve ser só com a formação inicial, a contínua também é importante, porque constitui o modo de ser do professor.

Ao interpretar esse Núcleo de Significação, apreendemos que os significados e os sentidos do mal-estar docente da professora Julieny são resultados de seu pensamento ao se relacionar com as professoras de carreira da escola em que trabalha. Entendemos que ela pensa e sente o mal-estar, mas não foi afetada por ele, até o momento de realização desta pesquisa.

Nesse Núcleo, compreendemos que a professora em início de carreira se sente satisfeita em relação à profissão, pois o mal-estar por ela relatado é característica das demais professoras e não dela. Apesar da convivência diária com as professoras de carreira insatisfeitas, Julieny ainda não se sente afetada por tais sentimentos. Isso demonstra que o mal-estar não está interferindo negativamente na constituição de sua identidade, pois ela demonstra-se resiliente diante dos conflitos que estão envolvidos na profissão docente. Julieny é capaz de superar as adversidades e agir com otimismo. Portanto, a resiliência apresentada pela professora está relacionada à sua identificação com a docência no sentido de evitar o mal-estar docente.

Concluimos que problemas como a falta de preparo para lidar com as crianças com necessidades educacionais especiais, o salário que precisa ser melhorado e a estrutura da escola são algumas das condições objetivas que constituem a subjetividade do professor e, por isso, contribuem para que professores se sintam frustrados, desanimados e insatisfeitos com a profissão. A interação entre as professoras que se caracterizam pela relação de distanciamento poderia provocar

mal-estar na professora Julieny, mas por questões subjetivas, até o momento em que a pesquisa foi realizada, ela não demonstrou ter sido afetada por esse estado afetivo.

As categorias mediação, significado e sentido nos possibilitaram entender como Julieny pensa e sente o mal-estar e sua relação com a identidade que está se constituindo. A mediação é a categoria que nos permitiu identificar os elementos que intervêm e constituem a identidade da professora pesquisada. Os significados e os sentidos nos possibilitaram compreender os sentimentos de satisfação da professora iniciante, apesar da convivência com as colegas que desenvolveram sentimentos que configuram o mal-estar.

#### **5.4 Desafios e possibilidades de ser professor**

O Núcleo “**Desafios e possibilidades de ser professor**” foi construído com base na articulação entre os indicadores sobre os significados e os sentidos de ser professor. O que a professora significa sobre ser professor está relacionado aos desafios e as possibilidades de ser professor revela sua identificação com a profissão docente, está manifesto nos seguintes indicadores: 1) Ser professor é possibilitar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno; 2) Ser professor: entre o real e o ideal; 3) Ser professor: dificuldades e desafios.

O ser professor está relacionado com a identidade da profissão docente, com a revisão constante dos significados sociais da profissão e com o sentido que tem para cada membro dessa classe profissional (FACCI, 2004). Nesse Núcleo, apreendemos os sentidos de Julieny sobre o professor e as nuances da profissão, e relacionamos com a constituição de sua identidade.

Segundo Gatti (1996), o professor é um ser social concreto, com modo próprio de estar no mundo, é um ser em movimento, que constrói valores, estrutura crenças, tem atitudes e age em razão da identidade que permeia o modo de estar no mundo e no trabalho.

No primeiro Indicador, “Ser professor é possibilitar a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno”, a professora, ao responder nosso questionamento sobre qual a função social do professor, responde que é possibilitar que os alunos aprendam e se desenvolvam.

*Aqui na escola a minha principal função é **fazer com que meus alunos aprendam**, é fazer com que eles tenham oportunidade igual a um aluno da escola privada, que ele não seja menosprezado, que ele não seja alguém do aluno da escola privada. Minha função é essa, é proporcionar aos meus alunos as mesmas experiências que eles poderiam ter na escola particular ou até melhor que uma escola particular. **A minha função é essa, é fazer com que eles cresçam, que se desenvolvam, que eles aprendam** e não assim, porque sou de escola pública eu sonho menos.*

Julieny assume que sua função social na escola é contribuir no processo de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos. Seu entendimento é que seus alunos, que são de escola pública, tenham as mesmas oportunidades de educação escolar que aqueles de escolas particulares, que não sejam privados das oportunidades que a educação pode lhes oferecer.

Giesta (2001) apresenta, em sua pesquisa sobre a razão de ser professor, a compreensão de algumas docentes sobre a profissão: para elas, é contribuir na formação intelectual e no aperfeiçoamento dos alunos, isto é, possibilitar seu crescimento intelectual.

Vimos que a compreensão de Julieny sobre sua contribuição em relação aos alunos vai além do que as professoras pesquisadas por Giesta (2001), pois Julieny entende que sua função não é apenas contribuir para a formação intelectual dos alunos, mas para a aprendizagem e o desenvolvimento deles.

Ainda compondo esse indicador, Julieny narra:

***A criança é em primeiro lugar. Sempre estar fazendo o melhor possível para que ela se desenvolva e que mais na frente eu possa ver elas desenvolvidas, futuros profissionais qualificados, seja qual for a profissão que for escolher, mas que eu possa olhar para trás e ver que valeu a pena, valeu a pena todo o esforço que tive. O que fica mesmo para o ser humano é a educação, é o nosso saber mesmo.***

Compreendemos que seu maior compromisso é com seus alunos, hoje crianças que no futuro irão se tornar profissionais. A professora se preocupa com a qualidade de seu ensino, para que futuramente possa ser reconhecida pelo seu esforço. Lembramos que, no Núcleo sobre sentimentos, Julieny ressalta a importância de seus alunos para sua satisfação profissional e, conseqüentemente, para a constituição de sua identidade.

Inferimos que o exposto pela professora sobre sua função social está relacionado a uma das competências do professor que é saber envolver os alunos com suas aprendizagens. Marchesi (2008, p. 60) considera como um dos objetivos prioritários do ensino “a necessidade de despertar o desejo do saber dos alunos e de fazer com que eles se envolvam na atividade de aprender”. Ao se envolver nessa atividade, os alunos se apropriam de novos conhecimentos e se desenvolvem como pessoas e futuros profissionais.

A escola, como instituição de ensino, de acordo com Cubero e Moreno (2004, p. 254):

[...] não só intervém na transmissão do saber científico organizado culturalmente, como influi em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individualização da criança, como são o desenvolvimento do papel sexual, das condutas pró-sociais e da própria identidade pessoal (autoconceito, auto-estima, autonomia).

Nesse contexto, entendemos que a função da professora Juliény, junto à escola, é muito mais do que proporcionar o crescimento intelectual dos alunos, mas prepará-los para viver em sociedade e constituir sua identidade.

Compreendemos, de acordo com os sentidos produzidos pela professora, que ela está constituindo sua identidade docente, pois, no seu entendimento, sua função como professora é promover a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, tendo como foco sua formação, o que indica o desejo de permanência na profissão.

No segundo Indicador, “Ser professor: entre o real e o ideal”, nossa interlocutora se refere ao que acontece no contexto escolar e o que ela idealiza para que as condições de ser professor melhorem.

*A educação só não vai mais para frente porque **nós mesmos professores, dentro do nosso ambiente de serviço, nós não somos unidos.** Se nós fossemos unidos, todas com suas propostas, com seus objetivos... talvez a gente não consiga mudar toda a situação, mas que a gente mudasse a realidade dos nossos alunos na nossa região, já seria um bom avanço para nós.*

A professora em início de carreira declara que na escola em que atua não há relações interativas entre as professoras que contribuam para os avanços da educação e para as mudanças na realidade objetiva e subjetiva dos alunos.



Entendemos que essa situação prejudica o ensino e a constituição da identidade dos professores pela relação de distanciamento e conflito entre elas. Ainda que não haja o envolvimento coletivo dos professores, que eles prefiram resolver ou administrar seus problemas sozinhos, é necessário romper as barreiras do individualismo (PAULA, 2009).

Em contrapartida, Julienny idealiza para sua profissão:

*A educação só não vai mais para frente porque nós mesmos professores, dentro do nosso ambiente de serviço, nós não somos unidos. **Se nós fossemos unidos, todas com suas propostas, com seus objetivos... talvez a gente não consiga mudar toda a situação, mas que a gente mudasse a realidade dos nossos alunos na nossa região, já seria um bom avanço para nós.***

Julienny idealiza o trabalho em equipe, isto é, que haja o envolvimento dos professores para o trabalho em equipe com o objetivo de provocar mudanças na realidade dos seus alunos, a fim de que o trabalho docente seja mais satisfatório para os professores e para os alunos.

O trabalho em equipe, além de promover mudanças na qualidade de ensino para os alunos, possibilita a construção coletiva de conhecimento. Sobre isso, Pivetta e Isaia (2008, p. 251) consideram que os professores:

[...] precisam mostrar-se capacitados e polivalentes, capazes de atuar em equipes interdisciplinares, em diferentes níveis de atenção, adequando seus saberes de acordo com diferentes situações na busca da construção coletiva do conhecimento para solução de problemas que se apresentam cada vez mais complexos.

Entendemos que a complexidade dos problemas apresentados no contexto escolar é melhor solucionada quando os professores desenvolvem o trabalho em equipe em vez de trabalhar de maneira individualizada, cada um por si.

Julienny, ao narrar seus sentidos em relação à sua profissão, aponta o que seria ideal para que os professores possam exercê-la com satisfação:

***O ideal para exercer [a profissão] de forma satisfatória é uma estrutura boa na escola, recursos suficientes, você está sempre ali e nunca faltar recursos e materiais, tanto na parte da tecnologia quanto mesmo do concreto, do dia a dia, salas reduzidas também com menos alunos.***

A satisfação dos professores é trabalhar em escola com estrutura adequada, materiais de apoio e recursos, sobretudo tecnológicos, de modo concreto para facilitar e enriquecer seu trabalho.

Para Zaragoza (1999), a falta de condições de trabalho e das novas tecnologias têm sido queixas constantes dos professores. Compreendemos que a maneira de valorizar o trabalho desses profissionais e possibilitar o bem-estar é o investimento por parte do poder público na escola e na profissionalização docente, pois entendemos que o professor e as condições de trabalho fazem a diferença na educação.

Segundo Imbernón (2002, p. 20), “o professor e as condições de trabalho em que exerce sua profissão são o núcleo fundamental da inovação nas instituições educativas”. Portanto, as inovações na educação ocorrem com base no investimento no professor e nas condições de exercício da docência.

No presente Núcleo, a professora aponta a desunião que acontece entre os professores e que já discutimos antes, mas também aponta o que idealiza para sua profissão, indicando que perspectiva melhoras na condição de ser professor. Entendemos, com isso, que Julieny está se identificando com a profissão docente, apesar das dificuldades e desafios a serem enfrentados.

O terceiro e último Indicador, “Ser professor: dificuldades e desafios”, a professora revela a dificuldade que teve ao iniciar na profissão por conta de sua inexperiência. Sobre as dificuldades encontradas e os desafios a ser enfrentados, Julieny narra:

*No começo quase que eu me desesperei e claro que eu também pensei em desistir realmente no mês de maio, por aí. A gente entrou em fevereiro, **eu nunca tinha entrado numa sala realmente minha, eu já tinha sido estagiária, mas é diferente quando você assume uma turma.***

O processo de tornar-se professora não foi fácil para Julieny, nos seus primeiros contatos com a sala de aula efetivamente. Sua experiência anterior foi no processo de formação inicial, durante o estágio supervisionado que, no entender dela é diferente quando realmente se assume as responsabilidades de planejar e de desenvolver as atividades de uma sala de aula como a que atua. Essa dificuldade a fez pensar em desistir da profissão por um momento.

Com base no relato da professora, entendemos que a formação inicial é importante, mas não suficiente para sermos professores. Necessária se faz a vivência em outros processos formativos que lhe dê mais oportunidade de articular teoria e prática, isto é, com o exercício da profissão. Sobre esse assunto, Guarnieni (2005, p.5) afirma: “é no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor”, e complementa esclarecendo que “tal construção ocorre à medida que o professor vai efetivando a articulação entre conhecimento teórico-acadêmico e o contexto escolar com a prática docente”.

Compreendemos que é no exercício da profissão que o tornar-se professor, isto é, a constituição da identidade se consolida e passa por novas transformações. Para sermos professores, temos que dispor de conhecimentos, saberes e habilidades aprendidas na formação inicial, considerando o estágio de docência como experiência importante, na prática docente, ou seja, no exercício da profissão e não podemos deixar de esquecer que também são apreendidos na formação contínua.

Giesta (2001, p.106) reforça essa ideia quando afirma que “a formação do professor, como qualquer outro profissional, não está concluída ao receber um diploma de ensino médio ou universitário”. Segundo a autora, é necessária constante atualização dos conhecimentos por meio de cursos de extensão, encontros para estudos, discussões pedagógicas, seminários, reuniões para planejamento e avaliação.

Com esses sentidos sobre ser professor, compreendemos que estamos sempre em processo de formação e transformação e, portanto, a identidade do professor está constantemente em movimento. Assim, as dificuldades encontradas na vivência inicial com a profissão devem ser encaradas como fases passíveis de ultrapassagem, à medida que os professores em início de carreira vão amadurecendo com as experiências práticas e com a formação contínua.

Uma situação desafiadora para a professora Julieny foi tentar acabar com o preconceito contra os professores em início de carreira. Vejamos o trecho abaixo:

*Então, eu tive que mostrar para eles que eu era nova ali... logo por eu ser nova já tem aquele preconceito. Muitas mães chegaram para a diretora e falaram: “ah, ela não vai dar conta. É muito nova, é tão pequenininha, tão fraquinha para esse monte de menino”. [...] **Tentei conhecer os pais, tentei ser mais amigável, mostrar e passar confiança.***

A professora aponta como um dos desafios de ser professor enfrentar o preconceito em relação a quem está iniciando na profissão, pela pouca experiência e até mesmo pela sua fisionomia física e pela sua idade. Por ser uma professora jovem as demais professoras e os pais dos alunos não demonstram confiança. Por conta disso, sua competência é questionada.

Como já mencionamos em vários momentos deste trabalho, Julieny se encontra na fase de entrada na carreira, de acordo com Huberman (2000). Esse período também é estudado por Papi e Martins (2010, p. 44), que fazem levantamento de pesquisas sobre professores nessa fase e afirmam que é um período em que “os conhecimentos profissionais são colocados em xeque”. Para transmitir confiança aos pais e mostrar que seus conhecimentos lhe dão condições para ser professora, Julieny se aproxima dos pais.

Sabendo que apenas a formação inicial não é suficiente para ser professora, ela coloca, como outro desafio a ser enfrentado, a necessidade de continuar em formação:

*[...] a gente tem que **procurar se especializar, se formar, estudar cada vez mais, ler os livros, atualidades**, mas que a Secretaria (SEMEC) também tenha essa preocupação de sempre estar influenciando a gente, de estar propondo cursos novos para haver essa reciclagem.*

Segundo Julieny, um dos desafios da profissão é a formação contínua. Ela reconhece a importância do curso de formação no seu processo de tornar-se professora e, por isso, deseja que a SEMEC proporcione cada vez mais oportunidade aos professores.

De acordo com Gatti (2009, p. 200), a formação contínua nas últimas décadas teve como objetivo:

*[...] atualização e aprofundamento de conhecimentos como requisito natural do trabalho em face do avanço nos conhecimentos, as mudanças no campo das tecnologias, os rearranjos nos processos produtivos e suas repercussões sociais.*

Bem, mais do que isto, a formação contínua, segundo a autora, está centrada no autoconhecimento do professor, no reconhecimento de uma base dos conhecimentos já existentes e no seu conjunto de recursos profissionais, como base para trabalhar novos conceitos e opções.

Como enfatizamos durante nossas análises, não basta os professores terem formação inicial para atuarem na profissão. As experiências vividas no exercício da profissão e a formação contínua também constituem seu modo de ser.

Julieny deixa claro seu bem-estar em ser professora ao demonstrar, nesse relato, sua necessidade de continuar se formando. A consciência de que precisa de formação contínua é uma manifestação de que ela pretende continuar exercendo sua profissão. Dessa forma, reforçamos nossa compreensão de que as vivências sendo professora em início de carreira estão promovendo condições para Julieny está se identificando com a docência.

Nesse núcleo vimos que ser professor é vivenciar desafios e possibilidades. Nossa interlocutora apresenta como possibilidade de ser professora contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, e entende isso como função do professor. Entre a realidade da profissão e o que ela idealiza, está a relação interpessoal com as demais professoras da escola. A relação social que ela idealiza deve ser caracterizada pelo trabalho em equipe e pela troca de experiências, favorecendo o bem-estar docente. Apesar de nos primeiros meses ter pensado em desistir da profissão por conta das dificuldades, Julieny compreende que é mediante a formação contínua e a aproximação dos pais dos alunos que ela supera o preconceito de ser professora em início de carreira, período em que seus conhecimentos são colocados em xeque. Seu modo de significar o trabalho docente, na sua relação com as condições objetivas e nas mediações com os outros, revelam que o bem-estar é um aspecto constitutivo da identidade da professora Julieny.

As categorias significado, sentido e mediação foram importantes para interpretarmos o presente Núcleo, visto que com significado e sentido compreendemos seu modo de pensar a profissão docente, que surge nas relações sociais e contribuiu para apreendermos como sente os desafios e as possibilidades do ser professor. A categoria mediação nos mostra como o mundo objetivo e os outros estão constituindo seus modos de ser professora em início de carreira.

### **5.5 A relação da professora em início de carreira com o mal-estar docente e suas relações com a identidade docente que está sendo constituída**

Na análise inter-núcleos interpretamos os quatro núcleos de significação: sentimentos da professora em início de carreira: medo e insatisfação *versus*

satisfação e realização profissional; múltiplas expectativas em relação à profissão docente; mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita; e desafios e possibilidades de ser professor, chegamos ao entendimento de que a identidade que está se constituindo da professora em início de carreira não é afetada pelo mal-estar docente desenvolvido pelas professoras com quem convive; ao contrário, as vivências na escola como professora, sobretudo as afetivas têm promovido o desenvolvimento do bem-estar e este tem contribuído na identificação com a docência.

Julieny, nossa interlocutora, ao responder nossa questão gerativa e manifestar seus sentimentos em relação à profissão, faz-nos compreender que a zona de sentido satisfação é a que prevalece no seu modo de ser professora e está ligada diretamente aos seus alunos e ao acompanhamento dos pais. Observamos que sua relação com seus alunos e com os pais é lembrada por ela em outros momentos de sua narrativa e, portanto, as relações afetivas perpassam todos os núcleos. Vimos que as expectativas externalizadas pela professora é outra zona de sentido e revelam seu desejo de permanecer na profissão, pois almeja melhorias e valorização do seu trabalho. A zona de sentido mal-estar docente, reforça nossa ideia de que Julieny não foi afetada por esse estado afetivo apesar da convivência conflituosa com as demais professoras da escola em que trabalha, pois mesmo tendo uma relação conflituosa com essas professoras Julieny demonstra satisfação ao realizar seu trabalho. A zona de sentido “ser professor” evidenciou desafios e possibilidades a ser enfrentados pelo professor no exercício da sua profissão, o que nos remete a pensar que Julieny pretende permanecer na profissão docente.

Concluimos, afirmando que o mal-estar docente não constitui o modo de ser da professora Julieny, isto é, sua identidade, pois ela não foi afetada por ele. Entendemos que ela compreende que este estado afetivo está presente nas professoras de carreira que trabalham na mesma escola, mas, mesmo com a convivência conflituosa, ela busca não ser atingida, sendo resiliente perante as dificuldades da profissão, sobretudo, as relações com as professoras que proporcionaram mal-estar.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivada pelo interesse de estudar o que pensam, o que sentem e como agem os professores em relação à profissão, na fase de ingresso na carreira; o que vivenciam em meio aos conflitos que são pertinentes aos primeiros anos e às relações com professores veteranos – que apresentam desânimo, ansiedade, angústia e depressão, por exemplo –, realizei<sup>5</sup> esta pesquisa com o objetivo geral de investigar os significados e os sentidos do mal-estar docente produzidos por professores em início de carreira e suas relações com a identidade docente que está se constituindo.

Para atingir este objetivo, delimiti três objetivos específicos, que foram: identificar os sentimentos que os professores em início de carreira estão desenvolvendo em relação à profissão docente; conhecer as expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente; compreender como as vivências com professores que desenvolvem mal-estar docente constituem a identidade dos professores em início de carreira. Esses objetivos foram fundamentais na apreensão dos significados e dos sentidos do mal-estar docente.

Ao longo do trabalho, recorri à abordagem da Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky (1996, 1998, 2000), Leontiev (1978) e Luria (1991). Esses teóricos, sobretudo Vygotsky, orientaram-me na compreensão da dimensão subjetiva da professora pesquisada, com base nas categorias mediação, historicidade, e mais especificamente, as de significado e sentido. Essas categorias me possibilitaram compreender que a dimensão subjetiva da professora se constituiu nas relações com o mundo objetivo, com os outros, especialmente, com os que lhes são significativos – as professoras de carreira, os alunos e os pais dos alunos.

Ainda em relação à dimensão subjetiva da professora, recorri a Wallon (1868) para compreender como se forma e se transforma a afetividade no ser humano. Essa discussão foi importante na compreensão de que o mal-estar, principalmente o docente, é produzido nas relações afetivas vivenciadas com os outros e que se

---

<sup>5</sup>Como foi feito na introdução, nas considerações finais o predomínio da 1ª pessoa do singular se repete, por se tratar de minhas considerações em relação à realização do presente trabalho.

manifestam na forma de emoções e de sentimentos indicadores dos estados afetivos de bem-estar e de mal-estar.

Os aportes teóricos de Ciampa (1994, 2005), Dubar (1995), Berger e Luckmann (2009) me ajudaram na compreensão sobre o processo de se tornar professor, isto é, o processo de constituição da identidade profissional. Entendi que a identidade ocorre na articulação entre subjetividade e objetividade; igualdade e diferença em relação a si próprio e aos outros; pressuposição/atribuição e reposição/reconhecimento. Portanto, os professores em início de carreira se aproximam do modo de ser dos demais professores nas suas relações, mas ao mesmo tempo se distinguem, tornando-se únicos. Por isso, nossa interlocutora, embora estabeleça relações com professores que desenvolveram mal-estar docente, nos dá indícios de que o bem-estar é uma característica da sua identidade docente, pois igualaram-se e diferenciaram-se delas.

O estudo sobre o ciclo de vida dos professores, de acordo com Huberman (2000), ajudou-me a compreender as características dos professores que estão iniciando na profissão. O autor denomina essa fase de entrada na carreira, na qual, para ele, situam-se dois estágios – descoberta e sobrevivência –, que retratam o processo de tornar-se professor em meio às contradições. Constatei, com os resultados da pesquisa, que a professora está vivenciando esses dois estágios no exercício da profissão.

Ao optar pelos procedimentos metodológicos, considerei a professora, escolhida de modo particular, mas representando o universal, isto é, considerando que o seu pensar, o seu sentir e o seu agir sintetizam o que os professores em início de carreira pensam, sentem e agem em relação à sua profissão. Com a abordagem teórica que orientou meu pensamento, compreendi a professora como totalidade, em processo, em movimento e, portanto, síntese de múltiplas determinações. Para chegar a essa constatação, realizei pesquisa empírica, mediante entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 2009), observação (GIL, 1999) e entrevistas narrativas (FLICK, 2009). Para apreender o ser professora em início de carreira, a análise e a interpretação dos dados foram realizadas mediante o procedimento teórico-metodológico Núcleos de Significações (AGUIAR; OZELLA, 2006) que me orientaram a organizar os dados em pré-indicadores e indicadores, que resultaram nos seguintes Núcleos de Significação: Sentimentos da professora em início de



carreira: medo e insatisfação *versus* satisfação e realização profissional; Múltiplas expectativas em relação à profissão docente; Sobre o mal-estar docente: como se origina, como se revela e como se evita; Desafios e possibilidades de ser professor. Os resultados da pesquisa estão sistematizados nesses quatro núcleos que sinalizam para a constituição da identidade docente pela professora em início de carreira.

Os sentimentos da referida professora apontam que ela inicialmente sentiu temor e medo, mas foi superando, e hoje, 22 meses depois, sente-se satisfeita e realizada, embora a convivência com as professoras que proporcionaram mal-estar docente cause-lhe insatisfação. As expectativas em relação à profissão docente apontam que a professora deseja que os alunos aprendam e se desenvolvam; que os pais se envolvam cada vez mais; aspira que os conflitos com as professoras se encerrem e que haja valorização profissional do professor e de seu trabalho, indicando pretensão de permanecer na profissão e, portanto, identificação com a docência. O modo da professora em início de carreira compreender o mal-estar docente, isto é, como se origina, como se revela e como se evita, denota que a sua convivência com as professoras que proporcionaram mal-estar docente não a afetam intensamente, e mostra-se resiliente em relação aos conflitos presentes nesse relacionamento. Em síntese, as vivências no início da carreira docente, em especial com professoras que sofrem de mal-estar, não têm inviabilizado o desenvolvimento da identidade docente de Julieny.

Esta pesquisa, realizada durante o curso de Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFPI, atende a um desejo despertado durante o curso de Pedagogia, quando da minha atuação nos estágios extracurricular e curricular, respectivamente, e da minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

Diante da carência de estudos sobre significados e sentidos do mal-estar docente segundo professores em início de carreira, considero este trabalho relevante, pois a maioria dos estudos sobre a temática “mal-estar docente” têm como sujeitos os professores em fim de carreira, na fase de desinvestimento, de acordo com Huberman (2000). Dessa forma, compreendi que poderia contribuir mais ao estudar quem está iniciando na carreira, porque em caso de resultados que indicam mal-estar, esse estado afetivo pode ser diminuído enquanto há tempo, pois os jovens professores têm todo um ciclo de vida profissional pela frente.

Não posso dizer que este percurso transcorreu sem atropelos, pois é um tema complexo e que me obrigou a fazer e refazer muitas vezes as atividades planejadas, mas busquei como meta apresentar os resultados da melhor maneira possível e apreender as zonas de sentidos, de modo que representassem o modo de ser da professora Julieny, representante do modo de ser de muitos professores em início de carreira. Terminei este trabalho com as questões pertinentes respondidas, mas não pretendo esgotar a pesquisa. Existem novas questões para pesquisas futuras, como, por exemplo, por que os professores de carreira apresentam resistência em relação àqueles que estão iniciando na profissão?

A realização desta investigação me oportunizou novas compreensões sobre a realidade da profissão docente, sobre ser professora e sobre ser pesquisadora. Embora já tenha realizado outras pesquisas anteriormente, compreendi que a profissão docente é bem mais complexa do que me foi apresentada na formação inicial. Os desafios da profissão, como o surgimento de novas fontes de informação alternativas às escolas; o surgimento de novas tecnologias; e a desvalorização social, geram crises de identidade no professor, o que o leva a desenvolver sentimentos que caracterizam o mal-estar docente, mas essa crise pode também mobilizá-lo para desenvolver sentimentos que caracterizam bem-estar, como a professora pesquisada. Sobre ser professor, passei a compreender que este é um profissional e está em constante transformação; que sua identidade não pode ser apreendida em uma pesquisa porque é provisória, é momentânea. O que consegui captar da professora foram aspectos da identidade docente que está se constituindo. O modo de ser do professor é constituído pelas relações afetivas, pelas condições subjetivas e objetivas de seu trabalho.

Já em relação a ser pesquisadora, aprendi que pesquisar é um caminho de idas e de vindas, não apenas com o objetivo de atender minhas expectativas, mas de tornar o objeto de estudo interessante para outros, isto é, de proporcionar conhecimento novo para o leitor e para todos os envolvidos, no caso, a professora Julieny. Entendo que me transformei ao apreender os significados e os sentidos do mal-estar docente da professora Julieny e não sou a mesma ao estudar esta temática. Portanto, o meu modo de pensar, de sentir e de agir não é mais o mesmo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.
- AGUIAR, W. M. J. de. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 129-158.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica**: relatos de pesquisa. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.
- \_\_\_\_\_.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Revista Psicologia, Ciências e profissão**. São Paulo, ano 29, n. 2, 2006.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 31. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BOCK, A. M. B. et al. A vida afetiva. In: BOCK, A. M. B. et al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CARLOTTO, M. S. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Rev. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun., 2002.
- CARVALHO, M. V. C de. A categoria identidade desvelando o processo de construção do “eu”. In: CARVALHO, M. V. C de (Org.). **Temas em psicologia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-29.
- CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Tradução de Irene Lima Mendes, Regina Correia e Luísa Santos Gil. Porto: Porto, 1995. p. 155-191.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 58-75.
- \_\_\_\_\_. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- CODO, W. (Org.). **Educação**: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília: Laboratório de Psicologia do trabalho, 1999.
- DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y. de.; OLIVEIRA, M. K. de.; DANTAS, H. (Org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-97.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1995.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v.17, n.36, jan./abr. 2007.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Portugal: Porto, 1995.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ESTRELA, M. T. **Profissão docente**: dimensões afectivas e éticas. Porto: Areal, 2010.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas, SP: Autores associados, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI**: escolar. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FLICK, W. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago, 2005.

GATTI, B. A.. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Caderno de pesquisas**, São Paulo, n. 98, p.85-90, ago. 1996.

\_\_\_\_\_.; BARRETTO, E. S. S. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GIESTA, N. C. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor**: moda ou valorização do saber docente? Araraquara: JM Edições, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARNIENI, M. R. (Org.). **Aprendendo a ensinar**: o caminho nada suave da docência. 2. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Tradução de Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. Porto: Porto, 2000.p. 31-61.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissão**: formar-se para a mudança e a incerteza. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90-113.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa, Portugal: Horizonte Universitário, 1978.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 20, jan.-jun., 2005.

MARCHESI, A. **O bem-estar dos professores**: competências, emoções e valores. Tradução de Naila Tosca de Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MARTINS, M. M. **A formação social da personalidade do professor**: um enfoque vigotskiano. Campinas, SP: Autores associados, 2007.

MORENO, M. C.; CUBERO, R. Relações sociais nos anos pré-escolares: família, escola, colegas. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva, I**. Porto Alegre: Artmed, 1995. p. 190-202.

PAULA, A. C. R. R. de. **Por entre tramas e fios**: o estresse e o bem-estar de professoras em uma escola pública de Umberlândia-MG. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal de Umberlândia, Umberlândia, 2009.

PAPI, S. O. G.; MARTINS, P. L. O. As pesquisas sobre professores iniciantes. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n.03, p. 39-56, dez, 2010.

PIVETTA, H. M. F.; ISAIA, M. A. Aprender a ser professor: o desenrolar de um ofício. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, p. 250-257, set./dez, 2008.

SCHAFFEL, S. L. A identidade profissional em questão. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 102-115.

SOUZA, E. C. Modos de narração e discursos de memórias: biografização, experiências e formação. In: PASSEGI, M da C. C.; SOUZA, E. C. (Org.). **(Auto)biografia**: formação, territórios e saberes. Natal: EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008.p. 85-101.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZARAGOZA, J. M. E. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70, 1868.



APÊNDICES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO



## APÊNDICE A

### ENTREVISTA ESTRUTURADA (GESTORA)

Data: 25/05/2012

Horário: 09:30

Nome: ██

**1. Nesta escola há professores em início de carreira?**

Sim, temos sim.

**2. Quantos são os professores que estão iniciando na carreira?**

Atualmente temos três professoras.

**3. Quem são esses professores?**

Olha, temos a professora Julieny, ██████████ e ██████████. Elas entraram no último concurso que teve.

**4. Existem nesta escola professores que estejam no final da carreira?**

No final, perto de se aposentar não, mas já possuem um bom tempo de profissão.

**5. Quem é o(a) professor(a) desta escola com mais tempo de serviço?**

A professora com mais tempo de serviço aqui na escola é... Tem professoras com praticamente o mesmo tempo. Com 4 anos de serviço na Rede (Municipal de Ensino), aproximadamente 4 anos, mas se for contar com a experiência de outras escolas tem muito mais.



**6. Essas professoras apresentam insatisfação em relação ao trabalho?**

Só duas delas que falam justamente da questão de cumprimento de horários, a questão dos baixos salários, da falta de estrutura nas escolas, da quantidade de alunos na sala de aula. São essas as queixas mais pertinentes entre elas.

**7. Você percebe nesse professor algum indício de ansiedade, estresse ou esgotamento?**

Não, aparentemente não, mas às vezes a gente fica assim... um pouco preocupada, porque parece que as professoras não se identificam com sua função. Estão sempre se queixando.

**8. Algum dos professores já externou o desejo de abandono da profissão?**

Que eu tenha conhecimento não.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE<sub>d</sub>  
 CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO



## APÊNDICE B

### ENTREVISTA ESTRUTURADA (PROFESSORA)

Data: 04/06/2012

Horário: 11:20

Nome: Julieny

**1. Há quanto tempo você está na carreira docente?**

Eu estou na carreira docente a um ano e quatro meses

**2. Como está sendo sua relação com os demais professores desta escola?**

Bem, inicialmente era melhor. Quando nós chegamos aqui... nós somos seis. Três delas já estavam e nós que assumimos o concurso ano passado em 2011 chegamos. Inicialmente foi boa, a relação era muito boa. Depois com o decorrer do ano que foram acontecendo alguns fatos e esse ano também foi que ficou mais conturbada, porque a gente chega e traz ideias novas, projetos para executar na sala de aula. Meus projetos não foram muito aceitos. Elas acabaram se afastando de mim... não sei... falando que eu sou a preferida da diretora. É assim mesmo.

Agora somos seis... tirando eu fica cinco, né? Dessas cinco só duas falam comigo, as outras não falam porque... eu acho assim, porque a gente está... nós trabalhamos com crianças de educação infantil, crianças de dois a cinco anos e numa região que é um pouco periférica, porque aqui é a região do São Joaquim, Parque Alvorada, Nova Brasília e é uma região que já... passa o tempo todo na mídia a questão do tráfico de drogas, né? Da violência e são crianças que são filhos de pessoas que não têm boa índole, né? Já são crianças tão sofridas que já tem em casa problemas familiares, traumas, muitos deles já perderam seus pais que foram assassinados até na frente da

própria criança. Então, o que acho é que criança já tem esse sofrimento de casa e você vem para a escola e ainda é mal tratado por uma professora... que não tem coragem de trazer uma coisa nova, que tem preguiça, é preguiça mesmo... e acaba frustrando ainda mais a realidade dessa criança. Então, a minha opinião... eu na minha sala de aula eu procuro que ali, aquele ambiente seja o melhor possível para a criança, onde ela se sinta amada, que se sinta em um ambiente aconchegante, onde haja paz, brincadeira e ludicidade, onde a criança possa sentir vontade de vir para a escola e de estar na escola e aquele momento, aquelas quatro horas que fico com ela seja o momento mais prazeroso da vida dela. Então, essa minha visão não é muito aceita pelas outras professoras que já estão com mais tempo na profissão, que já realmente perderam a paciência, né? Que dizem muitas vezes que não querem ficar nessa profissão, mas que acabam “levando com a barriga” vinte, vinte e cinco anos até chegar a aposentadoria. A relação não é muito boa.

**3. Você percebe em seus colegas insatisfação em relação a docência?**

Demais, principalmente quando eu tento trazer projetos para ser executado na sala de aula, projetos novos, inovadores, atividade que a gente vá sair da sala de aula, que a gente vá visitar um parque, visitar um mercado, alguma coisa, experiência nova para a criança aí eu vejo essa insatisfação, a dificuldade de executar e sempre colocam dificuldade, só dificuldade, chego lá eu não vejo aquela... “Não, vamos fazer, vamos fazer, vamos ver nossa escola crescer”. Eu vejo muita, muita insatisfação, apesar que algumas nem tem tanto tempo de carreira assim e já estão muito insatisfeitas... e também devido aqui trabalhar 40 horas, trabalhar em Timon, trabalhar no Brejinho e trabalhar não sei aonde e... a vida já é corrida. Realmente, e até por parte eu entendo, você corre, corre, corre tanto que não dá de fazer uma coisa bem feita. A pessoa tem que optar por uma coisa ou outra, mas, as vezes, infelizmente a pessoa não pode abrir mão por causa da questão financeira. Mas eu vejo sim insatisfação.

**4. Você acha que há desânimo em relação a profissão por parte de algum dos seus colegas?**

Com certeza há desânimo, muito desânimo... No ano passado quando eu entrei... depois do meio do ano que eu senti muita dificuldade em trabalhar porque quer queira quer não quando você quer influenciar uma pessoa para o bem você influencia e quando você quer influenciar ela para o lado negativo você também influencia e trabalhar em um lugar assim que as pessoas já chegam mal humoradas de manhã... Na segunda feira, já chega mal humorada, você vê ali que a pessoa já chega se arrastando, aquela coisa, você vê o desânimo no rosto da pessoa e acaba... Eu fico assim aflita, fico pensando nas crianças, fico com pena dos alunos. Eu vejo desânimo sim.

**5. No seu modo de compreender, os professores com mais tempo de serviço desta escola ou de outra em que você já trabalhou apresenta sentimentos negativos em relação à docência?**

Apresenta sim, eu me lembro quando eu estava no estágio da universidade ano retrasado, em 2010 que a gente estava lá, eu e minhas amigas, cumprindo nossa obrigação lá no estágio tinha umas professora que estavam assim já só esperando o tempo de se aposentar. A que eu fiquei na sala dela ela... a gente foi estagiar do começo ao meio do ano, mas em dezembro ela já ia se aposentar iria completar os vinte e cinco anos dela de carreira. Eu sentia, ela falando assim: “Minha filha, é isso mesmo que você quer? Olha esses meninos são muito difíceis. Essa profissão é muito difícil, ninguém valoriza, os pais não valoriza, o sistema não valoriza”. De certa forma... eu já tinha até me inscrito no concurso. Você já vai assim, meio desconfiada, né? Eita será se é isso mesmo que eu quero? Será que é tão ruim assim? Eu ficava com essas indagações, porque de tanto as pessoas falarem que é ruim... Tinha outra professora lá que essa é que falava: “Eita que é ruim de mais, esses meninos são insuportáveis. Não aguento mais. Tomara que chegue logo essa carta para mim”. É como se fosse uma carta de alforria, né? Me livre! Me livre! Senti muito mesmo, muito mesmo, principalmente no estágio esse sentimento negativo, essa insatisfação das professoras.

**6. Algum dos seus colegas de trabalho já lhe estimulou a mudar de profissão? Se sim, como você se sentiu?**

Já, como eu acabei de relatar no estágio ela ficava falando o tempo todo não só para mim, mas para minhas amigas: “Vocês tem que mudar de profissão. Vocês são novas, isso aqui não dá futuro não é só cansativo, o salário é baixo”. E também até aqui mesmo na escola já senti isso... a questão das outras professoras, das companheiras de trabalho: “Tu é nova mulher, vai estudar, vai procurar outro concurso”. Minha resposta é sempre assim: “Não, enquanto eu puder fazer meu trabalho bem feito eu vou ficar aqui, mas no dia que eu sentir que essa insatisfação já me atingiu...” Enquanto ela não me atingir tudo bem, eu vou continuar aqui fazendo o meu serviço, dando o melhor de mim para que essas crianças tenham uma educação de qualidade aqui dentro da escola. Mas, quando eu vir que não dá mais para mim, quando eu vir que estou no meu limite eu não vou ficar “levando com a barriga” de qualquer jeito esperando a aposentadoria. Com certeza eu irei procurar uma... algo em que me encaixe, que se adeque as minhas condições. Mas eu sempre digo que vou ficar aqui até conseguir fazer um trabalho bem feito, porque quando for para não fazer mais eu não vou mais ficar, porque as crianças não merecem, né? Elas acabam “pagando o pato” por uma insatisfação, por você ter escolhido uma profissão que você... foi você que escolheu e elas não merecem pagar porque você está insatisfeito com a profissão. Acho que é mais justo é você pegar e falar não dá para mim e vai procurar outra coisa para fazer.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO



## APÊNDICE C

### ENTREVISTA NARRATIVA 01

Você está sendo convidado a participar de uma entrevista para desenvolvimento do projeto de pesquisa “Significados e sentidos sobre o mal-estar docente: o que pensam professores em início de carreira”. O objetivo geral dessa pesquisa é investigar os significados e sentidos produzidos por professores em início de carreira sobre o mal-estar docente e suas relações com a de identidade docente que está se constituída. Para tanto, contamos com a sua participação respondendo as questões que seguem.

Gostaríamos de deixar claro que o anonimato dos professores participantes dessa pesquisa será preservado tanto na elaboração da dissertação, quanto na produção de artigos científicos a serem publicados.

Atenciosamente

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho  
Pesquisadora Responsável

- Roteiro da narrativa

Data da entrevista: 04/06/2012

Local: CMEI Vila Pantanal II

Duração: 20min e 38 seg

Nome: [REDACTED]

Como o entrevistado gostaria de ser identificado: Julieny

Sexo: Feminino Idade: 26 Naturalidade: São Luís - Ma

Formação: Pedagogia Nível de ensino em que atua: Educação infantil

Carga horária: 40 horas semanais

Escola(s) em que atua: CMEI Vila Pantanal II

- **Questão gerativa**

Gostaríamos que você nos contasse como está se sentindo sendo professora. Você pode iniciar nos contando suas vivências como professora, sobretudo as experiências com professores que desenvolveram mal-estar docente e suas expectativas em relação à profissão.

#### **PROFESSORA:**

Bem, como eu já falei estou na profissão há um ano e três meses. Eu estou me sentido assim... no momento estou me sentindo satisfeita com a profissão, com a série que eu escolhi. Eu escolhi a educação infantil porque sempre gostei de criança, sempre trabalhei na minha igreja com crianças pequenas. É o que eu gosto de fazer, trabalhar com crianças pequenas, é o que eu me identifico e eu estou gostando, graças a Deus. Desde o ano passado, a minha turma é muito boa, eu tive muita dificuldade no começo, na questão de poder controlar a indisciplina, na questão do acompanhamento dos pais, mas depois com o tempo fui sabendo como lidar com cada pai e com cada criança, os problemas que eles passam em casa. Às vezes você só julga aquela criança pelo momento que ela está ali naquela sala de

aula, você tem que ver os problemas que ela passa em casa com a família, no que o pai trabalha, o que a mãe faz, se é separada, se estão juntos. Tem filho que mora com a avó. Então, tudo isso contribui para o comportamento da criança na sala de aula.

Então, esse ano é pouco ainda, mas eu já aprendi muito, muito mesmo com essa profissão. Estou no momento realizada, acho muito bom... meus alunos, gosto deles. Às vezes eu venho para cá e posso estar triste, com problemas pessoais, mas quando eu chego, o sorriso deles [alunos] me anima, me dá força para continuar e eu realmente estou realizada na profissão. Só acho que infelizmente, mas eu já entrei sabendo. Ninguém entra iludido, o salário... [faz gesto com as mãos] tem melhorado, tem melhorado, é uma luta lenta, mas que aos poucos os professores... eu creio que no futuro os professores vão ganhar bem nesse país. Como eu já sabia, quando me inscrevi no concurso lá tinha dizendo quanto eu iria ganhar, eu optei por isso. Eu tenho que dar o meu melhor, apesar de que deveria ser mais bem paga pelo meu serviço, mas como não sou, não devo sacrificar os alunos que estão aqui na escola não. Acho que não podemos nos conformar e ir a luta, mostrar nosso serviço.

Com relação a vivência junto com as professoras, em muitos momentos, muitas festividades, muitos tipos de atividades que a gente quer desenvolver um trabalho mais aprofundado, mais elaborado, trazer o pai... o que muito se fala hoje em dia é trazer a família para dentro da escola que é o que realmente dá certo, porque não adianta a gente fazer a... A educação já é tão difícil. Não adianta a gente querer deixar ali só nas quatro paredes, você o aluno e o quadro não. Você tem que levar para além da escola, para além do muro. Então a gente leva a questão da educação, do fazer mesmo, na prática docente é mostrando para os pais, é trazendo eles para a escola, mostrando a importância dele de estar aqui dentro.

Então, como eu vejo a questão das minhas amigas de profissão? Essa questão, logo porque já estão com muito tempo na profissão e muitas já estão calejadas, tem a questão de muitos pais agredirem a gente. Não compreendem... Então, tudo isso vai contribuindo para que as pessoas criem esse mal-estar com relação a profissão. São crianças problemáticas, são crianças com necessidades especiais, a questão do salário, a questão da estrutura, a questão dos pais. Então, tudo isso.



Se você for pegar só o lado ruim, realmente tem muito motivo para você ter esse mal-estar docente. Adquirir esse lado negativo. Com certeza as experiências delas [professoras de carreira] trazem esse mal-estar. Às vezes eu até chego animada na escola para fazer o meu trabalho, mas vejo aquele desânimo, aquela falta de querer, aquela falta de vontade, aquela falta de perseverança e acaba me incomodando.

Às vezes eu chego em casa e até falo para meu noivo e minha mãe que eu nem acho tão ruim assim, eu falo meu Deus do céu eu nem acho tão ruim assim ser professora, não acho. Não estou mentindo. Não acho tão ruim. Às vezes as pessoas entram com uma visão, mas quando vê a realidade é outra. Mesmo assim quando você coloca em sua cabeça: não, não é fácil, mas vou fazer o melhor, vou dar o meu melhor. Acho que você falando essas coisas positivas, você acaba adquirindo sentimentos positivos, agora quando você sai da sua casa pensando: ah, aqueles meninos, ah, aqueles pais, aquela escola. Com tudo isso você vai desenvolvendo esse mal-estar docente que acaba afetando seu físico, seu psicológico. A gente percebe muito, não só aqui na escola, mas como outras colegas do meu curso.

Eu faço curso de formação na SEMEC, no Centro de Formação, e são muitas meninas que nem eu que estão começando agora, mas a maioria... Eu percebo que 80% da turma já está desestimulada. Elas falam: “ah, eu vou procurar outro curso. Eu não aguento esses meninos, não aguento esses pais. É muita exigência, muita exigência”.

Às vezes eu fico pensando assim: meu Deus será que sou anormal? Porque parece que sou a única que gosta desse negócio, mas não. Eu procuro fazer o melhor que eu posso, mas quando eu ver que não dá mais certo vou procurar outro meio de me sustentar, mas por enquanto...

Sobre as minhas expectativas em relação à profissão docente, eu sou muito nova ainda, sou bebê nessa área, mas as minhas expectativas é mesmo a questão da estrutura da escola, que agora a gente está passando por uma reforma. Vai ficar muito boa. Minha expectativa é que os pais estejam mais envolvidos no desenvolvimento do seu filho, a questão mesmo de acompanhamento escolar, acompanhamento da aprendizagem deles. Outra expectativa é que acabe realmente essas intrigas, que eu já falei, entre nós que estamos entrando agora e as que já são mais veteranas aqui na escola, a questão mesmo da própria secretaria de educação,

que ela saiba valorizar mais o professor, dar estrutura, dar recurso, capacitar cada vez mais os professores.

Eu vejo assim, nós que entramos agora temos essa capacitação, mas outros que já estão a muito tempo... acho que deve ter sempre essa reciclagem e não só procurar... porque a gente tem que procurar se especializar, se formar, estudar cada vez mais, ler os livros, atualidades, mas que a Secretaria [SEMEC] também tenha essa preocupação de sempre está influenciando a gente, de está propondo cursos novos para haver essa reciclagem. Minhas expectativas são essas, continuar fazendo meu trabalho com decência, com profissionalismo, com respeito aos meus alunos, porque os alunos vêm em primeiro lugar. A criança é primeiro lugar. Sempre estar fazendo o melhor possível para que ela se desenvolva e que mais na frente eu possa ver elas desenvolvidas, futuros profissionais qualificados, seja qual for a profissão que for escolher, mas que eu possa olhar para trás e ver que valeu a pena, valeu a pena todo o esforço que tive. O que fica mesmo para o ser humano é a educação, é o nosso saber mesmo.

#### **PESQUISADORA:**

Professora, no início da sua narrativa você colocou que já trabalhou em igreja com crianças, que está satisfeita, mas colocou que no primeiro momento você encontrou dificuldades. Como foi que você fez para superar essas dificuldades?

#### **PROFESSORA:**

Pois é as dificuldades que eu falei foi a questão dos pais, dos alunos... Então o que eu procurei? No começo quase que eu me desesperei e claro que eu também pensei em desistir realmente no mês de maio, por aí. A gente entrou em fevereiro, eu nunca tinha entrado numa sala realmente minha, eu já tinha sido estagiária, mas é diferente quando você assume uma turma. Quando foi no mês de maio [de 2011] houve uns problemas com a questão de pai de aluno e aí realmente pensei em desistir, mas pensei que se eu desistisse seria covarde, os vencedores vão à luta. Não é fácil, a gente tem que aprender a superar os obstáculos. Então eu fui tentando ter mais calma, ter mais cautela com as palavras, ter paciência, porque nós fomos formados... Eu fui formada na universidade, mas muitos pais não sabem ler nem um recado. Então, eu não posso me igualar a eles. Eu sou superior, eu me formei, eu estudei para executar essa profissão e tenho que realmente ser profissional, sabe?

Entender o ser humano, saber entender todo o ciclo que está ao meu redor, a condição financeira, a condição intelectual deles, o tanto de anos que eles estudaram. Então, eu tive que mostrar para eles que eu era nova ali... logo por eu ser nova já tem aquele preconceito. Muitas mães chegaram para a diretora e falaram:

“ah, ela não vai dar conta. É muito nova, é tão pequenininha, tão fraquinha para esse monte de menino”.

Eu tentei reverter essa situação mostrando meu trabalho. Mostrar que eu estava ali para fazer, que eu tinha estudado, que eu tinha me capacitado para estar ali naquela sala de aula e foi assim que fiz. Tentei conhecer os pais, tentei ser mais amigável, mostrar e passar confiança. Eles poderiam deixar os filhos deles nas minhas mãos durante aquelas quatro horas e depois daquelas quatro horas eles iriam voltar, pegar seus filhos e eles estariam ali todos intactos, bonitinhos, aprenderam a lição do dia e foi o que tentei fazer. Mostrar realmente o meu trabalho com calma, com cautela. A questão da conquista não é fácil, a gente tem que esperar também as pessoas conhecerem nosso trabalho para depois elas poderem nos julgar. Tentei agir com cautela, mostrei meu serviço, meu trabalho e com um tempo já houve a confiança dos pais, da direção, da coordenação.

**PESQUISADORA:**

Quando você estava falando da relação com as professoras, você mencionou a relação professor-aluno, professor-pais e eu quero que você deixe mais claro a relação professor-professor.

**PROFESSORA:**

A relação professor-professor é a que é mais difícil [risos]. Como eu sempre falei: meu Deus eu prefiro mil vezes lidar com crianças porque ela é ingênua. Você está ali, reclama um pouquinho e depois ela vem abraçar. Já o ser humano não, você não entende. Eu não entendo.

**PESQUISADORA:**

O adulto?

**PROFESSORA:**

É. Não entendo o adulto, porque aqui a gente tenta fazer o melhor, a gente tenta ser companheira, tenta ser amiga, tenta mostrar... amenizar os conflitos que a gente vive no dia a dia na questão da profissão docente. A própria diretora tem prova disso que várias vezes elas [professoras] me procuravam: “vai falar com a diretora a questão do horário pedagógico que a gente precisa no momento para resolver nossa vida pessoal”.

Várias vezes eu interferi nas decisões da direção, quis ajudar, quis ser companheira, quis ser amiga, mas por a gente ser nova na área a história que a gente houve é: “ah, é porque está novinha ainda. Deixa ela passar uns cinco anos para ver se ainda vai estar desse jeito. Deixa ela, deixa ela. Quer se aparecer, quer se mostrar para a direção”.

Essa relação é muito difícil. Às vezes quando eu chego vejo que uma professora vira a cara, a outra finge que não está me vendo, dou bom dia e não responde. É muito ruim, muito ruim mesmo. Já sofri muito, já chorei muito na minha casa, com a diretora também, porque não entendo. A educação só não vai mais para frente porque nós mesmos professores, dentro do nosso ambiente de serviço, nós não somos unidos. Se nós fossemos unidos, todas com suas propostas, com seus objetivos... talvez a gente não consiga mudar toda a situação, mas que a gente mudasse a realidade dos nossos alunos na nossa região, já seria um bom avanço para nós.

A relação com a direção desde quando nos conhecemos ainda na SEMEC quando eu estava sendo lotada... é uma diretora muito boa. Realmente nós duas nos identificamos muito, porque ela realmente não é uma pessoa que se acomoda que diz: “não, vamos esperar pela secretaria, vamos esperar por fulano de tal, pelo prefeito”.

Não, a gente vai atrás do que a gente quer. Nós já conseguimos muitos avanços para a escola como a questão da reforma que ela insistiu mesmo. Ano passado eu fiquei na direção quando ela [diretora] estava de férias. Ela confiou esse cargo a mim e eu tinha até esquecido de falar que foi desde esse momento que eu tinha mal chegado, estava com seis meses que eu tinha entrado na rede e assumi a direção. Então, o justo seria o que? Que a pessoa que estivesse com mais tempo assumisse a direção. Mas não, eu com seis meses assumi a direção. Tudo começou nesse mês de agosto, de setembro e de outubro [de 2011].

**PESQUISADORA:**

E você acha que o convite para substituir a diretora se deve a que?

**PROFESSORA:**

Porque eu cheguei e como eu já falei tive problemas, mas consegui superar esses problemas e por conseguir superar esses problemas que eu tive em sala de aula eu passei confiança para ela, consegui cativar os pais. Então, se falava: “ah, a Julieny é nova, mas ela tem capacidade para assumir a direção, para ficar no teu lugar”.

Ela [diretora] viu em mim confiança. Ela poderia se afastar os 45 dias, eu poderia ficar na direção e quando ela voltasse as coisas estaria todas em seus lugares, não teria acontecido nada demais, não aconteceria problemas e também eu não estaria bagunçando o trabalho dela, estaria dando uma continuidade.

Então, como eu e a diretora temos o mesmo foco e praticamente as mesmas ideias, os mesmos objetivos, da criança se desenvolver, da criança ter esse ambiente aconchegante, ambiente acolhedor e é aí que nós nos identificamos muito. Infelizmente muitas pessoas não entendem esse nosso lado. Esses nossos objetivos e até a gente fala: “ah, nos duas somos perfeccionistas”.

Mas os perfeccionistas sofrem porque nem todo mundo olha com o mesmo olhar da gente e nem vê nossas ideias. Não aceitam nossas ideias com bons olhos.

**PESQUISADORA:**

Nem todo mundo vê isso como ponto positivo.

**PROFESSORA:**

É. Como ponto positivo. Não, só vêm como: “não, é porque ela quer se beneficiar, é porque ela quer babar a diretora”.

Essas questões que acontecem na escola infelizmente... Eu acho que nós professores deveríamos ser os primeiros aliados do diretor, porque já é tão difícil reger uma escola grande como a nossa que tem quase 300 alunos e já são tantos problemas e nós mesmos adultos, que fomos capacitados, que estudamos, que nos formamos... nós mesmos bagunçamos o processo. Fica mais difícil, porque nunca vai haver aquela união entre secretaria, escola e pai.

Não, fica sempre aquela confusão: fulano é versus diretor que é versus pedagogo que é versus Secretaria.

Agora eu já consigo ver, porque quando a gente está de fora, a gente vê: “ah, é má vontade da escola, má vontade das pessoas”.

Mas quando a gente está aqui a gente vê que é difícil. Trabalhar com ser humano é difícil, trabalhar com adulto é difícil. Não era para ser, era para ser muito mais fácil. Nós passamos cinco anos na universidade para poder fazer nosso trabalho bem feito e quando chega aqui [as professoras de carreira] só colocam dificuldade na frente, dificuldade na frente, dificuldade na frente.

**PESQUISADORA:**

Você falou muito sobre a formação. Você acha que o mal-estar tem relação com a formação?

**PORFESSORA:**

Pode ser que sim, porque... Você entra na prefeitura e tem esse curso de “abre-alas”, seja bem vindo à prefeitura, mostrando o que é a educação infantil nas oficinas, mas tem professor aqui que já está com mais de cinco anos na rede e nunca mais teve um curso oferecido pela Secretaria e às vezes você precisa estudar novos teóricos, você precisa ter novas ideias, às vezes acaba caindo na mesmice, na rotina: “ah, já tenho experiência”.

Até as tarefas mesmo lá de mil novecentos e pouco, você utiliza no século XXI. Então, eu acho que a Secretaria ela deveria estar mais atenta em relação à formação dessas professoras que já estão há mais tempo na rede, que podem estar sofrendo esse mal-estar com acompanhamento mais específico com elas, até quem sabe o acompanhamento com psicólogo de... essas terapias que tem nas empresas particulares para que não haja esse mal-estar em relação a profissão, para que não caia na mesmice. Quando está com muito tempo acaba ficando na mesmice, rotina. Vem, ajeita menino, brinca com o menino e vai embora, é aquela coisa: a mesmice. A gente vê que nunca traz algo novo, sempre algo que já está defasado, de muito tempo atrás. Então, se houvesse uma formação específica para elas, acho que seria diferente, poderia não mudar por completo, mas ajudaria, eu acho.

**PESQUISADORA:**

Bom, para finalizar, você acha que está valendo a pena?

**PROFESSORA:**

Para mim... eu estou satisfeita. Está valendo apenas, no momento. Não posso te afirmar [nome da pesquisadora] que daqui a cinco anos vou estar com esse mesmo pensamento, porque a gente não sabe o dia de amanhã. Então, a gente tem que viver o presente, fazer o que pode fazer agora, porque se deixar para depois... o amanhã é incerto. Então, estou muito satisfeita com a minha profissão, com os meus alunos, com os pais dos meus alunos, com tudo. Não tenho nada a reclamar. Agora se eu fosse te falar que é fácil, é moleza eu estaria sendo hipócrita e mentirosa, porque é difícil, é trabalhoso, você tem que dedicar o seu tempo para procurar coisas novas, estar se preocupando com alunos em si, com a criança que é tão pequena e não merece ser massacrada nem pelo sistema e nem por nós que estamos aqui representando. Está valendo apenas, no momento está valendo apenas. No dia em que eu ver que não consigo fazer meu trabalho do jeito que estou fazendo hoje com eficácia ou tentando melhorar a cada dia que passa eu com certeza irei procurar outra profissão, porque não seria justo as crianças pagarem por uma insatisfação minha.

**PESQUISADORA:**

Ok.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

## APÊNDICE D

### ENTREVISTA NARRATIVA 02

Você está sendo convidado a participar de uma entrevista para desenvolvimento do projeto de pesquisa “Significados e sentidos sobre o mal-estar docente: o que pensam professores em início de carreira”. O objetivo geral dessa pesquisa é investigar os significados e sentidos produzidos por professores em início de carreira sobre o mal-estar docente e suas relações com a de identidade docente que está se constituída. Para tanto, contamos com a sua participação respondendo as questões que seguem.

Gostaríamos de deixar claro que o anonimato dos professores participantes dessa pesquisa será preservado tanto na elaboração da dissertação, quanto na produção de artigos científicos a serem publicados.

Atenciosamente

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho  
Pesquisadora Responsável



Data da entrevista: 21/11/2012

Local: CMEI Vila Pantanal II

Duração: 40min e 31 seg

Nome: [REDACTED]

Como o entrevistado gostaria de ser identificado: Julieny

Sexo: Feminino Idade: 26 Naturalidade: São Luís - Ma

Formação: Pedagogia Nível de ensino em que atua: Educação infantil

Carga horária: 40 horas semanais

Escola(s) em que atua: CMEI Vila Pantanal II

- **Questão gerativa**

Gostaríamos que você nos contasse como está se sentindo sendo professora. Você pode iniciar nos contando suas vivências como professora, sobretudo as experiências com professores que desenvolveram mal-estar docente e suas expectativas em relação à profissão.

### **Professora**

Com relação à profissão docente eu estou me sentindo muito bem, muito realizada como eu já havia falado antes e... como a gente chegou no final do ano, você pode perceber que quando você veio estávamos com outra estrutura, com a dificuldade da construção da escola. Agora é cada um na sua sala, já estamos com os ventiladores e tudo isso contribui ainda mais para que eu esteja me identificando com a profissão, porque a escola já tem agora estrutura, mais espaço, aqui as crianças podem ter outros tipos de vivência, outros tipos de expectativas.

Estamos agora no final de novembro e o projeto que eu disse que eu estava realizando sobre a alimentação saudável, já fizemos a culminância que teve piquenique e aí esses dois anos que estou com a mesma turma estou me sentindo muito realizada, muito feliz. Estou terminando o ano de 2012 muito feliz, porque está havendo aquela conquista dos pais. Os pais estão mais presentes na escola, aqueles que eu via que não dava tanta importância à Educação infantil, já estão

dando, já estão acompanhando. Tudo isso faz com que eu esteja me sentindo realizada.

Em relação às vivências com as outras professoras, com as amigas de profissão. Na época que você veio... quando foi mesmo?

**Pesquisadora:**

Final de maio

**Professora:**

Em maio as coisas eram mais fáceis [risos], agora está sendo mais difícil e também agora teve eleição para diretora e as pessoas que... como eu e a professora [nome da professora] somos muito amigas da diretora e as outras não são, elas disseram que se a diretora ganhasse elas pediriam remoção. A diretora ganhou e elas pediram a remoção, estão só esperando o resultado da SEMEC. É um clima que... eu não gosto de viver assim nesse clima, porque eu sou uma pessoa muito flexível, gosto de ajudar minhas companheiras, gosto de bater aquele papo. A profissão já é tão difícil e você ainda chegar a uma escola e ter esse clima de rivalidade, de fingir que é seu amigo, mas por trás fica falando é um pouco chato, mas eu e a outra professora, a gente se fortaleceu muito. A gente tentou manter a amizade, ter um vínculo de amizade, companheirismo, mas o ser humano... cada pessoa tem sua individualidade e tem que respeitar, né? Se elas não nos aceitam como colegas de profissão então, no máximo que nos resta é respeitar a opinião delas e no que for possível a gente trabalhar junto, a gente trabalha no que não for... É como a diretora falou: "não é obrigado a gente ser amiga pessoal de ninguém, mas sejamos profissionais". Então, todo mundo aqui na escola tem que ser profissional, trabalhar com o único objetivo que é de termos uma educação de qualidade.

A gente tem lutado por essa escola, a gente vai atrás, a gente conversa com os pais e a gente consegue recurso. Tudo para poder ter uma educação de qualidade, porque as crianças já são tão marginalizadas no meio em que elas vivem, com a classe inferior que elas vivem. Não é justo elas chegarem aqui nessa escola e serem mais massacradas ainda pelo sistema e pelos docentes. Então, tudo que for relacionado à melhoria das crianças e da educação estamos juntas, mas na questão das desavenças pessoais, cada um sabendo separar e respeitar umas as outras....

assim a gente vai levando a vida. Vamos esperar no próximo ano se elas vão mesmo sair, se vão chegar outras. Nossa vontade é que cheguem pessoas realmente com vontade de trabalhar, de se doar e que acabe esse clima de desavença, de picuinha que é muito chato, muito pesado.

As minhas expectativas em relação à profissão docente é continuar na profissão. A gente até tentou concorrer à eleição de vice-diretora, mas só que era exigido dois anos efetivos de sala de aula e eu não tinha como comprovar nem em contra-cheque e nem em carteira assinada, porque só tinha contrato, mas é tudo do jeito que Deus quer. Eu só queria ficar na direção, porque no caso eu iria ficar meio turno como professora e meio turno como diretora, para poder ajudar mais a [nome da diretora], porque ela está sobrecarregada, às vezes se sente só, mas como não deu certo, no tempo certo Deus vai providenciar outra pessoa. Assim espero.

Continuando, minhas expectativas são as melhores possíveis, é poder cada vez mais contribuir para meus alunos, contribuir para o desenvolvimento deles. No próximo ano vou continuar com a mesma turma no 2º Período. A minha meta é que todos saiam alfabetizados, se não todos, mas pelo menos 80% da turma eu quero que saia alfabetizada. Como ficarei três anos com eles, no maternal, 1º Período e, no próximo ano, 2º período, minha expectativa é que eles me levem na lembrança até quando estiverem adolescentes, adultos, porque sempre os professores bons ficam em nossa memória, já os professores ruins a gente nem lembra o nome, nem lembra a feição.

**Pesquisadora:**

Ok. Em relação aos sentimentos, é só satisfação que você sente? Do período que você entrou até agora, você está com um ano e...

**Professora:**

Um ano e dez meses.

**Pesquisadora:**

Durante esse um ano e dez meses foi só satisfação? Será que quando você entrou você não sentiu, por exemplo, insegurança, medo? Será que não tem nada que lhe cause insatisfação durante esse período que está aqui?

**Professora:**

Eu já ia esquecendo, porque a cada dia a gente vai tentando superar as dificuldades do cotidiano. Quando eu entrei aqui, eu já tinha trabalhado com maternal, mas já faz muito tempo. Ano passado quando entrei caiu a ficha. Essa turma é minha e eu tenho que me responsabilizar.

Assim, os primeiros momentos, os primeiros seis meses foram assim... os três primeiros meses foi um choque, aquele monte de criança, escola sem estrutura, sem material, professor novo, toda gestão nova, quadro de funcionários novos. Foi difícil a adaptação não só para mim, mas para toda a equipe de funcionários na escola e também os pais dos meninos do maternal. Os pais ficam um pouco inseguros de trazerem os meninos para a escola. Eles ficam com uma cara para você: “ah, essa menina nova não vai dar conta”. Como muitas já me falaram: “ah, essa menina é muito novinha, magrinha, pequenininha não vai dar conta desses meninos”. No começo as cobranças são maiores, os meninos começam com mordidas, os meninos caem e o pai não entende. Tem que conquistar o pai, trazer o pai para o seu lado, para o pai ser companheiro, entender que são crianças que estão nesse momento de adaptação, de fase de desenvolvimento. Esses pequenos problemas trouxeram um pouco de, não frustração, mas de temor, porque você tem que aprender a lidar com esses problemas do cotidiano, tem que aprender a superar cada dia um problema e ter paciência. Eu até falei para a diretora que não estou mais contando até dez, mas até vinte, porque não pode... Eu fui formada, estudei para estar aqui, então... O nosso público são pessoas que não tiveram acesso à educação, não tiveram acesso ao conhecimento, são pessoas de outro tipo de cultura e ensino. Então, a gente não pode se rebaixar ao nível deles e sim trazer eles para seu nível né? O papel da escola é esse, é mostrar para os pais que a educação pode mudar a realidade, pode te levar à rumos diferentes. Então, tem que ter essa paciência. Muitos pais são grosseiros, não entendem e você tem que ter toda paciência para não se debater com eles.

Eu como estudei, como li vários teóricos e me preparei para isso tenho que saber dosar as coisas e não confrontar o pai dizendo: “ah, você é isso, você é aquilo”. Não, eu tenho que saber me comportar de acordo com os problemas.

**Pesquisadora:**

Então, sintetizando, os sentimentos que você sentiu foram?

**Professora:**

Foi de choque devido à estrutura da escola, devido às próprias crianças também, ao público que não... como eu não sabia... eu sabia que era uma região bem pobre, bem carente. É difícil. O jeito que eles vivem, o palavreado deles, a postura deles é diferente do que estou acostumada, então, essa postura, esse palavreado me chocou um pouco, mas aos poucos a gente foi conversando, foi sabendo conviver com as diferenças. O primeiro sentimento foi assim de temor, de medo, mas de frustração não, porque eu já sabia que não iria ser fácil.

**Pesquisadora:**

E insatisfação? Nenhuma?

**Professora:**

Insatisfação... os momentos que senti insatisfação foi em relação a minha convivência com as outras pessoas da escola, com as outras professoras. Minha insatisfação não foi com meus alunos. Todo mundo sabe aqui nessa escola que eu prefiro estar mil vezes na sala de aula do que estar trabalhando com gente na coordenação, na direção, porque eu sinto que o ser humano é um ser muito difícil, já as crianças não, elas estão ali cometem um errozinho e você adverte, fica com cara de zangada... Você vê que elas têm um coração bom, não guardam rancor, mas já o ser humano, o adulto já formado é muito difícil aceitar o outro, aceitar os defeitos do outro, aceitar as opiniões do outro, aceitar o trabalho do outro. Em vez de elogiar, não, sabem só virar as costas e dizer: "ah, é babona da diretora, não sei o que". Eu nunca fui assim. Se você é bom, parabéns! Quero ficar do seu lado para aprender cada vez mais, mas aqui minha "frustração" seria essa. A gente mal vira as costas e já estão falando da gente, por coisa pequena querem prejudicar a gente. Como eu não era acostumada a viver com esse tipo de gente e de ambiente... a minha insatisfação é relacionada somente a isso. Eu já cheguei até pedir para a diretora a minha remoção para ir para outra escola, eu falei que aqui era muito difícil trabalhar, é tanta gente... um querendo o mal do outro, um querendo puxar o tapete do outro. Mas em relação aos meus alunos, eu nunca... eu sempre gostei de crianças, nunca

senti insatisfação e vontade de deixar a profissão docente por causa dos alunos não, mas por causa da convivência com as outras pessoas da escola.

**Pesquisadora:**

Você está deixando entender que a sua satisfação aqui na escola é em relação aos seus alunos. É isso?

**Professora:**

A satisfação é em relação aos meus alunos e a insatisfação é com as outras professoras... não todas. Tanto as que passaram mais as que vão entrar... é como eu falei para a [nome da diretora] uma vez que os bons na escola nunca ficam [risos]. Os bons sempre vão embora e os que vem... Ó Senhor, misericórdia. É um povo que está aqui só mesmo pelo dinheiro. Dinheiro é bom, claro, mas onde você estiver, seja qual for a profissão que você queira exercer, você faça com vontade, faça com gosto, porque a vida já é tão difícil. A gente já tem tanto problema para pessoal e ainda vem trabalhar com a cara fechada, como se fosse a pior coisa do mundo. A gente tem sempre que se colocar na vida do outro, no lugar do outro.

A gente assiste tanto noticiário de gente doente, gente querendo uma doação de um órgão, gente em leito de hospital e você está todo dia vivo, você está vivo, acorda todo dia com saúde, tem seu emprego... tanta gente querendo ter um emprego e parece que é a pior coisa do mundo. Isso me entristece muito, mas é um aprendizado. É uma coisa que nunca quero para mim, como já te falei da outra vez: enquanto eu estiver satisfeita, enquanto eu estiver vendo que dá para fazer eu vou ficar. No dia que não dá mais para eu fazer vou procurar outra coisa, mas enquanto eu puder fazer, eu vou dar o meu melhor.

**Pesquisadora:**

Certo. Em relação às expectativas, me diga quais são mesmo suas expectativas. Gostaria que você pontuasse o que é que você espera da sua profissão.

**Professora:**

Da minha profissão eu espero que o professor seja mais valorizado, tanto em relação ao salário, como em relação à sociedade de ver a importância do professor, porque sem... isso já é até um clichê. Sem o professor não existe as outras profissões. Seria muito bom que a sociedade, os governantes, o próprio ministro de educação, procurassem metas, objetivos para o professor, como você falou, pudesse amenizar esse mal-estar docente tanto em relação à dificuldade dentro da sala de aula como em relação aos problemas de baixo salário, às vezes os salários atrasados. Graças a Deus isso não acontece aqui na prefeitura, mas em muitos lugares acontece do salário atrasar e falta de estrutura nas escolas. Aqui você vê que tem uma estrutura muito boa, mas a gente sabe que tem muitas escolas que não tem nem o lanche da criança, às vezes não tem nem cadeira para sentar, às vezes tem uma sala mal iluminada, salas úmidas, salas sem ventilação. A minha expectativa é que a profissão docente, ser professor e a educação seja valorizada por toda a sociedade. Não ver o professor ser um coitado não. A questão dos salários também, que os aumentos sejam justos, a questão do professor se capacitar cada vez mais, que a própria Secretaria esteja a cada dia proporcionando esse momento para a ampliação do conhecimento do professor e novas experiências. A questão mesmo de estrutura e de material. Questão mesmo que vem lá de cima do que da gente.

Mas é importante dizer que não é porque você não tem uma escola boa, que não tem isso e aquilo outro que você vai se esconder através dessas desculpas né? Você tem que tentar fazer o melhor. É claro que algumas pessoas infelizmente não conseguem, mas seria bom mesmo é que os professores fossem valorizados realmente nesse país que com certeza o país iria para frente.

**Pesquisadora:**

Hum. Bom, sobre sua relação com as professoras de carreira eu gostaria que você falasse como essas professoras lhe receberam. Como essas professoras vêm lhe tratando durante esse um ano e dez meses e como você reage?

**Professora:**

No começo foi muito bom, tudo muito bom. Receberam a gente muito bem, tanto eu como as outras que entraram. Havia esse companheirismo, essa união. Como eu já falei, professor tem que ser unido, né? Para a gente conseguir as

coisas, a gente tem que se unir e não se separar cada um para seu lado. No começo foi tudo bem, era muito bom acordar de manhã e vir para a escola, num ambiente de amizade, descontração, de parceria, mas depois a gente foi vendo assim... quando você está entrando agora, você quer mostrar trabalho não é? Não quer ficar na mesmice até porque tanto que a gente debateu na sala de aula no Curso, para fazer a diferença e quando você quer fazer diferente começa aquela barreira. Elas dizem: “ah, é só porque está começando agora quer mostrar serviço. Quero vê daqui a uns dez anos se vai conseguir ter o mesmo pique. Vai procurar outro emprego, vai passar no concurso de não sei o que, não sei o que. Olha, eu estou bem aqui e me arrependi, porque quando eu era nova podia mudar e não mudei”.

Nossa relação agora é como eu já te falei, é só se respeitar, dar bom dia, boa tarde e boa noite, tchau e quando tem que se juntar para fazer algum serviço a gente se reuni, mas questão assim de amizade, de companheirismo não. Só mesmo o que não é dispensável. É tipo assim: “só fale comigo o que é indispensável”. Agora a relação que eu tenho e a outra professora [nome da professora] tem com elas é somente o indispensável, porque há uma rejeição.

Agora como eu trato, como eu me comporto? Eu procuro ser a mais educada possível. Quando eu vejo que posso interferir que posso ajudar eu interiro. Quando me procuram eu ajudo, não nego ajuda, mas é só mesmo o básico.

**Pesquisadora:**

Ok. Agora quero que você me diga o que é mesmo que você compreende sobre o mal-estar docente. Qual é sua relação com o mal-estar docente e como você o vê nas professoras desta escola?

**Professora:**

Assim... o mal-estar docente de acordo com o que eu entendo é estar aqui sem querer estar e acaba que... a criança não tem culpa nenhuma, são crianças tão pequenas que não tem culpa nenhuma pela insatisfação que você acaba repassando aquela raiva, você já chega de manhã... você já nota o semblante de baixo astral, aquele desânimo pela acolhida. Cada dia tem uma professora na acolhida e uma vez achei interessante o que uma mãe disse e nesse dia eu não estava na acolhida, eu estava reunindo os pais para a gente ir para uma ação social no SEST/SENAT, foi eu que fui mobilizar os pais. O ônibus veio da Secretaria e a



gente levou esses pais para a ação social do SEST/SENAT. Bom, a mãe falou assim... a gente pensa que elas não observam, mas observam. As minhas mães, mães dos meus alunos estavam sentadas em um banquinho esperando e uma mãe falou assim: “meu Deus olha a animação das professoras. Parece que morreram e esqueceram de enterrar”.

Depois daquele dia fiquei refletindo, porque a gente pensa que é só a gente que fica sentindo esse clima, porque como a gente tem mais tempo, né? O pai só vem deixar, vem buscar ou para alguma reunião ou evento, mas já é tão notável que até os pais no momento da acolhida eles já percebem. É um momento que a criança está acordando, sonolenta, dá trabalho chorando e o professor em vez de ser aquela pessoa amável, afável, uma pessoa acolhedora, né? O pai já vê a cara do professor, a cara maior do mundo, parece que estão aqui, mas que queria mesmo é está em outro lugar. O pai sente aquele peso, aquele peso.

Assim, a gente vê que não tem nenhuma novidade, a gente vê que os alunos pararam no tempo. São crianças que a gente vê que tem potencial de evoluir, de se desenvolver, de serem crianças desinibidas, crianças que podem ter uma oratória melhor, ter um repertório de música melhor, repertório de histórias também melhor, mas a gente vê que são crianças que estagnaram. Tem aquela frase que já é bem conhecida, mas eu concordo quando diz que a cara da turma é a cara do professor, a cara do professor é a cara da turma. Se você não vê aquele querer no professor ou aquela ação, aquele movimento, os alunos são do mesmo jeito. Se você vê que o professor já fica ali na dele, tipo deixa a vida me levar, os alunos são do mesmo jeito. Então o mal-estar docente que eu sinto nelas [professoras de carreira] é aquela questão de vir se arrastando, vir contando os dias, quando tem feriado acha é bom, se não tem água querem liberar os meninos, mas isso a diretora nunca faz, ela sempre dá um jeito. Se é para enforcar um dia por causa do feriado é uma dificuldade para repor depois. Então é aquela coisa, tudo é forçado demais, só querem bônus, mas não querem ônus entendeu? O que eu vejo também do mal-estar docente é muitas vezes o egoísmo das pessoas, né? Você já ser formado e saber o que as crianças necessitam e você colocar uma venda nos olhos e fingir que elas não precisam de nada, que as migalhas que você joga já é o suficiente. O que eu vejo é isso. Qual é o restante da pergunta? Falta algo que não falei?

**Pesquisadora:**

A sua relação com o mal-estar.

**Professora:**

Minha relação com o mal-estar.... se não tiver cuidado ele contagia [risos], porque às vezes, meu Deus do céu a gente quer tanto fazer. Fizemos uma exposição de artes no Lagoas do Norte, foi perfeita, foi linda, tanta gente elogiando que a gente convidou de fora, autoridades, mas para a gente poder fazer essa exposição, meu Deus do céu foi tanta luta porque o povo aqui ficou colocando dificuldade para as crianças produzirem telas de arte, das crianças fazerem releituras de grandes autores renomados. Foi aquela dificuldade, como se fosse a pior coisa do mundo, como se tivesse que ir lá ao Egito a pé e voltar. Ensinando coisas assim tão do nosso cotidiano do que a criança precisa é se expressar artisticamente, coisas que elas adoram fazer no dia a dia, se você deixar, é todo dia, toda hora. Foi tão difícil. A [nome da diretora] já me cobrou isso, que eu estou até com vontade de fazer, mas já fico pensando como vai ser a dificuldade de realizar tal projeto que isso acaba de certa forma me contagiando, sabe? Não vou fazer não, porque se eu inventar isso aqui vão dizer que sou babona, que eu só quero me aparecer. Então isso acaba me chocando um pouco, me afetando um pouco, mas só que a gente tem que parar um pouco e pensar que não é assim, eu tenho que fazer a minha parte, procurar fazer o meu melhor e dar o melhor para os meus alunos. Agora quem quiser me acompanhar, me acompanhe, quem não quiser... infelizmente só os alunos tem a perder com isso aí. Minha relação com o mal-estar é procurar não ser atingida, não deixar me contaminar.

**Pesquisadora:**

Então o mal-estar docente é....

**Professora:**

É essa falta de querer e indisposição. Você pode dar o seu melhor, você tem capacidade, estudou, se especializou, mas só guardou o diploma ali, guardou os textos ali e pronto, acabou. Estagnou no tempo, sabe? É só receber o salário,

receber suas férias e pronto. Os alunos que aprendam com outra professora. Sempre jogam a bola para frente.

**Pesquisadora:**

Hum. Agora me diga uma coisa. Como é que você vê a profissão professor? Vamos supor que você foi chamada para dar uma palestra lá no Centro de Formação, no seu Curso e lá você é convidada à falar sobre sua profissão. O que você teria a dizer?

**Professora:**

Eu teria a dizer que.... A maioria da sociedade vê e diz: “ah, Deus me livre ser professor, por que é muito difícil”. Realmente é muito difícil e é um trabalho árduo. Assim, eu sou muito preocupada com os alunos, às vezes eu saí da escola, por exemplo, o aluno falta porque está doente. Eu não consigo esquecer e no outro dia, na direção, pego o telefone e ligo para perguntar: “por que o fulano não está vindo?”.

Às vezes o pai precisa só de uma palavra do professor. Às vezes as pessoas vivem arrodadas de outras que vivem assim... por si só que o professor acaba sendo mais que profissional, acaba sendo amigo confidente. Elas [mães] vêm até a mim e pedem conselho apesar de eu ser muito mais nova, elas pedem conselho e perguntam: “como é que eu faço isso? Na minha casa como é que eu faço?”.

Então ser professor apesar de ser uma tarefa árdua, depende muito de você. O salário não está no ideal. O meu no momento está dando para suprir minhas necessidades, mas pelo que eu faço deveria ganhar muito mais. Eu considero que eu deveria ganhar muito mais.

É uma profissão difícil, como já te falei tem a questão da estrutura, do material, dos próprios profissionais que estão ao redor da gente, os próprios secretários, os superintendentes cobram uma coisa e vivemos outra. Acho que a nossa profissão deveria ser adequada a nossa realidade e essa realidade superar a expectativa daquela região que a gente está inserida. É difícil, mas ao mesmo tempo que é difícil tem muitos momentos que são satisfatórios. Você vê como uma criança chegou aqui com bico na boca, usando fraudas, totalmente dependente de você e quando é no final do ano a criança está totalmente independente, escova os dentes sozinhos, lavam suas mãos, sabem que o lixo é no lixo, quando passam no meio da rua falam:

“olha mãe, não pode jogar lixo que a tia disse”. Eles conseguem ver um artista que a gente trabalhou na sala de aula, na televisão, identificam quem é aquele artista. Então, tudo isso que a gente vai trabalhando no dia a dia e pensa que é pouco é tão importante. Os pais vêm relatar para a gente... Pronto. A gente nem lembra do salário, nem das dificuldades, nem que a sala tem ventilador, que a sala não tem nada. Já compensa assim para a gente, já compensa para mim.

É uma profissão difícil, mas quem entra nela tem que entrar com coragem e vontade de fazer o melhor e não esperando que fulano ou siclano vá ti reconhecer, mas só em você ver que o aluno está satisfeito com a aula, que o aluno progrediu para mim já é um grande pagamento. O que eu teria para falar para as outras professoras era isso. Se eu fosse chamada para falar, falaria isso, que a profissão é uma profissão difícil, mas que vale a pena ver o brilho nos olhos dos alunos, ver que eles estão ali saudáveis, satisfeitos e alegres. Ser criança é isso, é brincar, é alegria, é diversão e é ter os direitos né? Onde quer que ande os direitos devem ser respeitados, os direitos da criança.

**Pesquisadora:**

Você falou que às vezes como professora você é conselheira e amiga das mães. Então, para você qual é a função do professor?

**Professora:**

É como muitos textos que a gente já leu na universidade, falava que o professor é um artista. Um dia você está no palco, um dia você está na televisão, um dia você está cantando, outro dia você está interpretando um rico ou um pobre. Então, o professor é uma mesclagem de tudo um pouco. A gente tem que ser um pouco de médico, um pouco de palhaço, um pouco de artista, um pouquinho de pai, um pouquinho de mãe, um pouquinho de amigo. Então, ser professor é como o ministro sempre falou: “o professor em si é um ser completo, porque ele lidar no cotidiano com tantos problemas, com tantas coisas que você nunca imaginou que você acaba treinando de tudo um pouco”.

Como meu esposo é enfermeiro o que eu posso perceber é que uma pessoa chega com uma tal doença e lá eles já tem o medicamento certo para aquela doença não é? Outro chega e já tem o remédio certo, o tratamento certo e já aqui não. Aqui todo dia é uma novidade, todo dia é um aprendizado novo tanto para mim quanto para as

crianças. De uma formiguinha pode ter tantas indagações, tantos problemas a ser resolvidos. Uma pipa voando... tem várias experiências, é tanta coisa que eles podem ver de um simples papel eles fazem um barquinho, fazem uma pipa, um avião. Então, todos os dias eles fazem descobertas. Então, o professor é um ser completo e é um ser que está sempre em construção, não é aquele ser acabado, sempre está em construção, sempre está aprendendo com todos os problemas do dia a dia, com as experiências positivas e negativas. Professor para mim é um ser completo, é de tudo um pouco.

**Pesquisadora:**

Sim, mas qual seria a sua principal função?

**Professora:**

A principal função aqui na escola?

**Pesquisadora:**

Sim.

**Professora:**

Aqui na escola a minha principal função é fazer com que meus alunos aprendam, é fazer com que eles tenham oportunidade igual a um aluno da escola privada, que ele não seja menos pesado, que ele não seja aquém do aluno da escola privada. Minha função é essa, é proporcionar aos meus alunos as mesmas experiências que eles poderiam ter na escola particular ou até melhor que uma escola particular. A minha função é essa, é fazer com que eles cresçam, que se desenvolvam, que eles aprendam e não assim, porque sou de escola pública eu sonho menos. Não, eu quero que meus alunos cheguem depois daqui, da escola, por exemplo, como na escola particular. Quando as pessoas perguntarem: “esse aluno é de onde? Do Pantanal? Escola pública?” Não. Eu quero que cheguem e digam: “do Pantanal? Pois o Pantanal está de parabéns!”.

Espero que aonde eles cheguem sejam reconhecidos como alunos de escola pública, mas como alunos que tiveram todos os tipos de vivências e experiências proporcionados pelo ambiente escolar, tanto dentro quanto fora, como eu sempre faço. Procuo levar eles para conhecer outros lugares, faço muitos passeios, muitas

experiências novas para que eles não fiquem aquém de outros alunos, que eles possam chegar em uma roda de crianças do mesmo nível, de escolas particulares e estejam na mesma altura dos outros alunos. Minha função é essa, é fazer com que eles aprendam da mesma forma do que um aluno da escola particular, que eles não sejam rejeitados e menosprezados pelo sistema não. Espero que eles sejam competidores do mesmo jeito.

**Pesquisadora:**

O que seria preciso para exercer a profissão docente?

**Professora:**

O ideal para exercer [a profissão] de forma satisfatória é uma estrutura boa na escola, recursos suficientes, você está sempre ali e nunca faltar recursos e materiais, tanto na parte da tecnologia quanto mesmo do concreto, do dia a dia, salas reduzidas também com menos alunos. Aqueles alunos que a gente tem que inserir porque tem necessidades especiais, que eles realmente fossem acompanhados. O que acontece... eu tenho um aluno com necessidade especial e eu tenho que me virar para entender o que ele está pensando, o que ele está sentindo sem eu ter sido preparada para aquilo. Então, acho que deveria ser assim... tem toda uma burocracia, a mãe tem que consultar o fonoaudiólogo, não sei quem, não sei mais quem... a mãe acaba não indo mais nem atrás, porque dá trabalho. Então, o comodismo é mais fácil, é enfiar o menino naquela turma e fingir que está tudo bem. O ideal é que a partir do momento que ele entrasse na escola, ele fosse acompanhado por toda uma equipe que já estivesse dentro da escola, uma equipe multidisciplinar que já estivesse na escola, que fosse diagnosticado e naquele momento já fosse trabalhado de acordo com sua necessidade tanto com a professora na sala de aula com todos os alunos quanto com uma pessoa especialmente para ele. Que tivesse uma auxiliar somente para ele e que todos esses profissionais quando preciso estivesse próximos a ele. A Secretaria dispor de um fonoaudiólogo, de um psiquiatra, de psicólogo. Então, algo mais perto da nossa realidade, mais perto, dentro da própria Secretaria. A questão das salas reduzidas e o acompanhamento. Seria bom que em outro turno tivesse reforço, porque às vezes nem todos os pais pode acompanhar as crianças na escola.

Então, deveria ser uma educação integral. O ideal seria isso, que a criança ficasse na escola, o lanche de qualidade e já é, que ela fosse acompanhado como um todo, tivesse aulas de dança, praticar algum esporte, mas tudo dentro do ambiente escolar seria o ideal. A questão do salário também. Acho que o salário deveria ser de acordo com a produtividade.

**Pesquisadora:**

Sei. Mas o que seria necessário para que uma pessoa possa ser professor?

**Professora:**

Acho que o que seria necessário é a pessoa querer e estar disposta a atuar nessa profissão. Se eu fosse ministra da educação e a pessoa passando em Pedagogia, acho que eu levaria os alunos do 1º bloco para uma escola durante vários dias, um mês... pode até ser um estágio no início do período da Faculdade para a gente poder saber se é aquilo que a gente quer, para a gente poder vivenciar as várias experiências, os vários espaços que a escola tem, porque às vezes você passa quatro anos e meio, sendo quatro anos só na teoria e passa só 4 meses em sala de aula. Aquele estágio não é nem 3% do que é a realidade, então, acaba frustrando muita gente, né? Você chega aqui pensando que é outra coisa. Nos próprios textos... é muito bonito, mas é muito distante da realidade. O texto nunca vai chegar na realidade, porque como já te falei, a profissão docente é o dia a dia, é a vivência do dia a dia. Cada dia é algo novo que está sendo vivenciado. Então, para ser professor tem que realmente querer e não se deixar abater pelas dificuldades, porque se você for ver só as dificuldades, você não consegue fazer um bom trabalho. Tem que chegar já aqui na escola... passar no concurso e chegar na escola consciente de que tem problemas, tem dificuldades, que às vezes é desanimador, mas você tem que querer fazer a diferença onde você chegar, porque se for ver só dificuldades, só o não querer, a falta de querer, de disposição aí realmente não dá para ser professor. Para ser professor tem que realmente querer, tem que ser algo que vem de dentro, algo interno.

**Pesquisadora:**

Então você acha que o estágio de docência deveria acontecer no início do curso de licenciatura?

**Professora:**

Eu acho, nem que seja cada disciplina consiliada com o estágio. Entendeu? Porque, por exemplo, a gente estudou EJA, estudou Ensino Infantil, estudou Ensino Fundamental, a questão da Educação Especial, mas só que o que a gente ia era só fazer um trabalho de campo, fazia aquela observação rápida e pronto. A vivência é muito pouca, a vivência dentro da sala de aula, da escola é muito pouca. Só se resume ao final do curso, né? que é o tempo do estágio. Só se resume aquilo. Acho que deveria estar mais dentro da escola, deveria ser voltada para o cotidiano, para aquela conversa com o professor que como você falou, já tem mais tempo de profissão e com aqueles que estão no começo. Então, essa vivência mesmo do cotidiano, de todos os problemas que acontecem na escola, das experiências boas, da negativas, mas que seja os quatro anos e meio mesmo presente nas escolas. O ideal seria mesmo que cada universidade tivesse uma escola dentro da universidade como tem na UNICAMP, que tem a própria escola dentro da universidade. Seria bom que cada universidade tivesse uma escola funcionando mesmo ali, para que o aluno da graduação tenha aquela vivência mesmo.

**Pesquisadora:**

De que maneira você vê isso relacionado com o que estamos discutindo, com o mal-estar docente?

**Professora:**

Acho que em muitos momentos... acho que contribui, porque o que eu já ouvi de muitos colegas é... até assim a gente percebe, quando a gente quer fazer um estudo aqui na escola, algum texto, quando a gente traz algum texto para estudar. Você começa a ler o autor e a fala é a mesma: “ah, isso aqui é muito bonito na teoria, mas agora vá na prática”. Falam: “ah, essas pessoas que escrevem esses textos, esses Doutores, esses Mestres, Pós-doutores nunca pisaram numa sala de aula”. Então, é muito bonito falar aquilo que você não vive. Então, a gente sabe que muitas vezes, infelizmente, é isso que acontece, né? É só a teoria do ideal, mas não do real, de algo que você não vivenciou. Então, eu acho que se os alunos vivenciassem mesmo o que realmente é a escola, o que é realmente a educação, o que é realmente esse cotidiano, acho que sairiam menos frustrados da universidade



e com certeza acho que só estaria aqui quem realmente quisesse encarar a profissão e quisesse fazer o melhor e se aposentar aqui. Acho que contribui.

**Pesquisadora:**

Ok. Obrigada.

## APÊNDICE E

## ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

- **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Escola CMEI VILA PANTANAL II

Professor (a): Julieny

Turma: 1º Período

- **ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS:**

1. As relações interpessoais entre os professores;
2. As relações interpessoais entre o(a) professor(a) e os alunos;
3. O modo de agir da professora em início de carreira.

## APÊNDICE F

**REGISTRO DE OBSERVAÇÕES**

Segunda-feira (28/05/2012)

Antes da aula acontece a acolhida do pátio com a participação de todas professoras inclusive a nossa professora pesquisada. Julieny é professora do 1º Período, mas como a escola está em reforma ela está dividindo uma sala com a professora do 2º Período. As duas turmas estão juntas. A aula de acordo com meu relógio começa exatamente as 07h30min da manhã.

Ao entrar na sala observei primeiramente o espaço. As paredes são enfeitadas com alfabeto, numerais, chamadinha, quadro de aniversariantes, palavras estudadas, um cartaz com regras que eles chamam de combinados, são eles: 1) Não pode correr na sala; 2) Deixar a sala sempre limpa; 3) Não pode brigar com os colegas; 4) Prestar atenção quando a professora estiver falando; 5) Fazer a tarefa bem feita; 6) Cuidar do material escolar e um quadro do tempo.

No início da aula as professoras dão brinquedos de encaixar para os alunos. Enquanto isso a nossa professora organiza o material para a aula. Nesse momento entra uma merendeira oferecendo pedaços de melão para a turma, inclusive para mim.

Por volta de 08h00min todos guardam os brinquedos e começam a contar quantos meninos e meninas estão na sala. Isso com a outra professora. Enquanto isso Julieny chama atenção de quem está conversando. Em seguida, trabalha o dia da semana e o alfabeto. Todos os alunos participam. Depois as duas professoras trabalham os numerais e o poema “Leilão de jardim”. Julieny faz leitura e os alunos repetem. Ela chama os alunos para tirarem cartões com imagens de animais que fazem parte do poema de Cecília Meireles e trabalha o alfabeto e as características dos animais sempre fazendo perguntas aos alunos. Eram 14 cartões e da metade para frente a própria professora Julieny foi tirando do depósito.

As professoras começam a trabalhar a letra “J”. **Observei que elas ficam se revezando durante a aula** e um ponto que me chamou atenção foi que as duas professoras cantam uma música para conseguir atenção da turma. Ao trabalhar a

letra “J” fazem isso a partir da palavra JARDIM e contam quantas vogais e consoantes tem a palavra, sílabas e trabalham a família do “J”.

Em seguida, a professora Julieny distribui os estojos e vai de mesa em mesa copiar nos cadernos a atividade. Enquanto isso, os alunos das outras mesas ficam aguardando em seus lugares. As 09h00min a merendeira entra novamente na sala e dessa vez traz doces.

Julieny retoma de mesa em mesa para acompanhar as atividades. Enquanto isso uma aluna se dirigiu a mim para dizer que sua colega não está fazendo a atividade.

As 09h20min chega o lanche das crianças. Depois do lanche as crianças são levadas para escovar os dentes. Neste momento os alunos do segundo período ficam na sala brincando de massinha.

As 10h00min as duas turmas vão para o pátio, para o recreio e as professoras ficam observando. O recreio dura vinte minutos, mas às 10h10min elas chamam os alunos para a sala. As crianças ficam assistindo DVD com uma funcionária, pois vai ter reunião das professoras. Portanto, a professora Julieny irá participar.

Na reunião começaram a discutir o Horário Pedagógico. Discutiram também as atividades que elaboram para os alunos e a reunião com os pais que será no dia seguinte.

As impressões que tive dessa primeira observação foram que a relação entre a professora Julieny e os alunos é de respeito, ou seja, os alunos tratam essa professora com respeito, escutam o que ela tem a dizer, se mostram dispostos a aprender, demonstram sentimentos positivos. Em relação a esses sentimentos há reciprocidade por parte da professora abraçando todos seus alunos, ajeitando os cabelos das meninas, as sandálias dos meninos.

Ao trabalhar os assuntos que aqui foram registrados ficou evidente que a professora considera os saberes dos alunos, suas vivências e experiências. Também demonstrou cuidado com a alimentação e higiene deles.

Sobre a relação com as demais professoras observei que sua interação com a outra professora que dividi a sala é muito boa no momento da aula e fora da sala de aula também. No entanto, constatei que sua interação com as demais professoras não acontece da mesma forma. No momento da acolhida no pátio, no recreio e saída se falam apenas o necessário. Na reunião, a professora Julieny foi a única que não se manifestou, ficou calada o tempo todo. Após esse momento ela

externou que prefere ficar calada para que as outras professoras não falem que ela sempre se posiciona nas discussões do lado da diretora.

Quinta-feira (31/05/2012)

No momento da acolhida as professoras interagem com as crianças, cantando músicas. A aula começa as 07h30min na mesma sala, mas hoje é outra professora que divide o espaço com ela, pois é Horário Pedagógico (HP) da professora que de fato se reverba com a professora Julieny. Assim que entramos a Julieny pede as tarefas e enquanto ela vai tirar cópia das atividades de hoje deixa brinquedos com as crianças. A outra professora fica na sala se organizando. Nesse momento entra uma merendeira oferecendo chocolate para a turma.

As 08h00min a professora Julieny pede para guardarem os brinquedos. Começa a aula trabalhando o quadro do tempo e em seguida contam quantos meninos e meninas estão presentes, trabalha o alfabeto (consoantes e vogais).

Hoje nossa professora pesquisada relembra a letra M que já foi trabalhada. A letra é trabalhada a partir da palavra MAMÃE. Julieny ele elege duas alunas para serem ajudantes do dia para entregar os estojos e os cadernos. Após entregar a professora vai de mesa em mesa explicar a tarefa. Enquanto isso a outra professora faz uma atividade diferente sobre matemática. Observei uma diferença em relação a interação entre as professoras. Trabalham como se a sala fosse dividida entre paredes. Uma não tem intenção de interferir na aula da outra, mas a HP fala muito alto, quase gritando, o que dificulta ouvir a aula da professora Julieny.

Terminada a tarefa as crianças são levadas ao banheiro para lavar as mãos e aguardam os lanches sentados. Após o lanche as crianças vão escovar os dentes e as 09h40min as professoras levam as crianças para o pátio para ensaiar a quadrilha. As 10h30min retornamos para a sala de aula. Nossa professora pesquisada dá massinha de modelar para os alunos brincarem enquanto os pais não chegam para pegá-las.

Nesta segunda observação confirmamos a boa relação entre a professora Julieny e seus alunos, assim como na primeira observação, porém, sua relação com a professora de hoje é de distanciamento. Pouco trocaram algumas palavras, estavam no mesmo espaço, mas em atividades diferentes.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI  
 CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO



## APÊNDICE G

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo sobre qualquer dúvida que tiver. Este estudo está sendo conduzido pela mestrandia Isana Cristina dos Santos Lima, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí pelo telefone ou a pesquisadora responsável por essa pesquisa.

#### 1. ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA:

- **Título do Projeto:** Significados e sentidos do mal-estar docente: o que pensam e sentem professores em início de carreira.
- **Pesquisadora Responsável:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho
- **Outro(a) Pesquisador(a):** Isana Cristina dos Santos Lima
- **Endereço:** Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI
- **Telefone para contato (inclusive a cobrar):** (86) 3237-1214

## **2. DESCRIÇÃO DA PESQUISA**

Este projeto propõe a execução de uma pesquisa qualitativa a ser realizada com professores da Educação Básica nos níveis de ensino infantil e fundamental em início de carreira de escolas localizadas no município de Teresina. Ao desenvolvê-la pretendemos investigar os significados e sentidos produzidos por professores em início de carreira do mal-estar docente e suas relações com a identidade docente que está se constituindo, e nesta perspectiva, identificar os sentimentos que os professores estão desenvolvendo em relação à profissão docente; conhecer as expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente; compreender como as vivências com professores que desenvolvem mal-estar docente constituem a identidade dos professores em início de carreira.

Com base no exposto, precisamos contar com a sua contribuição no processo de pesquisa participando da entrevista semi-estruturada e da entrevista narrativa que será orientada por uma questão gerativa. Os dados coletados com a entrevista serão gravados em áudio e depois transcritos, analisados e interpretados. No caso de surgirem perguntas que possam causar algum constrangimento, estas podem ser redirecionadas com a pesquisadora, assim como também está garantido o direito de retirar seu consentimento em qualquer etapa da pesquisa. Será realizada observação sistemática para registro das situações nas quais os sentidos e os significados sobre o mal-estar docente estão sendo produzidos.

A pesquisa não apresenta riscos. Em relação aos benefícios, contribuirá para a ampliação dos estudos sobre a temática e, além disso, contribuirá, a curto prazo, para a reflexão de profissionais sobre seus significados e sentidos que estão atribuindo ao mal-estar docente e, a longo prazo, na constituição da identidade profissional docente.

## **3. ADESÃO VOLUNTÁRIA**

A adesão a essa pesquisa é voluntária. Este processo de pesquisa, permitirá, além de outros benefícios, a criação na instituição de espaços de reflexão crítica que possam auxiliar os docentes em início de carreira orientação dos modos de ser professor hoje, que provoquem mudanças qualitativas na educação, na escola e no processo de ensino e aprendizagem. A (re)orientação desses modos permitirá o

acesso a todas as informações veiculadas no decorrer do estudo, assim como garantirá o sigilo sobre os dados fornecidos, a menos que requerido. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

#### **4. GARANTIA DE SIGILO**

Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, representantes do patrocinador (quando presente) Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho  
Pesquisadora Responsável

#### **Observações complementares**

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI  
tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: ww.ufpi.br/cep





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd/ UFPI  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO



## APÊNDICE H

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo sobre qualquer dúvida que tiver. Este estudo está sendo conduzido pela mestrandia Isana Cristina dos Santos Lima, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine este documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí pelo telefone ou a pesquisadora responsável por essa pesquisa.

#### 1. ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA:

- **Título do Projeto:** Significados e sentidos sobre o mal-estar docente: o que pensam professores em início de carreira.
- **Pesquisadora Responsável:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho
- **Outro(a) Pesquisador(a):** Isana Cristina dos Santos Lima
- **Endereço:** Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI
- **Telefone para contato (inclusive a cobrar):** (86) 3237-1214

## **2. DESCRIÇÃO DA PESQUISA**

Este projeto propõe a execução de uma pesquisa qualitativa a ser realizada com professores da Educação Básica nos níveis de ensino infantil e fundamental em início de carreira de escolas localizadas no município de Teresina. Ao desenvolvê-la pretendemos investigar os significados e sentidos produzidos por professores em início de carreira do mal-estar docente e suas relações com a identidade docente que está se constituindo, e nesta perspectiva, identificar os sentimentos que os professores estão desenvolvendo em relação à profissão docente; conhecer as expectativas dos professores em início de carreira em relação à profissão docente; compreender como as vivências com professores que desenvolvem mal-estar docente constituem a identidade dos professores em início de carreira.

Com base no exposto, precisamos contar com a sua contribuição no processo de pesquisa participando da entrevista semi-estruturada. Os dados coletados com a entrevista serão gravados em áudio e depois transcritos, analisados e interpretados. No caso de surgirem perguntas que possam causar algum constrangimento, estas podem ser redirecionadas com a pesquisadora, assim como também está garantido o direito de retirar seu consentimento em qualquer etapa da pesquisa.

A pesquisa não apresenta riscos. Em relação aos benefícios, contribuirá para a ampliação dos estudos sobre a temática e, além disso, contribuirá, a curto prazo, para a reflexão de profissionais sobre seus significados e sentidos que estão atribuindo ao mal-estar docente e, a longo prazo, na constituição da identidade profissional docente.

## **3. ADESÃO VOLUNTÁRIA**

A adesão a essa pesquisa é voluntária. Este processo de pesquisa, permitirá, além de outros benefícios, a criação na instituição de espaços de reflexão crítica que possam auxiliar os docentes em início de carreira orientação dos modos de ser professor hoje, que provoquem mudanças qualitativas na educação, na escola e no processo de ensino e aprendizagem. A (re)orientação desses modos permitirá o acesso a todas as informações veiculadas no decorrer do estudo, assim como garantirá o sigilo sobre os dados fornecidos, a menos que requerido. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

#### 4. GARANTIA DE SIGILO

Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. A menos que requerido por lei ou por sua solicitação, somente o pesquisador, a equipe do estudo, representantes do patrocinador (quando presente) Comitê de Ética independente e inspetores de agências regulamentadoras do governo (quando necessário) terão acesso a suas informações para verificar as informações do estudo.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho  
Pesquisadora Responsável

#### Observações complementares

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFPI - Campus Universitário Ministro Petrônio Portella - Bairro Ininga Centro de Convivência L09 e 10 - CEP: 64.049-550 - Teresina – PI  
tel.: (86) 3215-5734 - email: cep.ufpi@ufpi.edu.br web: ww.ufpi.br/cep

## APÊNDICE I

Teresina, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Ilmo Sr.

Prof. Dr. Eulálio Gomes Campelo

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI

Caro Prof.,

Estou enviando o projeto de pesquisa intitulado “Significados e sentidos do mal-estar docente: o que pensam e sentem professores em início de carreira”, para a apreciação por este comitê.

Confirmo que todos os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa realizaram a leitura e estão cientes do conteúdo da resolução 196/96 do CNS e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99, 303/2000, 304/2000 e 340/2004).

Confirmo também:

- 1- que esta pesquisa ainda não foi iniciada,
- 2- que não há participação estrangeira nesta pesquisa,
- 3- que comunicarei ao CEP-UFPI os eventuais eventos adversos ocorridos com o voluntário,
- 4- que apresentarei relatório anual e final desta pesquisa ao CEP-UFPI,
- 5- que retirarei por minha própria conta os pareceres e o certificado junto à secretaria do CEP-UFPI.

Atenciosamente,

**Pesquisador**

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: Maria Vilani Cosme de Carvalho

CPF: 260.723.863-34

Instituição: Universidade Federal do Piauí/UFPI

Área: Educação

Departamento: Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEd

## APÊNDICE J

**Declarações dos(s) Pesquisador(es)**

Ao Comitê de Ética em Pesquisa - CEP  
Universidade Federal do Piauí

Nós, Maria Vilani Cosme de Carvalho e Isana Cristina dos Santos Lima, pesquisadoras responsáveis pela pesquisa intitulada “Significados e sentidos do mal-estar docente: o que pensam e sentem professores em início de carreira”, declaramos que:

- Assumimos o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 196/96, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99, 303/2000, 304/2000 e 340/2004).
- Assumimos o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- Os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos voluntários;
- Os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade da Dra. Maria Vilani Cosme de Carvalho orientadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI; que também será responsável pelo descarte dos materiais e dados, caso os mesmos não sejam estocados ao final da pesquisa.
- Não há qualquer acordo restritivo à divulgação pública dos resultados;
- Os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de publicações em periódicos científicos e/ou em encontros científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa;
- O CEP-UFPI será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- O CEP-UFPI será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos resultantes desta pesquisa com o voluntário;
- Esta pesquisa ainda não foi total ou parcialmente realizada.

Teresina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Pesquisador responsável (assinatura, nome e CPF)

---

Demais pesquisadores (assinatura, nome e CPF)

## APÊNDICE K

**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

**Título do projeto:** Significados e sentidos do mal-estar docente: o que pensam e sentem professores em início de carreira.

**Pesquisador responsável:** Maria Vilani Cosme de Carvalho

**Instituição/Departamento:** UFPI/PPGE

**Telefone para contato:** (86) 3237-1214

**Local da coleta de dados:** CMEI Vila Pantanal II

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados a partir de entrevistas estruturadas, entrevista narrativa e observação direta das práticas pedagógicas dos professores da CMEI Vila Pantanal II. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no PPGE/CCE por um período de 12 meses sob a responsabilidade da Sr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho. Após este período, os dados serão destruídos.

Teresina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Vilani Cosme de Carvalho